



Universidade Estadual de Feira de Santana
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

MAYSA ALMEIDA ASSIS

**A REALIZAÇÃO DE /t, d/ DIANTE DE [i] NO INTERIOR DO RIO
GRANDE DO SUL – DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO
DO BRASIL**

Feira de Santana-BA
2026



Universidade Estadual de Feira de Santana
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

MAYSA ALMEIDA ASSIS

**A REALIZAÇÃO DE /t, d/ DIANTE DE [i] NO INTERIOR DO RIO
GRANDE DO SUL – DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO
DO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira

Feira de Santana-BA
2026

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

A866

Assis, Maysa Almeida

A realização de /t, d/ diante de [i] no interior do Rio Grande do Sul – dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. / Maysa Almeida Assis. – 2026.
133 f.: il.

Orientadora: Josane Moreira de Oliveira

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Feira de Santana, 2026.

1.Sociolinguística. 2.Dialetologia. 3.Geolinguística. 4.Palatalização.
5. Articulação palatal. I. Oliveira, Josane Moreira de, orient. II. Universidade
Estadual de Feira de Santana. III. Título.


CDU 801:30

TERMO DE APROVAÇÃO


ASSIS, Maysa Almeida. **A realização de /t, d/ diante de [i] no interior do Rio Grande do Sul – dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. 2026. 133f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2026.

Aprovada em: 9 de fevereiro de 2026


BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 **JOSANE MOREIRA DE OLIVEIRA**
Data: 16/04/2026 11:24:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Josane Moreira de Oliveira
Universidade Estadual de Feira de Santana
Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **JACYRA ANDRADE MOTA**
Data: 15/04/2026 22:42:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Jacyra Andrade Mota
Universidade Federal da Bahia
Membro externo

Documento assinado digitalmente
 **JOANA GOMES DOS SANTOS FIGUEIREDO**
Data: 16/04/2026 09:49:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Joana Gomes dos Santos Figueiredo
Universidade Estadual de Feira de Santana
Membro interno

Aos meus primeiros e mais importantes mestres, meus pais, cujos ensinamentos não cabem em referenciais teóricos ou títulos acadêmicos, mas vivem em mim como fundamento de tudo o que sou.

Tudo é diverso no universo. Inclusive os usos da língua. Em todas as interações, os usuários da língua convivem com a variação, que é uma propriedade inerente a qualquer língua (viva) e pode observar-se quer sincronicamente, manifestando-se quer como diversidade dialetal ou sociolinguística, quer historicamente, revestindo, então, a feição de mudança linguística. (Paim, 2019, p. 29)

AGRADECIMENTOS

Das mais de cem páginas de dissertação, esta talvez seja a que mais demorei a escrever, não porque as pessoas que aqui são mencionadas sejam difíceis de descrever, mas porque não encontro palavras que alcancem a grandiosidade daqueles que trilharam o caminho do Mestrado e da vida comigo.

Começo, então, agradecendo a quem é o início, o meio e o fim, o perfeito autor da minha vida: Papai do céu. Mesmo diante das minhas fraquezas, meus medos, dúvidas, diante da minha fragilidade e dos meus questionamentos, és a luz que me guia, me protege, me ama, me acolhe, me direciona e guarda. Sem ti, nada!

Aos meus pais, Edna e Sedivaldo, que me ensinaram que o trabalho dignifica e a educação transforma. Meu pai, pedreiro, construiu com esforço muito mais do que paredes; construiu possibilidades. Minha mãe, dona de casa, sustentou com amor e dedicação o espaço onde meus sonhos puderam crescer. Agradeço por terem sido a minha força nos dias em que me sentia impotente, a confiança nos dias que me sentia incapaz, a certeza nos dias em que as dúvidas pairavam. Cada seção desta dissertação repousa sobre o esforço, o amor e a confiança que sempre depositaram em mim. Nada disso existiria sem vocês!

Ao meu amor, Ian Henrique, que há oito anos, quando éramos apenas dois adolescentes no Ensino Médio, me escolheu para dividir os sonhos, as conquistas e os desafios e desde então, em cada etapa da vida, acreditou em mim muito mais do que eu mesma. Este Mestrado também carrega a força do nosso amor, dos planos que construímos para o futuro e da certeza de que seguir ao seu lado torna qualquer caminho mais possível.

À minha família, que torce incansavelmente por mim. Tudo o que faço e alcanço leva o nome, o incentivo e a força de cada um de vocês. Aos meus tios e tias, primos e primas, vó e vô, minha base sólida de amor e coragem, meu muito obrigada!

Aos meus companheiros essenciais de caminhada, os grandes amigos e presentes que a UEFS me deu, sem os quais esta trajetória seria tão menos agradável: Maria Gabriela, Maiky, Gabriela Santana, Eliziane, Beatriz Ferreira e Beatriz Linhares. Cada escuta, abraço, gargalhada e até mesmo os silêncios me salvaram um pouco, afinal é isso que os amigos fazem. Agradeço também a Mônica e Thaianne, que, ao dividirem o curso de Mestrado comigo, dividiram também os pesos e as delícias desses dois anos. Obrigada pela presença e apoio constante! As vitórias de vocês são também as minhas.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da UEFS, pela acolhida e pelos valiosos ensinamentos, regados de responsabilidade e afeto.

À minha orientadora, Profa. Dra Josane Moreira de Oliveira, que viu naquela menina do sétimo semestre da graduação as potencialidades necessárias para adentrar no mundo da pesquisa e, mais que apenas ver, ensinou e incentivou. As portas do Mestrado se abriram naquela simples pergunta que me fez quando isso sequer passava pela minha cabeça: “E a seleção do Mestrado, vai tentar? Você tem tudo pra conseguir!”. Obrigada!

À professora Huda Santiago, pela ilustre orientação dos anteprojetos, mas, mais do que isso, pela sua doçura, seu carinho e sua humanidade, que tantas vezes são um respiro em meio ao ambiente acadêmico, por vezes tão ríspido.

Às professoras Jacyra Mota e Joana Figueiredo, pela atenção e cuidado com que leram meu trabalho desde a banca de qualificação, as assertivas sugestões e todas as excelentes contribuições. É um prazer tê-las em minha banca avaliadora.

À equipe do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, pela disponibilização do *corpus*.

À FAPESB, pelo fomento à minha pesquisa.

A todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho, meu muito obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa investiga a realização das consoantes oclusivas /t, d/ diante da vogal alta [i], fonológica – como em *mentira* e *liquidificador* – ou derivada, casos em que a vogal [i] resulta do alçamento da vogal média /e/ em posição átona – como em *prateleira*, *desvio*, *tomate* e *tarde*. Essas consoantes podem ser articuladas como dentoalveolares ([t, d]) ou como palatalizadas ([tʃ, dʒ]). Os dados foram retirados dos inquéritos disponibilizados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) – a partir da audição dos questionários fonético-fonológico (QFF), semântico-lexical (QSL), morfossintático (QMS) e de outras partes da gravação, com exceção do texto para leitura – aplicados em 16 cidades do interior do Rio Grande do Sul – Três Passos, Erechim, Passo Fundo, Vacaria, Ijuí, São Borja, Flores da Cunha, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Osório, Uruguaiana, Caçapava do Sul, Santana do Livramento, Bagé, São José do Norte e Chuí. Foram entrevistados quatro informantes em cada localidade, distribuídos por sexo e por duas faixas etárias (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), todos com nível fundamental de escolaridade. Após transcritos foneticamente, os dados foram codificados e submetidos ao programa GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005) para processamento estatístico. A partir do controle de variáveis linguísticas e extralinguísticas, foi realizada a análise quantitativa e qualitativa dos dados, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoлогия (Ferreira; Cardoso, 1994; Cardoso, 2002; Cardoso, 2010; Thun, 2017) e da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]). No total, foram encontrados 9.188 dados de /t, d/ diante de [i]. Desse total, 8.303 (90%) foram de realização palatal, enquanto 885 (10%) foram de realização dentoalveolar. As variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes revelaram que o fenômeno é condicionado por fatores internos, sociais e estilísticos, além de apresentar forte correlação com a diatopia.

Palavras-chave: Dialetoлогия; Sociolinguística; Palatalização de /t, d/ diante de [i]; Projeto ALiB; Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

This study investigates the realization of the plosive consonants /t, d/ before the high vowel [i], whether phonological – as in *mentira* and *liquidificador* – or derived, in which cases the vowel [i] results from the raising of the mid vowel /e/ in unstressed position – as in *prateleira*, *desvio*, *tomate*, and *tarde*. These consonants can be articulated as dentoalveolar ([t, d]) or palatalized ([tʃ, dʒ]). The data were taken from surveys made available by the Linguistic Atlas of Brazil Project (ALiB) – based on listening to phonetic-phonological (QFF), semantic-lexical (QSL), morphosyntactic (QMS) questionnaires and other parts of the recording, with the exception of the reading text – applied in 16 cities in Rio Grande do Sul – Três Passos, Erechim, Passo Fundo, Vacaria, Ijuí, São Borja, Flores da Cunha, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Osório, Uruguaiana, Caçapava do Sul, Santana do Livramento, Bagé, São José do Norte, and Chuí. Four informants were interviewed in each location, distributed by gender and two age groups (18 to 30 years and 50 to 65 years), all with elementary school education. After being transcribed phonetically, the data were coded and submitted to the GoldVarb X program (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005) for statistical processing. Based on the control of linguistic and extralinguistic variables, quantitative and qualitative data analysis was performed, based on the theoretical and methodological assumptions of Dialectology (Ferreira; Cardoso, 1994; Cardoso, 2002; Cardoso, 2010; Thun, 2017) and Variationist Sociolinguistics (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]). In total, 9,188 instances of /t, d/ before [i] were found. Of this total, 8,303 (90%) were palatal realizations, while 885 (10%) were dentoalveolar realizations. The variables selected as statistically relevant revealed that the phenomenon is conditioned by internal, social, and stylistic factors, in addition to showing a strong correlation with diatopia.

Keywords: Dialectology; Sociolinguistics; Palatalization of /t, d/ before [i]; ALiB Project; Rio Grande do Sul.

LISTA DE SIGLAS

ALAM	Atlas Linguístico do Amazonas
ALAP	Atlas Linguístico do Amapá
ALERS	Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
ALF	Atlas Linguistique de la France
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALPB	Atlas Linguístico da Paraíba
ALPR	Atlas Linguístico do Paraná
ALS	Atlas Linguístico de Sergipe
ANPOLL	Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
EALMG	Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais
GT	Grupo de Trabalho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
LUAL	A Língua Usada em Alagoas
NURC	Norma Linguística Urbana Culta
PB	Português brasileiro
PEUL	Programa de Estudos dos Usos da Língua
QFF	Questionário fonético-fonológico
QMS	Questionário morfossintático
QSL	Questionário semântico-lexical
RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
VALPB	Variação Linguística na Paraíba
VARSUL	Variação Linguística na Região Sul

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Distribuição da variação de /t/ diante de /i/ no APFB e no ALiB	26
Figura 2: Situação atual dos atlas linguísticos regionais no Brasil	50
Figura 3: População geral da Região Sul no último censo	61
Figura 4: Rede de pontos da Região Sul (Projeto ALiB)	63
Figura 5: Localização de Osório	85
Figura 6: Localização de Caçapava do Sul	87
Figura 7: Localização de Santa Cruz do Sul	88
Figura 8: Localização de Bagé	90
Figura 9: Localização de Uruguaiana	91
Figura 10: Localização de Ijuí	92
Figura 11: Localização de São Borja	93
Figura 12: Localização de Passo Fundo	94
Figura 13: Localização de Santa Maria	95
Figura 14: Localização de Santana do Livramento	96
Figura 15: Localização de Vacaria	97
Figura 16: Localização de Três Passos	98
Figura 17: Localização de Flores da Cunha	99
Figura 18: Localização de Erechim	101
Figura 19: Localização de Chuí	102
Figura 20: Carta da realização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul	104

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição geral dos dados de /t, d/ diante de [i] no interior do Rio Grande do Sul	80
Gráfico 2: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul e ‘Faixa etária’	106
Gráfico 3: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul pelos homens e ‘Faixa etária’	115
Gráfico 4: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul pelas mulheres e ‘Faixa etária’	116

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Periodização dos estudos dialetais brasileiros	47
Quadro 2: Rede de pontos do ALiB (Rio Grande do Sul)	60
Quadro 3: Dados das localidades do Rio Grande do Sul (Rede de pontos da Região Sul – ALiB)	71
Quadro 4: Variáveis controladas na pesquisa	73

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul e ‘Localidade’	84
Tabela 2: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul e ‘Faixa etária’	105
Tabela 3: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul e ‘Sexo’	107
Tabela 4: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul e ‘Natureza da vogal’	108
Tabela 5: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul e ‘Posição da sílaba’...	109
Tabela 6: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul e ‘Sonoridade da consoante’	110
Tabela 7: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul e ‘Tipo de registro’...	111
Tabela 8: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul e ‘Classe de palavras’	112
Tabela 9: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul e ‘Consoante antecedente’	114
Tabela 10: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul e ‘Sexo e Faixa etária’	115
Tabela 11: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul e ‘Localidade e Faixa etária’	117
Tabela 12: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul e ‘Localidade e Sexo’	119
Tabela 13: Percentual de palatalização nas variáveis descartadas	122

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 O PROCESSO DE PALATALIZAÇÃO DE /t, d/ DIANTE DE [i]: UMA REVISÃO DE LITERATURA	21
2.1 A ARTICULAÇÃO PALATAL: O QUE É E COMO OCORRE	21
2.2 A PALATALIZAÇÃO DE /t, d/ DIANTE DE [i] NO BRASIL.....	23
2.2.1 Região Norte.....	23
2.2.2 Região Nordeste	24
2.2.3 Região Centro-Oeste.....	33
2.2.4 Região Sudeste	33
2.2.5 Região Sul	34
2.3 SÍNTESE DO ESTADO DA ARTE	41
3 REFERENCIAL TEÓRICO	43
3.1 A DIALETOLOGIA: BREVE PERCURSO NO MUNDO E NO BRASIL	43
3.1.1 Geolinguística: de método monodimensional a pluridimensional	47
3.2 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: BREVE PERCURSO NO MUNDO E NO BRASIL.....	51
4 METODOLOGIA	58
4.1 O PROJETO ALiB E A CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	58
4.2 PROCEDIMENTOS ADOTADOS NA PESQUISA	60
4.2.1 As comunidades investigadas	61
4.2.1.1 <i>Três Passos</i>	63
4.2.1.2 <i>Erechim</i>	64
4.2.1.3 <i>Passo Fundo</i>	64
4.2.1.4 <i>Vacaria</i>	65
4.2.1.5 <i>Ijuí</i>	65
4.2.1.6 <i>São Borja</i>	66
4.2.1.7 <i>Flores da Cunha</i>	66
4.2.1.8 <i>Santa Cruz do Sul</i>	67
4.2.1.9 <i>Santa Maria</i>	67
4.2.1.10 <i>Osório</i>	67
4.2.1.11 <i>Uruguaiana</i>	68
4.2.1.12 <i>Caçapava do Sul</i>	68

4.2.1.13 <i>Santana do Livramento</i>	69
4.2.1.14 <i>Bagé</i>	69
4.2.1.15 <i>São José do Norte</i>	70
4.2.1.16 <i>Chuí</i>	70
4.2.2 Variáveis controladas na pesquisa.....	72
5 ANÁLISE DOS DADOS	80
5.1 PRIMEIRA RODADA: OS CASOS DE <i>KNOCKOUTS</i>	81
5.2 SEGUNDA RODADA RODADA: AS VARIÁVEIS SELECIONADAS.....	82
5.2.1 Localidade.....	83
5.2.2 Faixa etária.....	105
5.2.3 Sexo.....	106
5.2.4 Natureza da vogal.....	108
5.2.5 Posição da sílaba.....	109
5.2.6 Sonoridade da consoante.....	110
5.2.7 Tipo de registro.....	110
5.2.8 Classe de palavras.....	112
5.2.9 Consoante antecedente.....	113
5.3 CRUZAMENTOS DE VARIÁVEIS.....	114
5.3.1 Cruzamento entre ‘Sexo’ e ‘Faixa etária’.....	114
5.3.2 Cruzamento entre ‘Localidade’ e ‘Faixa etária’.....	117
5.3.3 Cruzamento entre ‘Localidade’ e ‘Sexo’.....	119
5.4 VARIÁVEIS DESCARTADAS.....	122
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS	127

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, de cunho quali-quantitativo, seguindo os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoleologia (Ferreira; Cardoso, 1994; Cardoso, 2002; Cardoso, 2010; Thun, 2017) e da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]), buscou investigar a realização variável das consoantes oclusivas /t, d/ diante da vogal alta [i] – fonológica, como em *mentira* e *liquidificador*, ou derivada, casos em que a vogal resulta do alçamento da vogal média /e/ em posição átona, como em *prateleira*, *desvio*, *tomate* e *tarde* – no interior do Rio Grande do Sul e os seus condicionamentos linguísticos, sociais, estilísticos e diatópicos. Essas consoantes podem ser articuladas como dentoalveolares ([t, d]) ou como palatalizadas ([tʃ, dʒ]).

É fato que, diante da influência das várias línguas e culturas que compuseram o Brasil durante o período da colonização e do contato entre diferentes povos, o português no Brasil assumiu características próprias, tornando-se, assim, uma língua diversa da dos portugueses e apresentando muitas variações. Essas variações, sejam elas no nível fonético, morfossintático, lexical, dentre outros, não ocorrem de forma aleatória, tampouco se situam à parte da conjuntura social.

A palatalização de /t, d/ diante de [i] é considerada uma variante inovadora no português brasileiro (PB), pois não foi herança da variedade portuguesa. Por esse motivo, vem sendo objeto de frequentes estudos que já demonstraram que nos diversos contextos em que aparece, ainda que variem seus índices de frequência de região para região, pode ser condicionada por fatores estruturais e extralinguísticos. Segundo Silva Neto (1986 [1950]), esse fenômeno está associado ao nível social:

A mudança de -e final para -i acarretou uma série de palatalizações mais ou menos pronunciadas à proporção que se baixa ou se sobe na escala social: *fonti*>*fontʃi*, *morti*>*mortʃi*, *poti*>*potʃi*, *podí*>*podʒi*, *verdadi*>*verdadʒi*, *Chili*>*Chilhi*, etc. A mesma palatalização se verifica sempre que há *ti*, *di* (*mintira*>*mintʃira*, *medida*>*midʒida*, *tirar*>*tʃirar*, *tinta*>*tʃinta*) ou *ti*, *di* (*pentiar*>*pentʃiar*, *lendia*>*lendʒia*). (Silva Neto, 1986 [1950], p. 162)

Referente à sua produção articulatória, no PB a palatalização de /t, d/ envolve um processo de assimilação do traço palatal da vogal alta [i] seguinte (Sanches, 2019). Pesquisas anteriores já demonstraram que essa variante inovadora está em expansão no Brasil, aparecendo de forma categórica em algumas capitais do país, como é o caso de Porto Alegre

(cf. Mota; Oliveira, 2023).

Durante o período de colonização, o Rio Grande do Sul recebeu um grande número de imigrantes italianos, especialmente a partir de 1875. Esse contato entre línguas ocasionou mudanças e interferências no sistema dialetal da região, como demonstram Simões e Altino (2019) em pesquisa sobre a realização da vogal média /E/ postônica em áreas do estado, revelando que a preferência pela variação ocorre especialmente em áreas de concentração dos grupos italianos durante o Brasil colônia.

Considerando essas informações e dando continuidade à pesquisa desenvolvida na Iniciação Científica (cf. Assis, 2023), esta investigação – que tem como *locus* o interior do Rio Grande do Sul – se justifica por ter chamado a atenção o fato de Porto Alegre apresentar palatalização categórica, uma vez que a Região Sul recebeu um grande contingente de imigrantes europeus. Dessa forma, aventa-se a hipótese de que esse contexto pode ter influenciado na possível variação das consoantes /t, d/ diante de [i] no interior do Estado, onde há até hoje a concentração de colônias de descendentes desses imigrantes.

Embora a capital do Rio Grande do Sul tenha apresentado resultado categórico para a palatalização, ainda não se dispõe de uma descrição sistemática a respeito da produção da variação de /t, d/ diante de [i] no interior do estado, tampouco dos seus condicionamentos linguísticos e sociais. Além disso, ainda não se sabe se a imigração italiana ou as áreas de fronteira com o Uruguai e a Argentina influenciam de fato na realização do fenômeno nessas localidades. Devido a estas lacunas, esta pesquisa buscou responder à seguinte pergunta: diferentemente de Porto Alegre, há variação na produção de /t, d/ diante de [i] no interior do Rio Grande do Sul?

Além do contexto de interferência da língua italiana, levantada como hipótese para a ocorrência de variação, aventa-se também a hipótese de que nas áreas de fronteira com o Uruguai e a Argentina os pesos relativos para a palatalização são menores, devido ao contato com a língua espanhola. Apesar disso, a terceira hipótese é de que, mesmo em regiões de fronteira que inibem o fenômeno, os jovens favorecem a variante palatal, pois são linguisticamente inovadores e tendem a liderar o processo de mudança nas línguas (Dutra, 2007; Ribeiro, 2018; Assis, 2023; Mota; Oliveira, 2023). Além disso, espera-se que o padrão de gênero das pesquisas que apontam as mulheres como mais favoráveis à palatalização se confirme (Bulcão; Oliveira, 2018; Ribeiro, 2018; Mota; Oliveira, 2023), mesmo em regiões de colonização italiana e de fronteira com países de língua hispânica.

Os dados desta pesquisa foram retirados do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), projeto de escala nacional que, de acordo com Cardoso e Mota (2012),

responde a um desejo dos filólogos e linguistas brasileiros que durante anos assinalaram a importância da elaboração de um atlas linguístico nacional. Assim, a iniciativa de elaboração do atlas, bem como as diversas pesquisas que vêm sendo desenvolvidas utilizando esse *corpus*, ressaltam a relevância do ALiB para o desenvolvimento da descrição do português brasileiro no âmbito da Sociolinguística e da Geolinguística.

Para tanto, com objetivo geral de analisar a realização variável de /t, d/ diante de [i] nas localidades do interior do Rio Grande do Sul, com base no *corpus* do ALiB, identificando seus condicionamentos linguísticos e sociais, traçam-se os seguintes objetivos específicos: (i) mapear qual a realização predominante de /t, d/ diante da vogal [i] no Rio Grande do Sul; (ii) analisar se há diferenças dialetais entre as localidades quanto a esse fenômeno variável; (iii) identificar os condicionamentos linguísticos da variação analisada; (iv) verificar se variáveis extralinguísticas, como faixa etária e sexo do informante, apresentam correlação com a variação analisada.

Dessa forma, esta pesquisa se justifica pela sua contribuição científica, ao fornecer um mapeamento a respeito da realização de /t, d/ diante de [i] no interior do Rio Grande do Sul, em complemento aos resultados já divulgados da capital do estado, contribuindo com o Projeto ALiB no avanço da descrição e do mapeamento do português brasileiro, fornecendo dados empíricos para a composição dos próximos volumes do Atlas.

Além disso, ressalta-se a contribuição social e pedagógica, pois os resultados desta pesquisa devem contribuir para o combate ao preconceito linguístico dentro e fora das salas de aula, especialmente quando se observa que as variantes estigmatizadas só aparecem em posição de inferioridade pelo fato de estarem atribuídas a outros contextos socioculturais, a exemplo da associação com regiões mais pobres, como o Nordeste, e com as classes sociais desfavorecidas ou com os níveis de escolaridade mais baixos.

Seguindo os pressupostos metodológicos da Geolinguística, busca-se também contribuir com a investigação diatópica, de interesse da Dialectologia, que se preocupa com as variações a nível geográfico, especialmente em regiões interioranas. Dar enfoque às regiões que compõem as áreas rurais e as localidades do interior dos estados é dar visibilidade a uma gama de variações linguísticas e de realidades sociais que apenas enriquecem os estudos dialetais e sociológicos. Assim, também espera-se contribuir com os estudos sociolinguísticos, pois esta pesquisa leva em consideração fatores sociais que podem explicar a variação linguística.

A nível de organização, este texto está dividido da seguinte forma: (1) esta Introdução, contendo uma apresentação geral do tema, os objetivos geral e específicos da

pesquisa, a justificativa do tema escolhido, a questão central e as hipóteses da pesquisa e a estrutura geral do trabalho; (2) O processo de palatalização de /t, d/ diante de [i], contendo uma revisão da literatura sobre o processo de palatalização de modo geral no português brasileiro a partir da síntese de trabalhos já realizados, além da apresentação dos principais resultados para a palatalização de /t, d/ diante de [i], divididos pelas regiões do país das quais foram encontradas pesquisas sobre o tema; (3) Referencial teórico, contendo os principais conceitos e métodos da Dialetologia e da Sociolinguística, além de uma breve explanação sobre o desenvolvimento dessas teorias no mundo e no Brasil; (4) Metodologia, contendo as principais informações sobre o ALiB e a constituição do *corpus*, os procedimentos adotados na pesquisa e breves informações sobre as 16 localidades que constituem o *locus* da dissertação; (5) Análise dos dados, expondo os resultados obtidos para a palatalização de /t, d/ diante de [i] nas 16 localidades que compõem o *corpus*, além da explanação e discussão teórica sobre as variáveis selecionadas; (6) Considerações finais, com a síntese dos principais resultados obtidos e, por fim, as referências utilizadas ao longo do texto.

2 O PROCESSO DE PALATALIZAÇÃO DE /t, d/ DIANTE DE [i]: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Nesta seção, referenciamos alguns trabalhos já realizados sobre o processo articulatorio da palatalização. Definimos o processo e apresentamos trabalhos em uma perspectiva geral sobre a palatalização no português do Brasil e registramos os principais resultados encontrados, especificamente, sobre a palatalização das consoantes /t/ e /d/ diante da vogal alta [i], apresentados por regiões do país. Ferreira e Cardoso (1994), ao mencionarem os principais aspectos de preparação para a pesquisa, ressaltam a importância do levantamento de estudos anteriores, visto que, segundo as autoras, “tais leituras visam a dar conhecimento da problemática por outros enfrentada na investigação dialetal e instrumentar o leitor interessado no tratamento das questões com as quais se deparará” (Ferreira; Cardoso, 1994, p. 24). Portanto foram selecionados os principais trabalhos desenvolvidos acerca da temática, para fins de abrangência do conhecimento e instrumentalização dos novos tratamentos dados a partir daqui.

2.1 A ARTICULAÇÃO PALATAL: O QUE É E COMO OCORRE

A articulação palatal no português brasileiro tem sido, já há algum tempo, amplamente investigada em pesquisas linguísticas. De acordo com Câmara Jr. (1977, p. 186), “a palatalização é uma mudança fonética que consiste na ampliação da zona articulatória para a produção de uma consoante, devido ao desdobramento da parte média da língua no palato médio”.

Nascentes (1953 [1922]), em seu livro *O linguajar carioca*, ao descrever as pronúncias de todas as consoantes do PB, afirmou que “D, seguido de y, ou de um e reduzido, palataliza-se”, com destaque para os exemplos: *lêndea-lendya e bonde-bondye* (p. 47). Sobre a consoante /t/, concluiu que: “T – diante de e reduzido e de i, palataliza-se”, como em *monte-montyi* (p. 52). A nível de comparação, o autor relacionou essa articulação fônica característica dos falares do Rio de Janeiro com a língua italiana, especificamente na semelhança entre esses aspectos do português com o g prepalatal explosivo e o e palatal italiano.

Em 1956, no Primeiro Congresso de Língua Falada no Teatro, na cidade de Salvador – Bahia, foram fixadas normas que visavam maior unidade da fala, não necessariamente no estabelecimento de uma norma padrão, mas na propagação da norma culta através dos

programas de rádio, televisão e cinema, como sugeria o professor Celso Cunha sobre a adoção de uma média de falar equidistante de todos os padrões básicos regionais. Sobre a regra da palatalização, essas normas estabelecidas admitiram o uso da consoante /d/ palatalizada antes das letras **e** e **i**, passando à pronúncia [dʒI]. O mesmo ocorreu para a consoante /t/, que também seria palatalizada diante das vogais **e** e **i**, que passaria à [tʃI]. Entretanto, embora esses usos fossem reconhecidos, as normas de 1956 recomendaram fortemente para que fossem evitados no teatro e no canto. Mais tarde, num novo encontro entre cantores e linguistas, ocorrido em 2005, foram admitidos novamente esses usos, dessa vez também no teatro e no canto, mas sob a recomendação de que fossem pronunciados de forma suave.

Cardoso (1993) observou o comportamento da africada palatal surda no *Atlas prévio dos falares baianos* (APFB), no *Atlas lingüístico de Sergipe* (ALS) e no *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais* (EALMG). De acordo com a autora, a africada palatal surda ocorre quando há os seguintes padrões: /i + t + i/, como em *mitigar*, ou em /t + i/, como em *leite*. O fonema pode, ainda, segundo sua pesquisa, apresentar cinco realizações possíveis: oclusiva dental surda, variante apical, particularmente tensa, /t/ palatalizado, aspirado e palatal surda. Em seus resultados, a autora verificou que a variante africada foi registrada em Sergipe, na Bahia e no norte de Minas Gerais, concluindo que a africada palatal surda não pode, de forma genérica, “ser considerada uma continuidade do fonema em curso no português arcaico uma vez que se representa condicionada a diferentes contextos fônicos e representa origens diferenciadas” (Cardoso, 1993, p. 110).

Callou e Brandão (2006), ao tratarem do processo de palatalização no Brasil, relembram que para Teyssier (1997) e Cunha (1986) a palatalização de /t/ e /d/ em posição de ataque silábico é um aspecto inovador do PB. De acordo com as autoras, com esse fenômeno é possível estabelecer áreas dialetais no Brasil, considerando, inclusive, mais de uma variante por região. Em seu levantamento de dados, atestaram, com base nos dados do *Atlas lingüístico do Amazonas* (ALAM), nove localidades do Amazonas e 10 do Pará em que a palatalização de /t/ e /d/ é semicategórica quando a vogal [i] é resultado da neutralização em contexto postônico final – a exemplo de *tomate* – ou quando corresponde a [i] no nível fonológico – como em *mentira*. No contexto de alteamento da média pretônica, /t/ aparece categoricamente como [tʃI], enquanto /d/ pode aparecer tanto como [dʒ] quanto como [d] (Callou; Brandão, 2006, p. 64).

Com base nisso, é possível pensar que, ainda que em Porto Alegre a variante palatal tenha aparecido de forma categórica, muitos fatores sociais e linguísticos podem conduzir

para um comportamento diferente no interior do estado e, inclusive, para a variação dentro das mesmas localidades.

2.2 A PALATALIZAÇÃO DE /t, d/ DIANTE DE [i] NO BRASIL

Esta subseção está subdividida em estudos sobre a palatalização de /t, d/ diante de [i] na Região Norte, na Região Nordeste, na Região Sudeste, na Região Centro-Oeste e, por último, na Região Sul.

2.2.1 Região Norte

No norte do Brasil, Sanches (2019) investigou a palatalização no estado do Amapá, utilizando a metodologia adotada pelo Atlas Linguístico do Amapá (ALAP). As localidades escolhidas foram Macapá, Santana, Mazagão, Laranjal do Jarí, Pedra Branca do Amapari, Porto Grande, Tartarugalzinho, Amapá, Calçoene e Oiapoque. Em cada localidade, foram inquiridos 40 informantes, divididos em duas faixas etárias (18-30 anos e 50-75 anos) e pelos dois sexos. As palavras utilizadas para a coleta dos dados foram *dia*, *tarde*, *desvio* e *perdida*, cujo principal objetivo era verificar a ocorrência de /d/ diante de [i].

Os resultados obtidos apontaram que a palatalização de /d/ diante de [i] foi documentada em todas as cidades e foi categórica nas cidades de Laranjal do Jarí e Calçoene. Em Tartarugalzinho e Oiapoque, a articulação palatal foi semicategórica, com um percentual de 94%, enquanto nas demais aparecem com um percentual menor. Em relação às variáveis sociais, a pesquisa revelou que as duas variáveis incluídas na pesquisa não apresentaram correlação com a palatalização de /d/ diante de [i]. Tanto os homens quanto as mulheres, sejam mais velhos ou mais jovens, utilizam a variante palatalizada.

Oliveira (2023) também investigou o fenômeno da palatalização na Região Norte, mais especificamente na comunidade quilombola Maria Ribeira, localizada na cidade de Gurupá, no Pará. O *corpus* foi composto a partir de relatos de experiência de 12 informantes, estratificados por faixa etária (18-25 anos, 26-45 anos e acima de 45 anos), sexo (feminino e masculino) e escolaridade (escolarizados e não escolarizados). É importante destacar que os informantes escolhidos para a pesquisa haviam nascido e crescido na comunidade e eram filhos de pais que também nasceram e viveram por ali, além do critério de não terem se afastado da comunidade por mais de três anos. A análise considerou, além de fatores linguísticos, fatores sociais, como sexo, faixa etária e escolaridade.

Foram coletadas, ao todo, 2.470 ocorrências de /t, d/ diante de [i], das quais 2.462 foram de realização palatal, representando 93,6%, contra 6,4% de realização não palatal. Logo é possível dizer que a palatalização é uma forte característica da fala da comunidade. Em relação às variáveis sociais, os resultados demonstraram que a palatalização ocorre tanto na fala dos homens quanto das mulheres, entretanto as mulheres, como já esperado, apresentaram um maior índice, com peso relativo de 0,63, enquanto, para os homens, o peso relativo foi de 0,32. Além disso, os jovens também apresentaram maior índice de palatalização. A faixa A, composta pelos falantes entre 18 e 25 anos, apresentou peso relativo de 0,61; a faixa B, composta pelos informantes de 26 a 45 anos, peso relativo de 0,55; enquanto a faixa C, com os informantes acima de 45 anos, teve apenas 0,20 de peso relativo. Esses dados convergem com outros já obtidos em outras pesquisas, apontando que as mulheres e os mais jovens tendem a utilizar em maior número a variante palatal. Em relação às variáveis linguísticas, o fator ‘consoante nasal dental [n]’¹ mostrou-se como regra categórica para a palatalização. Além disso, a consoante surda /t/ apresentou-se como fator linguístico de peso relativo 0,78, maior do que a consoante sonora /d/.

Mota e Oliveira (2023) analisaram a palatalização de /t, d/ diante de [i] em todas as capitais nortistas a partir de dados do ALiB. As autoras procederam a duas análises, separando a vogal /i/ fonológica, como em *tio* e *dia*, e a vogal [i] derivada, como em *prateleira* e *desvio*.

Sobre a vogal fonológica, constataram que em Belém e Rio Branco a palatalização é categórica. Nas demais capitais da Região Norte – Macapá, Boa Vista, Manaus e Porto Velho –, a regra é semicategórica, atingindo 99% dos dados.

Assim, pode-se verificar que na Região Norte o processo de palatalização das oclusivas sob análise está bastante avançado.

2.2.2 Região Nordeste

Carmo e Baia (2014) investigaram o fenômeno da palatalização de /t, d/ diante de [i] no falar do interior da Bahia. Com base na fonologia do uso, cujo pressuposto é o de que não se espera encontrar homogeneidade fônica em uma mesma comunidade referente a um fenômeno específico, as autoras coletaram dados de duas cidades, Macaúbas e Vitória da

¹ O autor fala em ‘consoante nasal dental’ referindo-se a contexto que sucede *ti/di*, utilizando como exemplo a palavra *gelatina*. Nesta pesquisa, chamamos essa variável de ‘nasalidade da vogal’; nesse caso, a vogal nasal favoreceu a palatalização de forma categórica.

Conquista. Deve-se destacar que não ficam evidentes no trabalho os motivos que levaram à escolha das localidades.

Metodologicamente, os critérios envolvidos para a escolha dos informantes foram: falantes nativos do município de Macaúbas que estão em duas circunstâncias: 1. Os que nunca saíram do município; 2. Os que residem na cidade de Vitória da Conquista, cidade que, segundo as autoras, tem a palatalização das oclusivas alveolares como característica (Carmo; Baia, 2014). Para a coleta de dados foram inquiridos 12 informantes, sendo três homens e três mulheres que residem em Macaúbas e três homens e três mulheres que residem em Vitória da Conquista. O *corpus* foi constituído a partir de gravações em que os informantes deveriam pronunciar palavras e frases que continham o fenômeno investigado.

Os resultados apontaram que, com base nas circunstâncias de fala, a maior ocorrência foi da forma palatalizada, seguida das oclusivas aspiradas e, por fim, das oclusivas alveolares diante de vogal alta anterior. Uma análise social permitiu concluir que 80% da produção de homens que nunca saíram de Macaúbas palatalizaram o /t/ diante de [i] em contexto de palavras isoladas e de frases. Esse valor está em equidade com os dados produzidos pelas mulheres no contexto de palavra e superior ao produzido por elas em contexto de frase, que equivale a um percentual de 50% do alofone [tʰ]. Já na produção de /d/ seguido de [i], houve aspiração² nos dois sexos, predominando no grupo masculino.

Para os informantes residentes de Vitória da Conquista, quando /t/ aparece diante de [i] em frases, palatalizou-se em 80% e, no contexto de palavras, 60% para homens. Já as mulheres palatalizaram em 80% em contexto de frases e 70% em contexto de palavras. Na produção de /d/ diante de [i], houve, também, aspiração nos dois grupos, havendo predominância no grupo masculino. Conclui-se, portanto, que é um fenômeno variável nas duas cidades e que há palatalização forte em Macaúbas.

Entre os anos de 1960-1962, pôs-se em prática a coleta de dados do *Atlas prévio dos falares baianos* (APFB), cujo objetivo principal era mapear a variação linguística em localidades do interior do Estado da Bahia. Coordenado pelo professor Nelson Rossi, o APFB é o primeiro atlas do Brasil, sendo ele de cunho monodimensional, com uma rede de pontos composta por 50 localidades. O questionário aplicado aos informantes conteve 182 perguntas e a seleção de informantes, por questões de dificuldade de acesso a algumas regiões, não ocorreu de forma estratificada por sexo e faixa etária. Embora a preferência fosse de que inquirir mais de um informante por localidade, em algumas delas foram

² Realização da clusiva aspirada.

inquiridos dois, em outras três, em outras apenas um informante e em Vila de Abrantes, um total de seis informantes. Todos os sujeitos eram analfabetos ou semialfabetizados.

Concernente à variação da oclusiva /t/ diante da vogal [i] nessa região, Ribeiro (2018) compara os dados encontrados no APFB com os dados encontrados no ALiB. Seu levantamento baseou-se mais especificamente na Carta 99 do APFB, equivalente à resposta *feiticeiro*, e no *corpus* do Projeto ALiB, referente às respostas recortadas da questão 149 do Questionário Semântico-Lexical (Comitê Nacional..., 2001), que é: *O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?*, cuja resposta esperada é *feitiço*. Para fins de comparação, a autora utilizou os dados das localidades comuns aos dois atlas: Barra, Itaberaba, Jacobina, Jeremoabo, Santana, Caetité, Carinhanha, Vitória da Conquista e Santa Cruz Cabrália.

A autora confrontou os resultados obtidos para a pronúncia de /t/ na palavra *feiticeiro*, no APFB, e em *feitiço* no ALiB, e observou que houve uma espécie de mudança entre os períodos de tempo dos dois atlas. Enquanto no APFB não foi documentada nenhuma ocorrência palatal, apenas dentoalveolar, o ALiB já identificou variação referente ao fenômeno, como se observa na imagem abaixo, retirada do trabalho de Ribeiro (2018):

Figura 1: Distribuição da variação de /t/ diante de /i/ no APFB e no ALiB

LOCALIDADE	REALIZAÇÃO APFB (ROSSI, 1963)	REALIZAÇÃO CORPUS PROJETO ALiB
BARRA	[fiti'seru]	[fej'tiso] [fej'tiso]
ITABERABA	[fiti'seru] [feti'seru]	[fe'ʔiso] [fej'tiso]
JEREMOABO	[fiti'seru] [fejti'seru]	[fej'tiso] [fejti'serə] [fej'tiso]
SANTANA	[fejti'seru]	x
CAETITÉ	[fejti'seru]	x
CARINHANHA	x	[fi'tiso]
VITÓRIA DA CONQUISTA	x	[fej'tiso] [fej'tiso] [fej'tiso]
SANTA CRUZ CABRÁLIA	[fiti'seru] [feti'seru]	[fej'ʔiso] [fej'ʔiso] [fej'ʔiso] [fej'ʔiso]

Fonte: Ribeiro, 2018, p. 26.

Desse modo, observa-se que, no interior baiano, aparentemente houve um processo de mudança entre o período de levantamento dos dados dos dois projetos. Aos poucos, a

palatalização, antes não documentada, o que caracterizava o interior da Bahia apenas pela realização dentoalveolar, foi aparecendo. Esses dois momentos, quando em comparação, servem para alimentar as pesquisas dialetais, que buscam não apenas identificar a variação como também traçar os caminhos da mudança.

Ainda sobre a Região Nordeste, Ribeiro (2018), também utilizando dados do Projeto ALiB, analisou o fenômeno no interior da Bahia, seguindo o aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa, além dos aspectos metodológicos da Geolinguística Pluridimensional e da metodologia já posta pelo ALiB.

A pesquisa considerou 21 cidades do interior baiano que integram a Rede de Pontos do ALiB, sendo elas e seus respectivos pontos: Barreiras (87), Santana (92), Barra (84), Carinhanha (97), Juazeiro (81), Irecê (85), Itaberaba (90), Jacobina (86), Alagoinhas (88), Euclides da Cunha (83), Jeremoabo (82), Santo Amaro (91), Caetité (96), Itapetinga (100), Jequié (95), Seabra (89), Vitória da Conquista (98), Caravelas (102), Ilhéus (99), Santa Cruz Cabrália (101) e Valença (94). Metodologicamente, os dados foram retirados do questionário fonético-fonológico (QFF) e do questionário semântico-lexical (QSL).

Os resultados obtidos apontaram que a palatalização na Bahia é um fenômeno diatópico, com 10 cidades favorecendo a variante inovadora: Jequié, Santo Amaro, Ilhéus, Itapetinga, Caravelas, Santa Cruz Cabrália, Valença, Vitória da Conquista, Caetité e Itaberaba. De acordo com a autora, a pronúncia palatal é forte em algumas áreas da Bahia, como na Costa do Dendê, ao Sul do Estado, por exemplo, onde se observam registros como *djendjê* (Ribeiro, 2018, p. 76).

Nas demais áreas de predominância palatal, a sócio-história das localidades pode ser crucial para explicar o fenômeno. Em Santo Amaro, por exemplo, localidade onde a palatalização se deu de modo semicategórico, com 97,3%, destaca-se a sua proximidade com a capital, Salvador, cuja única variante encontrada é a palatal. Nas localidades da mesorregião Centro Sul, outros fatores podem ser considerados, como, por exemplo, a passagem de viajantes e tropeiros que descansavam em Caetité, a movimentada feira de Jequié, que atraía pessoas de várias localidades e a relação intrínseca de Itapetinga e Vitória da Conquista, a partir da exploração de metais valiosos.

Os demais resultados apontam que, na análise de faixa etária, os mais jovens favorecem a palatalização com peso relativo de 0,599. Referente ao sexo, as mulheres favorecem a articulação palatal com 0,560. No que tange às variáveis linguísticas, a consoante antecedente fricativa (com peso de 0,668), a consoante surda /t/ (com peso de 0,543), a vogal fonológica (com peso relativo de 0,658), a sílaba postônica final (com peso

de 0,599) e a vogal antecedente /a/ (com peso de 0,586) favorecem a palatalização, como demonstrado pela autora:

[...] o fenômeno está mais presente nas mulheres jovens e nas áreas que abrangem o Centro Sul e o Sul Baiano, além da região Metropolitana de Salvador e uma localidade do Centro Norte Baiano. Quanto aos aspectos linguísticos, a vogal alta fonológica se coloca como favorecedora, apresentando um percentual de 72.7% e 0.658 de peso relativo. Quando separado o fenômeno por contexto de natureza da vogal, as variáveis linguísticas selecionadas no âmbito da vogal derivada foram a tonicidade e o vozeamento, enquanto que, na vogal fonológica, a consoante antecedente e a vogal antecedente é que favoreceram a aplicação da palatalização na área considerada. (Ribeiro, 2018, p. 8)

Ainda segundo a autora, “a palatalização na Bahia revelou-se como um fenômeno diatópico, que varia conforme a procedência geográfica do falante” (Ribeiro, 2018, p. 104) e

[...] a faixa etária mais jovem e o sexo feminino são as variáveis sociais que têm favorecido a aplicação da palatalização na Bahia, a partir do *corpus* do Projeto ALiB. Por essa razão, acredita-se que o fenômeno em estudo pode estar caminhando rumo à mudança, uma vez que sua predominância está entre as mulheres jovens. (Ribeiro, 2018, p. 104)

Com isso, é possível pensar no favorecimento já demonstrado entre mulheres e informantes jovens para a palatalização.

Seguindo a Sociolinguística Laboviana, Bulcão e Oliveira (2018) também investigaram o processo de palatalização de /t, d/ nas cidades de Caruaru e Garanhuns, ambas localizadas no interior do Pernambuco. Os dados da pesquisa foram retirados do *corpus* do Projeto ALiB e as autoras seguiram a metodologia proposta por ele, considerando oito informantes, sendo quatro de cada localidade, estratificados por sexo e faixa etária (18 a 30 anos; 50 a 65 anos). Foram controladas variáveis linguísticas e sociais, além da variável diatópica.

Os 3050 dados revelaram que as localidades em análise são caracterizadas pela pronúncia dentoalveolar de /t, d/ diante de [i], o que equivale a um percentual de 82,5%, enquanto a realização palatal alcançou apenas 17,5%. As variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes, nesse caso, foram, por ordem de importância: 1. Consoante antecedente: as palatais [j, ʒ] favorecendo, enquanto as sibilantes [s, z] e a laríngea [h] inibindo o processo; 2. Tonicidade da sílaba: átonas favorecendo e tônicas inibindo o

processo; 3. Vogal precedente: com apenas o /u/ inibindo, enquanto as demais vogais favorecendo o processo, com destaque para o /i/, que foi a vogal com maior peso relativo; 4. Natureza da vogal: com a vogal fonológica favorecendo e a derivada inibindo o processo; 5. Classe de palavras: com apenas preposições e verbos favorecendo a palatalização; 6. Natureza da consoante: com a surda /t/ favorecendo e a sonora /d/ inibindo o processo; 7. Localidade: com Garanhuns favorecendo e Caruaru inibindo o processo; 8. Faixa etária: com a faixa 1 inibindo e a faixa 2 favorecendo o processo; e, por fim, 9. Sexo: com as mulheres favorecendo e os homens inibindo a palatalização.

Nesse sentido, foi constatado que, embora as localidades sejam caracterizadas pela não palatalização das oclusivas, alguns contextos podem favorecer essa produção. Palavras como, por exemplo, *pro[ftfi]tuta*, com a consoante palatal precedente, é um desses contextos favorecedores. No caso da tonicidade da sílaba, confirmou-se a hipótese levantada pelas autoras de que as sílabas átonas favoreciam a palatalização, pois as tônicas requerem mais tensão articulatória, o que favoreceria a articulação dos fones considerados padrão pela comunidade. No que concerne à natureza da vogal, também se confirmou a hipótese de que a vogal fonológica favorece o fenômeno, já que sua realização é categórica, enquanto no contexto derivado, a realização varia. Quanto à classe de palavras, a alta produtividade da preposição “de” no *corpus*, responsável pela maioria dos dados, perdendo apenas para os substantivos, levou esse fator a ser o maior favorecedor da palatalização. Em relação à natureza da consoante, o /t/ favorece, enquanto o /d/ inibe o processo. Em relação à faixa etária, a hipótese das autoras foi descartada e os resultados foram opostos aos resultados já encontrados em outras investigações, pois os mais velhos favoreceram a palatalização, fato explicado pelo fato de os mais jovens das localidades não serem tão adeptos às viagens e aos meios de comunicação, por fatores como, por exemplo, o trabalho. Os mais velhos, por sua vez, mantinham o hábito de assistirem TV, ouvirem rádio, frequentarem igrejas e possuírem filhos em outras cidades, o que permitia um maior contato com a variante de prestígio. Em relação ao sexo, por fim, a hipótese aventada pelas autoras se confirmou, com as mulheres favorecendo a palatalização, sendo consideradas linguisticamente inovadoras (Bulcão; Oliveira, 2018).

Assis (2023), ao investigar o fenômeno em duas cidades do interior do Ceará, Sobral e Iguatu, a partir do *corpus* do ALiB, concluiu que, dos 612 dados encontrados, tanto em contexto fonológico quanto derivado, 452 (74%) foram de realização palatal, enquanto 160 (26%) foram da variante dentoalveolar. As variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes foram, nesta ordem: 1. Localidade, confirmando o fator diatópico; 2. Faixa etária,

apontando a mudança em curso; 3. Classe de palavras; 4. Natureza da vogal; e 5. Tipo de registro.

A cidade de Sobral favoreceu a palatalização, enquanto Iguatu a inibiu. De acordo com a autora, isso pode ter ocorrido devido à proximidade entre Sobral e Fortaleza, capital do estado, cuja palatalização ocorre de forma categórica (cf. Mota; Oliveira, 2023). Em relação à faixa etária, os mais jovens favoreceram o fenômeno, com peso relativo de 0,761, em conformidade com as demais pesquisas já realizadas até então. A variável classe de palavras indicou os substantivos como única classe a favorecer a palatalização, com peso relativo de 0,695, mas, em termos percentuais, a variante palatal predominou em todas as classes, com exceção dos pronomes, que apresentaram 50% de cada variante. No que se refere à natureza da vogal, o [i] derivado apresentou grande número de ocorrências e, com isso, favoreceu a pronúncia palatal e, por fim, na variável tipo de registro, que controlou as partes do inquérito mais e menos monitoradas, notou-se que no QFF e QSL, considerados mais monitorados, a palatalização foi mais frequente, enquanto nas demais partes da entrevista, quando o falante apresentava uma fala mais “livre”, essa variante foi inibida. De acordo com a autora,

Sabe-se que em um contexto de variação, há sempre, por inúmeros fatores, elementos que parecem dividir essas formas distintas de “dizer a mesma coisa” em duas categorias: a variante de prestígio e a variante estigmatizada ou a variante conservadora e a variante inovadora. Esse fato tem relação não apenas com aspectos linguísticos mas também, e principalmente, com fatores sociais. Os usos da língua adjetivados como “errados”, “feios” e/ou “engraçados” estão sempre atribuídos aos usos que não correspondem à norma padrão da língua e que são utilizados, majoritariamente, por falantes de baixa escolaridade, mais velhos, de classe baixa e de regiões do país vistas, erroneamente, como menos desenvolvidas, a exemplo do Nordeste. (Assis, 2023, p. 31)

E portanto:

Diante das duas formas possíveis de produção de /t, d/ diante da vogal [i], há um certo prestígio associado à realização palatal, enquanto a dentoalveolar é socialmente estigmatizada. Esse fato contribuiu para que, durante os inquéritos, especialmente nos questionários mais monitorados, boa parte dos entrevistados optasse pela palatalização das consoantes, em uma possível tentativa de se aproximar da fala da entrevistadora. Entretanto, nos momentos de fala mais livre, durante o QMS ou ao longo das outras partes do inquérito, ao responderem perguntas mais longas, muitos acabaram por realizar as consoantes dentoalveolares do seu vernáculo. (Assis, 2023, p. 31)

Não se pode afirmar de forma categórica que, de fato, existiu, nesses casos, uma tentativa de aproximação à norma do inquiridor, mas se levantou essa hipótese devido à tentativa de aproximação à norma que se sabe ser padrão, mesmo por aqueles que não a utilizam cotidianamente.

Ainda no Estado do Ceará, Sales Filho (2024) investigou a palatalização nas cidades de Ipu e Tauá, também a partir de dados do Projeto ALiB. O autor levantou um total de 578 ocorrências de /t, d/ diante de [i], das quais 547 (94,6%) de realização palatal.

A rodada de pesos apresentou uma informação interessante: apenas uma variável, dentre as treze investigadas, apresentou importância estatística para favorecimento do fenômeno investigado. A ‘Localidade’ foi a única variável selecionada pelo programa GoldVarb X, confirmando a hipótese levantada pelo autor de que o fenômeno é, sobretudo, diatópico. Desse modo, Ipu apresentou peso relativo de 0,759, favorecendo a palatalização, enquanto Tauá ficou com 0,208, inibindo o processo. Esse favorecimento da cidade de Ipu, de acordo com o autor, pode estar relacionado à maior proximidade com Fortaleza, capital do estado, que apresenta palatalização categórica (cf. Mota; Oliveira, 2023).

Freitas (2024) levantou dados de duas localidades do interior do Piauí, nas comunidades de Picos e Corrente, que também fazem parte da rede de pontos do Projeto ALiB. A autora levantou um total de 940 ocorrências de /t, d/ diante de [i] em contexto fonológico e derivado. Desses dados, 646 (68,7%) foram de realização palatal e 294 (31,3%) de realização dentoalveolar.

Na seleção de variáveis relevantes para o favorecimento da palatalização, foram selecionadas as seguintes variáveis, por ordem de importância: ‘Localidade’, ‘Parte do inquirido’, ‘Sonoridade da consoante’, ‘Sexo’, ‘Posição da sílaba’ e ‘Classe de palavra’.

Em relação à primeira variável, a cidade de Corrente favoreceu a palatalização, com peso relativo de 0,691, enquanto Picos a inibiu, com peso relativo de 0,273, revelando variação diatópica. De acordo com a autora, Corrente está localizada próximo ao Estado da Bahia, local onde há altos níveis de palatalização (cf. Ribeiro, 2018), o que pode ter favorecido o fenômeno na localidade.

Em relação à ‘Parte do inquirido’, segunda variável selecionada, foi concluído que as partes menos monitoradas (QFF e QSL) favorecem a palatalização, com peso relativo de 0,606, enquanto as partes mais monitoradas tendem a inibi-la, com peso relativo de 0,396. A respeito disso, Freitas (2025) destaca a relação entre a variante palatal e a norma de prestígio, levando, muitas vezes, os falantes a preferirem, em situações formais, utilizá-la.

Já em relação à ‘Sonoridade da consoante’, a análise revelou que a consoante surda /t/ é mais favorável à palatalização, com peso relativo de 0,628, enquanto a sonora /d/ tende a inibi-la, com peso de 0,402.

A variável ‘Sexo’ também confirmou a hipótese inicial da autora, de que as mulheres favorecem a variante inovadora. Nesse cenário, as mulheres apresentaram peso relativo de 0,602, enquanto os homens inibiram o fenômeno, com peso relativo de 0,339. Sobre isso, a autora destacou o sexo como um construto social, que não está limitado apenas ao biológico, mas, sobretudo, às normas sociais, culturas, comportamentos e papéis associados aos homens e às mulheres. Portanto esse resultado converge com muitos outros encontrados anteriormente, que revelam a liderança feminina diante do uso da variante palatal.

A penúltima variável selecionada foi ‘Posição da sílaba’, revelando que as sílabas mediais favorecem a palatalização, com peso relativo de 0,739, enquanto a inicial e a final a inibem, com pesos relativos de 0,487 e 0,420, respectivamente. Observando trabalhos anteriores, Freitas (2025, p. 37) destaca: “percebe-se um padrão regional consistente: a palatalização de /t, d/ diante de [i] tende a ocorrer com maior frequência quando os segmentos estão em posição medial da palavra”.

Por fim, a última variável selecionada foi ‘Classe de palavras’. Nesse caso, três classes favoreceram a realização palatal: numeral (peso relativo de 0,775), substantivo (peso relativo de 0,544) e preposição (peso relativo de 0,538). As demais inibiram o processo. A autora destaca que os dados evidenciam que quanto mais alta a frequência de determinadas classes no discurso, maior o favorecimento da palatalização.

Sobre as capitais nordestinas, Mota e Oliveira (2023) atestaram a realização palatalizada categórica em São Luís, Fortaleza e Salvador. Em Teresina, as autoras constaram regra semicategórica da palatalização para a vogal fonológica (98%) e realização palatal em 91% dos dados da capital piauiense.

Já as capitais Natal, João Pessoa, Recife, Maceió e Aracaju inibem a palatalização de /t, d/ tanto diante da vogal fonológica quanto diante da vogal derivada. Segundo as autoras, essas capitais nordestinas “são historicamente mais rurais que urbanas, vilas, portos de mar ou pontos de comércio ou simples sedes de burocracia, menos centros de irradiação do que núcleos de subordinação ao engenho, de sujeição ao açúcar” (Mota; Oliveira, 2023, p. 120), o que explica seu conservadorismo. Além disso, a defesa dos portugueses contra as investidas francesas e holandesas em Natal, João Pessoa e Recife pode ser considerada um importante fator na permanência da variante conservadora (Mota; Oliveira, 2023, p. 120).

2.2.3 Região Centro-Oeste

Sobre a palatalização de /t, d/ diante de [i] na Região Centro-Oeste, encontramos apenas o trabalho de Mota e Oliveira (2023), em que foram analisadas as capitais brasileiras contempladas pelo Projeto ALiB (que não inclui Brasília, a capital do Distrito Federal).

Sobre Goiânia, capital de Goiás, a partir da análise de dados do ALiB, as autoras constataram realização categórica da variante palatalizada diante da vogal /i/ fonológica e realização semicategórica dessa variante (97%) diante da vogal derivada [i].

Em Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, também prevalece a realização palatal, que atinge 98% dos dados com vogal fonológica e 94% dos dados com vogal derivada.

Já em Cuiabá, capital do Mato Grosso, segundo as autoras, a realização palatal é inibida, com peso relativo de 0,132 (embora com percentual de 51% dos 176 dados) diante da vogal fonológica e com peso relativo de 0,123 (34% dos 372 dados) diante da vogal derivada.

As autoras justificam o alto índice de realização dentalveolar de /t, d/ diante de [i] em Cuiabá pelo fato de a descoberta do ouro ter atraído para a região “levas de indivíduos, inclusive nordestinos, em parte provenientes de áreas que se caracterizam pela realização dentoalveolar de /t, d/ diante de /i/” (Mota; Oliveira, 2023, p. 121). Além disso, a realização palatalizada [tʃ, dʒ] é bastante estigmatizada em vocábulos como *cachorro*, *peixe* e *jogo*, de acordo com Palma (2005).

Todavia parece que a implementação da variante inovadora no falar cuiabano está em andamento, pois, segundo Palma (2005), a realização palatal de /t, d/ diante de [i] é prestigiada entre os jovens, que imitam o falar carioca.

2.2.4 Região Sudeste

Sobre a Região Sudeste, localizamos apenas o trabalho de Mota e Oliveira (2023), que analisaram os dados das capitais em inquéritos do Projeto ALiB. De acordo com as autoras, a realização de /t, d/ diante de [i] nas capitais Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Vitória é categoricamente palatalizada, não tendo sido resgistrada variação. As análises dos dados das localidades do interior dos estados sudestinos ainda estão em andamento.

2.2.5 Região Sul

A palatalização de /t, d/ diante de [i] Região Sul foi contemplada pelos estudos de Bisol (1986), Dutra (2007), Marchesan, Rocha e Margotti (2007), Pires (2007) e Mota e Oliveira (2023). Foi possível consultar também os resultados apresentados no *Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS) (2011).

Bisol (1986) desenvolveu sua pesquisa em quatro comunidades do Rio Grande do Sul, a saber: metropolitana, fronteiriça, alemã e italiana. Constituiu seu *corpus* a partir da fala de quatro grupos de pessoas: 15 falantes monolíngues da capital Porto Alegre, 15 indivíduos da fronteira, 15 bilíngues que residiam na área de colonização alemã e 15 da área de colonização italiana. Esses informantes também foram estratificados por idade, etnia, sexo e estilo. Linguisticamente, foram controladas as variáveis: vogal propulsora, juntura, sílaba, contexto precedente e contexto seguinte.

Foram selecionadas como estatisticamente relevantes as variáveis: contexto seguinte e precedente, sílaba, juntura e, por fim, a etnia, único fator social. Em relação ao contexto precedente, os dados apontaram a sibilante como favorecedora da palatalização. No que tange à tonicidade da sílaba, a aplicação da regra se deu em sílaba tônica, pretônica e postônica. Em relação à juntura, ocorreu maior palatalização em sílabas finais. Já no que se refere a etnia, para a autora, o dialeto gaúcho inibe a palatalização devido ao contato com outras línguas que não palatalizam (Bisol, 1986, p. 170).

Esses resultados já revelam que há variação no interior do Estado do Rio Grande do Sul, e a divisão por quatro regiões realizada por Bisol (1986) é de grande contribuição para identificar se há, de fato, um padrão referente à articulação de /t, d/ diante de [i] por etnias e de qual forma isso se dá, visto que, mesmo dentro das etnias destacadas pela autora, a variação pode ocorrer baseada em aspectos linguísticos, como veremos na seção de discussão dos resultados.

Dutra (2007) realizou um estudo em tempo aparente na cidade do Chuí (área fronteiriça do Brasil com o Uruguai) sobre as oclusivas dentais seguidas de [i] e de [j], a partir da amostra de dados de 14 informantes do Projeto BDS-Pampa, da Universidade Católica de Pelotas. Esses informantes foram estratificados a partir das variáveis sexo, faixa etária e escolaridade e os dados foram obtidos a partir da gravação de narrativas de experiências pessoais dos informantes selecionados.

Para esse estudo, as variáveis linguísticas selecionadas como estatisticamente relevantes foram: contexto precedente, tipo de vogal alta, contexto seguinte, sonoridade,

localização do contexto seguinte e tonicidade. Já as sociais foram: atividade profissional, sexo, escolaridade e faixa etária.

Seus resultados convergem com a nossa hipótese de que a colonização italiana bem como a fronteira com países que falam espanhol favorecem o uso da variante dentoalveolar, visto que as variantes oclusivas [t, d] predominaram na fala dos informantes, com 73% das ocorrências. As formas africadas palato-alveolares [tʃ, dʒ] apresentaram um total de 26% das ocorrências e a africada alveolar desvozeada [ts] obteve um valor pouco expressivo (de 0,06%) (Dutra, 2007, p. 89). Em relação às variáveis selecionadas, o fator ‘vogal derivada’ favoreceu a palatalização, com peso relativo de 0,56. A semivogal [j] apresentou um peso de 0,50, enquanto a vogal fonológica inibiu a regra, com peso relativo de 0,45. Esse resultado não está de acordo com os encontrados por Bisol (1986) e Pires (2007), que verificaram a maior produção de palatalização no contexto da vogal [i] não derivada. Sobre isso, de acordo com o autor,

[...] [o] resultado, no qual o fator derivada (/e/ > [i]) mostrou-se o mais favorável à produtividade de palatalização das oclusivas dentais, contrariando nossas expectativas, está de acordo com os resultados de municípios de colonização italiana. (Dutra, 2007, p. 92)

Já em relação à variável ‘tonicidade da sílaba’, a hipótese aventada inicialmente pelo autor, de que a aplicação da regra de palatalização seria mais favorecida na posição tônica, foi confirmada. A partir dos resultados, constatou-se que as sílabas pretônica inicial, com peso relativo de 0,61, e a posição tônica, com peso relativo de 0,57, favoreceram o processo. Esse resultado está de acordo com estudos anteriores sobre a palatalização em região de fronteira, confirmando as posições pretônicas e tônicas como fatores significativos na aplicação da palatalização diante de [i].

No que tange ao ‘contexto precedente’, outra variável selecionada, verificou-se que o maior número de ocorrências de palatalização de /t/ e /d/ ocorreu quando antecederam pelo fator ditongo crescente [ej], com peso relativo de 0,74. Em seguida, apareceram: vogal central nasal [ã], com valor de 0,64, vogal média-baixa [ɛ] e vogais e glides posteriores [u, õ, ù, w], ambos com índice de 0,57.

A terceira variável linguística selecionada foi o ‘contexto seguinte’. Os resultados apontaram que os fatores mais expressivos para a palatalização de /t, d/ foram [g, ʃ, x, tʃ, dʒ], com peso relativo de 0,64, seguido de [f], com peso de 0,62. Já em relação ao contexto menos

influenciável, obteve-se o grupo [t, d, s, l], com peso relativo de 0,41, e o fator [u, ã, e, ê, i, ã, w], com peso de 0,45.

Já em relação à ‘sonoridade das consoantes’, constatou-se que a consoante surda /t/ favoreceu a aplicação da regra de palatalização, com peso relativo de 0,58, enquanto a consoante sonora /d/ apresentou peso de 0,43. De acordo com Dutra (2007),

Há maior concentração de energia articulatória nos órgãos articulatórios, o que pode explicar a tendência da palatalização ocorrer, com mais frequência, nas oclusivas dentais [-voz].

O favorecimento do fator [-voz], na presente pesquisa, está em concordância com os trabalhos revisados nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste. (Dutra, 2007, p. 106)

Partindo para as variáveis sociais, a ordem de seleção pelo programa estatístico foi: atividade profissional, sexo, escolaridade e faixa etária. Em relação à atividade profissional, as profissões encontradas na pesquisa foram: comerciante, não informada, estudante, prestador de serviço, doméstica, aposentado e funcionário público. A partir dos pesos relativos, constatou-se que a palatalização de /t, d/ foi favorecida principalmente pelos estudantes, com peso relativo de 0,96; pelos comerciantes, com peso relativo de 0,96; e por atividade profissional não informada, com peso relativo de 0,88. As demais profissões inibiram a palatalização. Ao correlacionar esses resultados com a faixa etária, em uma nova rodada, foi constatada a tendência de que profissionais das faixas etárias mais jovens e intermediárias que pertencem à mesma atividade profissional palatalizam mais. Por outro lado, os aposentados, que estão acima dos 50 anos, apresentaram baixo índice da variante considerada inovadora no PB, enquanto os estudantes, todos na faixa etária dos mais jovens e intermediários, apresentaram a regra de palatalização de modo categórico (Dutra, 2007, p. 122). Isso demonstra que, no geral, os resultados para uma variável, especialmente social, não podem ser observados sozinhos, mas em conjunto com os das demais variáveis, para uma explicação mais minuciosa.

Em relação à variável ‘escolaridade’, os falantes de ensino fundamental tenderam à aplicação da regra de palatalização, com peso relativo de 0,78, enquanto os falantes de ensino médio a inibiram, com peso relativo de 0,23. Entretanto, segundo o autor, esse resultado não pode caracterizar as variantes africadas palato-alveolares como prestigiadas ou des prestigiadas na localidade investigada, visto que esse não é um fenômeno linguístico que sofre, necessariamente, pressões negativas da escola nem está contemplado no ensino prescritivo da língua portuguesa, mas apenas caracteriza dialetos.

Já quanto ao sexo, contrariando pesquisas anteriores, os homens favoreceram a aplicação da regra, com peso relativo de 0,72, enquanto as mulheres a inibiram:

Pelo que observamos nos resultados obtidos na Tabela 15, em que os falantes do sexo feminino, com índice de 0,25, produziram mais as variantes conservadoras, as oclusivas dentais, do que as africadas palato-alveolares, e a partir do que discorremos até o momento acerca da frequência de uso de forma(s) lingüística(s) conforme o sexo, podemos supor que as variantes africadas palato-alveolares parecem não gozar de prestígio social no padrão lingüístico local do município do Chuí, Rio Grande do Sul. (Dutra, 2007, p. 115)

Por fim, em relação à faixa etária, a hipótese de que o grupo de informantes mais jovens favoreceria a palatalização foi confirmada. Os jovens entre 16 e 25 anos a favoreceram, com peso relativo de 0,71. Os de 26 a 50 anos também favoreceram a regra, com peso de 0,69, e os informantes acima de 50 anos a inibiram, com peso relativo de 0,11, confirmando, também, a hipótese de mudança em curso.

A Região Sul do Brasil, além de ser uma área fronteira com o Uruguai, a Argentina e o Paraguai, recebeu, durante a colonização, muitos imigrantes de diversos países, entre eles um forte contingente italiano. Essa influência, avistada em costumes e culturas, também pode ser encontrada na língua falada em algumas áreas da região. Marchesan, Rocha e Margotti (2007) buscaram entender se esse contato com a língua italiana teria alguma influência na articulação das oclusivas coronais anteriores /t/ e /d/ no português falado em Santa Catarina, a partir de dados do ALERS. Isso porque, em italiano, a palatalização tem valor fonêmico e se realiza diante de qualquer vogal, diferentemente do português. De acordo com os autores, um exemplo de oposição fonêmica encontrada no italiano é o par mínimo [t]into, que significa ‘tinto’ e [tʃ]into, que significa ‘cinto’.

De acordo com Margotti (2004, p. 182), o falante bilingue ítalo/brasileiro não realiza a variação entre as variantes palatal e dentoalveolar para /t, d/ quando fala em português, pois entende, com base na língua italiana, que a representação mental não é a mesma para as variantes. Baseado nisso, buscamos entender, nesta pesquisa, se esse padrão se repete nas localidades do interior do Rio Grande do Sul que tiveram ou ainda têm contato com o italiano, ou se já está havendo uma expansão do uso das produções palatal e dentoalveolar enquanto variantes de uma mesma representação mental, padrão do português.

Marchesan, Rocha e Margotti (2007) selecionaram dados de 21 localidades rurais do ALERS/SC, caracterizadas como localidades de habitação predominantemente de descendentes italianos. Segundo as autoras:

O que motivou a opção por este estudo é a constatação de que hoje, em Santa Catarina, cerca de 30% da população é de origem italiana e a indicação de que, por influência da língua italiana, os ítalo-brasileiros resistem à palatalização das consoantes /t/ e /d/ diante de /i/, ao contrário do que se observa em outros contextos do português do Brasil. Essa resistência à palatalização entre os ítalo-brasileiros relaciona-se com o fato de que, em italiano, a palatalização realiza-se diante de qualquer vogal e tem valor fonêmico, ao contrário do português, em que a palatalização diante de /i/ não é fonêmica. Como exemplo de oposição fonêmica encontrada no italiano cita-se: [‘tinto] que significa ‘tinto’ ou ‘tingido’ e [‘tʃinto] que significa ‘cinto’. (Marchesan; Rocha; Margotti, 2007, p. 1)

Os resultados da pesquisa mostraram que, de fato, a não palatalização é uma característica desses grupos, alcançando um percentual de 71,73% das realizações para a palavra [t]io. Já a palatalização ocorreu na fala de informantes de seis localidades: Palmitos, Ponte Cerrada, Treze Tílias e Caçador, no Oeste; e Bom Retiro e Orleans, no Leste (Marchesan; Rocha; Margotti, 2007, p. 3). Já para a palavra [t]irar, inserida na frase “tirar o couro”, chegou ao mesmo percentual de não palatalização, mas as localidades que palatalizaram diminuíram, sendo elas apenas: Timbé do Sul e Criciúma. No item [d]ia, a realização não palatal foi quase categórica, com 95,24%, com apenas um informante palatalizando, morador da localidade de Treze Tílias. Para o item [d]inheiro, também se obteve alto índice de não palatalização, com percentual de 85,71%, e apenas o mesmo informante de Treze Tílias palatalizou.

Os autores concluíram que o maior índice de palatalização ocorreu na palavra *tio*, isto é, num segmento tônico; em segundo lugar, no item *tirar*. Já as palavras *dia* e *dinheiro* apresentaram os menores índices de palatalização. Confirmou-se assim, de acordo com outros estudos, a maior inclinação da consoante surda /t/ à palatalização, enquanto a variante sonora /d/ mostrou-se menos favorável. Já a tonicidade, nesse caso, não se mostrou relevante no processo de palatalização, pois os percentuais de palatalização no contexto tônico e átono foram muito próximos, 83,33% e 84,61% das realizações, respectivamente. Portanto foi concluído que “os dados analisados até agora nos permitem inferir que a língua italiana ainda interfere na realização das oclusivas coronais anteriores /t/ e /d/ no português falado pelos descendentes de italianos, pois a não palatalização continua sendo predominante” (Marchesan; Rocha; Margotti, 2007, p. 6).

Em São Borja, município mais antigo do Estado do Rio Grande do Sul e região fronteira com Santo Tomé, na Argentina, Pires (2007) constatou um percentual de 45% de palatalização, a partir da análise de dados do Projeto Varsul (Variação Linguística na Região

Sul). As variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes foram: tipo de vogal alta, sexo, idade, tonicidade da sílaba, escolaridade, contexto seguinte e sonoridade.

Quanto à variável ‘tipo de vogal alta’, é a fonológica – como em *t[i]po* – que mais favorece a regra de palatalização, com peso relativo de 0,72. A derivada, por sua vez, a inibe, com peso relativo de 0,27. A autora confronta seus resultados com as conclusões de Bisol (1986), que relaciona a articulação palatal com o alteamento da vogal média alta, ao demonstrar que os metropolitanos, que são moradores de Porto Alegre, são os que mais praticam as duas regras: tanto a palatalização quanto o alteamento. Os fronteiriços, ao contrário, palatalizam com frequência, mas alteiam pouco a vogal.

Já em relação à ‘tonicidade da sílaba’, a palatalização ocorreu com maior frequência em sílabas na posição pretônica, com peso relativo de 0,63. A posição tônica aparece como neutra, com peso relativo de 0,50, e a postônica desfavorece o processo, com peso relativo de 0,44. Isso se justifica pelo critério da saliência fônica (Naro, 1981, p. 63), quando uma inovação na língua que seja acrescentada de forma menos proeminente, ou seja, em sílabas menos salientes, tenha mais chances de expansão.

Já em relação ao ‘contexto seguinte’, constatou-se que o contexto lateral foi o mais favorecedor da regra, com peso relativo de 0,61; em seguida, o velar, com peso relativo de 0,57. Nesse caso, o contexto mais inibidor foi a consoante dental, com peso relativo de 0,44. A última variável selecionada foi sonoridade da consoante, com a consoante surda /t/ favorecendo e a sonora /d/ inibindo a regra.

Em relação às variáveis extralinguísticas, foram selecionados sexo, idade e escolaridade. Como previsto, as mulheres foram favoráveis à palatalização, reforçando, novamente, o papel do sexo feminino na assimilação de novas formas na língua, especialmente as mais prestigiadas. O peso relativo para elas foi de 0,64, enquanto para os homens foi de 0,36. Essa diferença, evidentemente, não se justifica apenas por questões linguísticas. Embora as mulheres pareçam mais sensíveis ao uso de variantes menos estigmatizadas e tenham, no geral, uma maior aproximação com a norma padrão, outros fatores estão associados a esse fenômeno, como explicado por Pires (2007):

As diferenças entre homens e mulheres podem ocorrer devido à classe social a que pertencem, sendo maiores na classe baixa. A interação entre sexo e idade também é importante, pois as diferenças tendem a diminuir nas faixas etárias mais jovens e a aumentar nas faixas etárias mais velhas. A interação entre sexo e profissão está relacionada ao uso da forma de maior prestígio pelo homem que trabalha fora e forma de menor prestígio à mulher que se concentra nas atividades domésticas. No entanto o número

de casos em que as mulheres estão à frente é bem maior do que o dos homens. (Pires, 2007, p. 16)

Em relação ao fator ‘idade’, a hipótese de que os falantes mais jovens favorecem a variante inovadora também se confirma. Os informantes mais jovens, com menos de 50 anos, favoreceram a palatalização, com peso relativo de 0,58, enquanto os mais velhos, acima de 50 anos, a inibiram, com peso relativo de 0,42.

Por fim, em relação à escolaridade, o nível fundamental inibiu a variante palatal, com peso relativo de 0,46, e o nível médio a favoreceu, com peso relativo de 0,55. Ainda que a articulação desses fonemas não seja uma regra gramatical ensinada nas escolas, sabe-se que a escola perpetua, ainda, o ensino daquilo que é prestigiado na língua, reforçando certos estereótipos. Por isso, as pesquisas indicam que, à medida que um indivíduo ascende na escolarização, mais suscetível está a aplicar a regra prestigiada, nesse caso, a palatalização.

Quanto ao *Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS), para sua elaboração, foi utilizado um questionário de 700 perguntas e tarefas, dividido em: 600 perguntas do questionário semântico-lexical, 75 perguntas do questionário morfossintático e 50 perguntas do questionário fonético-fonológico. Ao todo, foram selecionadas 275 localidades na área rural da região e 19 na área urbana. Especificamente no Rio Grande do Sul, foram selecionados 95 pontos na área rural e sete na área urbana. Desses pontos, os coincidentes com esta pesquisa são: Três Passos, Passo Fundo, Erechim, São Borja, Vacaria, Santa Maria, Santa Cruz do Sul, Uruguaiana, Santana do Livramento, Bagé, Osório e Caçapava do Sul.

Em relação à palatalização de /t, d/ diante de [i], os resultados foram divididos pelas palavras presentes no questionário. Para a palavra [t]io, verificou-se que todas as localidades palatalizaram, com exceção de Erechim. Para a palavra men[t]ira, apenas Erechim e Uruguaiana tiveram maior frequência de realização dentoalveolar. Para a palavra se[t]e, observou-se que parte das localidades não realizou o alçamento da vogal média, mantendo a pronúncia de [e] fechado. Em Três Passos, a pergunta não foi aplicada. Passo Fundo, Erechim, São Borja, Santa Cruz do Sul e Santana do Livramento não alçaram a vogal para /i/. Santa Maria, Uruguaiana, Bagé, Osório e Caçapava do Sul alçaram a vogal e palatalizaram o [t]. Vacaria foi a única cidade que manteve a variante dentoalveolar. Já para a palavra [d]ia, Três Passos, São Borja, Vacaria, Santa Cruz do Sul, Uruguaiana, Osório e Caçapava do Sul apresentaram maiores índices de realização dentoalveolar, enquanto as demais palatalizaram o [d].

Com esta pesquisa, que investiga dados do interior do Rio Grande do Sul, será possível comparar os dados para verificar se houve mudança de comportamento linguístico nessas áreas ou se os resultados tendem a se repetir.

Sobre as capitais da Região Sul, Mota e Oliveira (2023), a partir de dados do Projeto ALiB, registraram realização categórica da variante palatal de /t, d/ em Porto Alegre tanto diante da vogal fonológica como diante da vogal derivada. Em Curitiba, a palatalização dessas consoantes alcançou 93% diante da vogal fonológica e apenas 33% diante da vogal derivada. Segundo as autoras, o predomínio da realização dentoalveolar neste último contexto em Curitiba

[...] deve-se à realização média alta dos arquifonemas /I, E/ nas posições átonas da vogal subsequente a /t, d/, o que preserva sua realização dentoalveolar tanto diante da vogal média [e] (como, por exemplo, em *[te]atro*, *lei[te]*, *[de]svio*, *mor[de]*) como diante da vogal derivada [i], realizada em 283 dados, em 96 dos quais (33%) foi documentada a palatalização, com peso relativo de 0,111. (Mota; Oliveira, 2023, p. 125)

Em Florianópolis, a palatalização foi registrada em 63% diante da vogal fonológica e em 58% diante da vogal derivada. Segundo as autoras, a realização dentoalveolar presente nessa capital pode ser explicada pelos resquícios da colonização açoriana. De acordo com Isquierdo (2014), as terras do Sul foram ocupadas por casais açorianos por volta de 1692 e, em meados do século XVIII, mais seis mil açorianos e madeirenses migraram em busca de terra para lavoura. Como se sabe, Portugal tem a realização dentoalveolar como característica e, portanto, foi a variante trazida para o Brasil.

2.3 SÍNTESE DO ESTADO DA ARTE

Esta segunda seção é de grande relevância para esta pesquisa, especialmente a subseção 2.2.5, que indica e revela caminhos acerca do que já se sabe sobre a palatalização no Rio Grande do Sul, auxiliando em uma análise mais ampla e robusta quando comparados aos nossos resultados, bem como evidencia as lacunas que ainda existem quanto à produção do fenômeno investigado nessas localidades.

É importante destacar que a maioria das pesquisas mencionadas seguiu um outro tipo de seleção de dados, em que itens linguísticos específicos eram produzidos pelos informantes para verificação da ocorrência de /t, d/ diante de [i] de forma direcionada. Entretanto o discurso livre é um contexto que pode apresentar uma riqueza de informações, pois é quando os falantes se sentem mais à vontade para produzir seu vernáculo. Esse diferencial pode ser

encontrado nesta pesquisa, em que não utilizamos apenas itens previamente selecionados, mas toda a gravação dos inquéritos, desde a parte mais monitorada à menos monitorada.

Destaca-se também, a partir da descrição desses resultados, que há no Brasil uma grande variação para o fenômeno da palatalização. O Norte, por exemplo, apresentou alto índice de palatalização, com praticamente todos os resultados indicando produção categórica ou semicategórica. Por outro lado, o Nordeste apresentou um índice maior de variação e apontou, em algumas localidades, para um processo de mudança linguística. Em outras localidades, a exemplo do interior do Pernambuco, a variante dentoalveolar foi predominante. Na Região Centro-Oeste, o fenômeno foi fortemente diatópico, visto que, enquanto em algumas capitais foi constatada a realização da variante palatal, como em Goiânia, em outras, a exemplo de Cuiabá, a palatalização foi inibida, fruto de um processo histórico de migração de indivíduos nordestinos para a região.

Na Região Sul essa variação também foi atestada, condicionada por fatores linguísticos, sociais e diatópicos. Entretanto, embora Bisol (1986) tenha concluído que o dialeto gaúcho inibe a palatalização devido ao contato com outras línguas que não palatalizam, não houve uma descrição rigorosa a respeito de uma possível expansão do fenômeno na região. Essa lacuna pode ser preenchida a partir dos cruzamentos entre as localidades que inibem a palatalização e variáveis sociais como faixa etária e sexo, processo realizado na seção de análise dos resultados deste trabalho, mais adiante.

Quanto às localidades coincidentes entre o ALERS e nossa pesquisa, há divergência na divisão dos resultados, visto que no primeiro esses resultados foram divididos pela produção de palavras isoladas que continham a produção de /t, d/ diante de [i], o que dificulta, por exemplo, a análise das palavras que mantêm a pronúncia do [e] fechado. Nesta pesquisa, levamos em consideração o inquérito aplicado de forma integral³, ou seja, tanto as respostas objetivas quanto a produção em contextos menos controlados, o que amplia o *corpus* e favorece um maior aprofundamento na análise tanto das vogais fonológicas quanto derivadas.

³ Com exceção do texto para a leitura, já que não é fala espontânea do informante.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, apresentam-se os principais conceitos das duas teorias que embasam este trabalho: a Dialetologia (Ferreira; Cardoso, 1994; Cardoso, 2002; Cardoso, 2010; Cardoso; Mota, 2013; Romano (2013); Santos, 2023; Thun, 2017) e a Sociolinguística (Bright, 1966; Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]; Eckert, 2012; Freitag, 2016; e Oliveira, 2016).

3.1 A DIALETOLOGIA: BREVE PERCURSO NO MUNDO E NO BRASIL

Durante muito tempo, atribuiu-se ao conceito de dialeto uma perspectiva de inferioridade em relação ao que seria considerado a norma padrão. De maneira reducionista, os dialetos foram e em alguns casos continuam sendo concebidos como um desvio à regra ou variantes de menor prestígio. No entanto, para os linguistas, especialmente os adeptos da Dialetologia e da Sociolinguística, o termo dialeto tomou uma nova acepção, tão importante e prestigiada quanto às demais, pois, como bem definido por Coseriu (1982), o que difere os conceitos de língua e dialeto é a diferença de *status* histórico atribuído a eles, e destaca que “[...] uma língua histórica – salvo casos especiais – não é um modo de falar único, mas uma família histórica de modos de falar afins e interdependentes, e os dialetos são membros dessa família [...]” (Coseriu, 1982, p. 11-12).

Estima-se que os primeiros estudos dialetais foram iniciados no século XIX, portanto anteriormente à Sociolinguística, embora Cardoso (2010) destaque que o interesse pelos estudos dialetais sempre existiu entre os povos, seja apenas pela constatação, pela natureza política da língua ou como mecanismo de descrição do sistema linguístico. Apesar de a Dialetologia enquanto ciência ter tomado fôlego mais recentemente, o interesse pelas diferentes formas de falar a precede porque a variação linguística é inerente a todas as línguas e, desde a gênese do mundo, esteve presente, inclusive, como instrumento de poder e distinção entre povos, conforme destacam Chambers e Trudgill (1994):

Um dos exemplos mais veneráveis e talvez mais sangrentos de diferença dialetal aparece no Antigo Testamento, quando os gileaditas lutaram contra os efraimitas no Jordão. Alguns efraimitas haviam se infiltrado nas linhas gileaditas e se apresentado como aliados. Um líder gileadita inventou uma maneira de detectar impostores: ele chamava um suspeito e o fazia pronunciar o nome dado à espiga de trigo, que os gileaditas chamavam de shibboleth. De acordo com o relato bíblico (Juízes 12:6), “ele dizia

sibboleth porque não conseguia pronunciar corretamente. Então, eles o prendiam e cortavam sua garganta”⁴. (Chambers; Trudgill, 1994, p. 36-36)

Desse modo, compreende-se o poder sobretudo social, visto que, embora os dialetos diferenciem geograficamente os povos, também podem ser – e são – instrumento de agrupamento, individualização, coletividade, segregação, identificação, dentre outras possibilidades sociais de interação mediante a língua.

Com base nisso, destaca-se que o surgimento da Dialetologia deu início também à sistematização dos dialetos e foi definida por Cardoso (2010, p. 15) como “um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. Assim, surgiu da necessidade de resgatar e sistematizar as variáveis geográficas e suas relações sociais e culturais. Embora, a priori, sua preocupação seja com a variação diatópica, atualmente compreende-se que toda variação geográfica também está refletida pelo contexto sócio-histórico dos seus falantes e unir os contextos permite um maior aprofundamento na análise e descrição da variação linguística.

Pensando nessa sistematização dialetal em um contexto mundial, alguns marcos são destacados por Cardoso (2010) como relevantes para o percurso da Dialetologia, como a criação da *Academie Celtique*, em 1804, que investigou de forma “exagerada” a influência da língua celta sobre as demais; a posição de J. Grimm ao defender o *patois* (que significa dialeto local ou regional) e realizar a primeira descrição de um grupo de dialetos alemães, além de incluir também dados do português brasileiro; a recolha de materiais realizada por J. A. Schmeller em 1921 na Baviera, para fins de comparação da linguagem dos falantes do campo, urbanos e cultos; a possibilidade de realização de cartas fonéticas sugerida por Désiré Monnier, em 1823; a publicação da gramática comparada das línguas indo-europeias, organizada por Franz Bopp em 1833, e, por fim, a publicação do *Atlas Linguistique de l’Europe*, organizado por Bernardino Biondelli, em 1826 (Cardoso, 2010, p. 35).

De acordo com Santos (2023, p. 31), outros dois nomes foram responsáveis pelo fortalecimento e pela abrangência dos estudos dialetais: Gustavo Wenker, da Alemanha, que em 1876 deu início à documentação dos falares populares inicialmente da pequena região da

⁴ Do original: “Una de las muestras más venerables y quizás la más sangrienta de una diferencia dialectal aparece en el Antiguo Testamento, cuando los galaaditas combatían con los efraimitas en el Jordán. Algunos efraimitas habían infiltrado en las líneas galaaditas y se hacían pasar por aliados. Un jefe galaadita inventó un medio de detectar a los impostores: llamaba a un sospechoso y le hacía pronunciar el nombre dado a la espiga de trigo, que los galaaditas denominaban shibboleth. Según el relato bíblico (Jueces 12, 6), ‘decía sibboleth porque no podía pronunciarlo correctamente. Entonces lo agarraban y lo degollaban’” (Chambers; Trudgill, 1994, p. 36-36, tradução nossa).

Província do Reno e, posteriormente, de toda a Alemanha, utilizou como metodologia o envio de um questionário linguístico com frases em alemão literário a professores, para que fossem aplicados e, também, para que fossem levantadas informações dos informantes acerca da localidade; e Jules Gilliéron, que a partir de 1887 fundou o *Atlas linguistique de la France – ALF* (Gilliéron; Edmont, 1902-1910), constituído metodologicamente com a aplicação de um questionário com 1920 perguntas a 700 informantes, abrangendo 639 localidades e cujas respostas eram transcritas imediatamente pelo inquiridor.

Para Thun (2017), a primeira fase dos estudos dialetais em contexto mundial é caracterizada pela criação dos mapas de línguas no século XVIII, que consistia numa tentativa de estabelecer as fronteiras das línguas a partir da relação com seus povos, sendo produzidos especialmente pelos Jesuítas na América do Sul.

Ainda de acordo com o autor, a segunda fase iniciou-se no século XIX, a partir da criação de atlas linguísticos ainda em perspectiva monodimensional, relacionando fatos etnográficos e fenômenos linguísticos individuais. Os grandes nomes dessa fase, como já mencionado anteriormente, foram Wenker e Gilliéron. Nessa época, o principal interesse era refutar os neogramáticos, que defendiam que as mudanças fonéticas não admitiam variação e de que as exceções seriam resultadas do contato linguístico.

Já a terceira fase, ainda de acordo com Thun (2017), demarca o início dos atlas pluridimensionais, com a união entre a Dialectologia e os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista de William Labov, e demarca também o início do método geossociolinguístico de investigação, passando ao interesse não apenas da variação diatópica mas também associando-a às variáveis sociais, permitindo um método de análise mais minucioso e completo em relação ao processo de mudança da língua. Nesse período, destaca-se o *Linguistic atlas of New England* (Kurath, 1939), o primeiro atlas que trouxe variáveis sociais para investigação (faixa etária e grau de escolaridade), e o *Atlas lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay* (Thun; Elizaincín, 2000), primeiro atlas a incluir as dimensões topoestática e topodinâmica, além das variações diastrática, diageracional, diassexual, diafásica, diarreferencial e dialingual.

Já a quarta fase, que seria a atual, de acordo com Thun (2017), caracteriza-se pela inserção dos cálculos quantitativos, além da busca por variantes não mencionadas, mas conhecidas nas localidades vizinhas. O método consiste em perguntar ao informante se, para além da resposta já dada para as perguntas, ele conhece alguns outros nomes para se referir à mesma coisa. Isso permite que o inquiridor tenha controle das variantes passivas e ativas e uma percepção mais ampla do fenômeno investigado.

Já no Brasil, a constituição e consolidação da Dialectologia é dividida atualmente em cinco fases, que demarcam os períodos e as principais naturezas dos trabalhos realizados. A primeira fase, datada de 1826 a 1920, é proposta por Nascentes (1953 [1922]) a partir da publicação do estudo de Domingos Borges de Barros, que escreveu o capítulo “Les différences que le dialecte brésilien pourrait présenter, comparé à la langue du Portugal” incluído na obra *Introduction à l’atlas ethnographique du globe* (Balbi, 1826). Essa primeira fase é muito caracterizada pelas investigações de itens lexicais, com um número acentuado de publicações de glossários, dicionários e vocabulários (Santos, 2023, p. 34). São exemplos dessas publicações, de acordo com Ferreira e Cardoso (1994, p. 38): o *Dicionário da língua brasileira*, 1832, de Luís Maria Silva Pinto; a obra *Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro sobre algumas palavras africanas introduzidas no português que se fala no Brasil*, 1880, de Antônio Joaquim de Macedo Soares; e *O tupi na geografia nacional*, 1901, de Theodoro Sampaio.

A segunda fase, ainda proposta por Nascentes (1953 [1922]), tem início com a publicação de *O dialeto caipira* (1920), de Amadeu Amaral e, embora também tenha tido grande interesse pelo léxico, compreendeu também os aspectos morfosintáticos e fonéticos da língua. Além disso, Cardoso (2010) ressalta que é na segunda fase que se inicia uma maior preocupação em relação às metodologias para coleta de dados, especialmente em relação ao papel do pesquisador. Além da obra supracitada, destacam-se também, como importantes trabalhos da segunda fase, o autor Serafim da Silva Neto, com suas investigações sobre a história da língua portuguesa falada no Brasil, e a obra *A língua do Nordeste* (1934), de Mário Marroquim.

Já a terceira fase, proposta por Ferreira e Cardoso (1994), é marcada pelo Decreto 30.643, de 20 de março de 1952 (BRASIL, 1952), que definiu, dentre as finalidades da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, a principal delas: a criação de um Atlas Linguístico do Brasil. As autoras destacam que é nessa fase que a Geografia Linguística ganha destaque, dando início aos estudos sistemáticos nesse campo e à produção de alguns atlas regionais. Nessa fase foram publicados o *Atlas prévio dos falares baianos* (APFB) (Rossi, 1963); o *Atlas lingüístico de Sergipe* (ALS) (Ferreira et al., 1987); o *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais* (EALMG) (Ribeiro et al., 1977); o *Atlas lingüístico da Paraíba* (ALPB) (Aragão; Menezes, 1984); e o *Atlas lingüístico do Paraná* (ALPR) (Aguilera, 1994).

A quarta fase, proposta por Mota e Cardoso (2006), é datada em 1996, com a criação do Comitê Nacional do Projeto ALiB, que, ao incorporar em sua metodologia os principais

pressupostos da Sociolinguística, deu início às pesquisas sobre os falares brasileiros a partir dos inquéritos realizados pelo país, ampliando a perspectiva pluridimensional dos estudos dialetais.

Por fim, a quinta e mais recente fase, sugerida por Teles (2018), é demarcada com a publicação dos dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil, em 2014, como ilustrado por Santos (2023), no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1: Periodização dos estudos dialetais brasileiros

FASES	MARCOS		AUTORIA(S)
	Início	Término	
1ª	1826 Considerações do Visconde de Pedra Branca sobre o PE e o PB.	1920 <i>O dialeto Caipira</i> , de Amadeu Amaral.	Nascentes (1952/1953).
2ª	1920 <i>O dialeto Caipira</i> , de Amadeu Amaral.	1952 Decreto presidencial que institui a criação de atlas nacional.	início: Nascentes (1952/1953) final: Ferreira; Cardoso (1994).
3ª	1952 Decreto presidencial que institui a criação de atlas nacional.	1996 Instituição do Projeto ALiB.	início: Ferreira; Cardoso (1994). final: Mota; Cardoso (2006).
4ª	1996 Instituição do Projeto ALiB.	2014 Publicação dos dois primeiros volumes do ALiB.	início: Mota; Cardoso (2006). final: Teles (2018).
5ª	2014 - Fase vigente Publicação dos dois primeiros volumes do ALiB.		Teles (2018).

Fonte: Santos, 2023, p. 33.

A partir do exposto, é possível identificar os avanços da Dialectologia e a construção de trabalhos e metodologias que foram essenciais nesse processo. Por isso, cabe destaque para o desenvolvimento e a consolidação do método geolinguístico.

3.1.1 Geolinguística: de método monodimensional a pluridimensional

Câmara Jr. (1999, p. 94) a define como “uma técnica mais moderna de pesquisa na área da Dialectologia e consiste no levantamento de mapas da distribuição geográfica de cada traço linguístico dialetal”. Já Cardoso (2010, p. 198) define a Geolinguística como o “método de que se utiliza a dialectologia para localizar espacialmente as variações da língua uma em relação às outras, podendo situar socioculturalmente cada um dos seus falantes

considerados”. Logo fica evidente a diferença entre a Dialetologia, a ciência, e a Geolinguística, o método de investigação utilizado pela primeira.

Romano (2013) divide a geolinguística brasileira em dois momentos. A primeira fase foi marcada pelas publicações dos seguintes atlas:

- *Atlas prévio dos falares baianos* (Rossi, 1963)
- *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais* (Ribeiro et al., 1977)
- *Atlas lingüístico da Paraíba* (Aragão; Bezerra de Menezes, 1984)
- *Atlas lingüístico de Sergipe* (Ferreira et al., 1987)
- *Atlas lingüístico do Paraná* (Aguilera, 1994)
- *Atlas lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil* (Koch; Klassmann; Altenhofen, 2002)

Também de acordo com o autor, à exceção do *Atlas lingüístico de Sergipe* e do *Atlas lingüístico do Paraná*, que incluem a variação diagenérica, esses atlas eram de cunho monodimensional, isto é, consideravam apenas a dimensão diatópica e possuem particularidades metodológicas que os diferem dos trabalhos publicados na segunda fase.

Amadurecida a mentalidade dialetológica entre os pesquisadores brasileiros dos primeiros atlas linguísticos, observa-se que, em muitos casos, não há uma uniformidade metodológica naqueles trabalhos que possibilite estudos comparativos e contrastivos com vistas a revelar uma visão geral da língua falada no Brasil (Romano, 2013, p. 218). Já na segunda fase, são iniciados os atlas pluridimensionais, que passaram a considerar também as dimensões diagenérica, diageracional, diafásica, dentre outras. O ALiB é, nesse sentido, um grande divisor de águas.

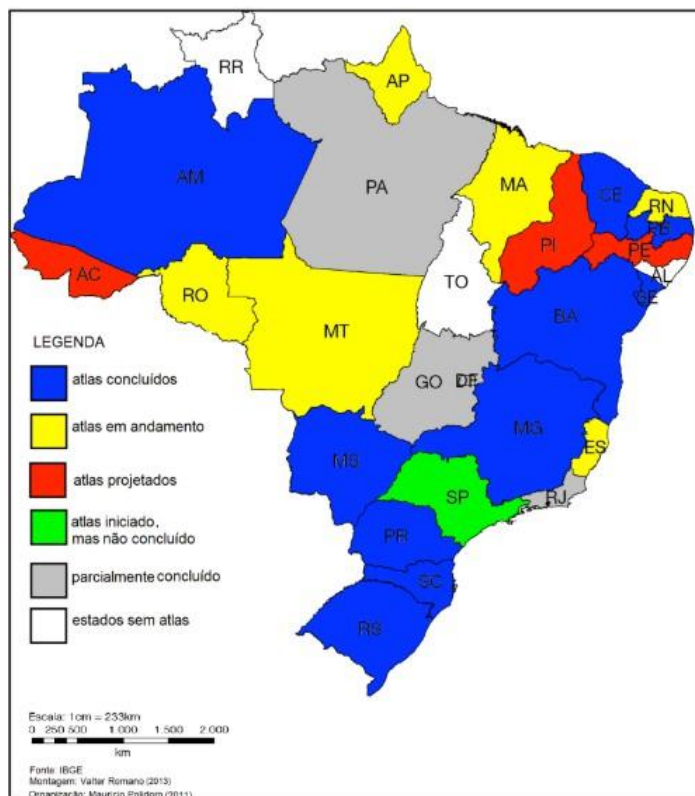
Resumidamente, a metodologia da Geolinguística Pluridimensional consiste na elaboração de atlas linguísticos, isto é, cartas linguísticas que deem conta de descrever fenômenos variáveis da língua distribuídos espacialmente, em formato de mapas. O objetivo é investigar essas variações *in loco* e traçar os limites e dimensões geográficas para cada uma, além de descrevê-las quando relacionadas a grupos de fatores. Assim, é possível a criação de isoglossas e uma visão geral dos dialetos nos diversos níveis linguísticos, da fonética à estilística. É a partir desse modelo, da pluridimensionalidade, que ocorreu a união entre a Dialetologia e a Sociolinguística. Nesse sentido, Cardoso (2010) ressalta que:

Estudando a língua, instrumento responsável pelas relações sociais que se documentam entre membros de uma coletividade ou entre povos, a dialetologia não pode deixar passar ao largo a consideração de fatores extralinguísticos, inerentes aos falantes, nem relegar o conhecimento de suas implicações nos atos de fala. Dessa forma, idade, gênero, escolaridade e características gerais de cunho sociocultural dos usuários das línguas consideradas tornam-se elementos de investigação, convivendo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal. Tal fato levaria a pensar-se numa confluência de objetivos entre a dialetologia e a sociolinguística, ambas perseguindo a variação, ambas mantendo sob controle variáveis diversas. (Cardoso, 2010, p. 25)

Além da adoção da metodologia pluridimensional, outra característica dessa fase são os atlas de pequeno domínio, que, de acordo com Santos (2023, p. 42), “são atlas que recobrem pequenas áreas geográficas, no que tange à extensão e ao número de pontos, são frutos de dissertações e teses defendidas em Programas de Pós-graduação [...]” e funcionam como um tipo de *zoom* para a realidade linguística de áreas maiores do Brasil (Silva; Romano, 2022, p. 23).

Assim, a Geolinguística foi passando pelo refinamento metódico e adequação dos critérios estabelecidos para pesquisas dialetais. A escolha das localidades, o perfil dos informantes, a coleta de dados por meio de entrevistas e inquéritos, a elaboração de cartas linguísticas que exponham os resultados, o agrupamento das cartas em atlas e as suas publicações são alguns dos passos dados para uma investigação geolinguística.

Também de acordo com Romano (2020), atualmente 14 estados já possuem atlas concluídos: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Tocantins, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Amapá e Amazonas. Já em andamento, são oito estados: Acre, Rondônia, Mato Grosso, Pará, Maranhão, Rio Grande do Norte, Piauí e Espírito Santo. Para uma maior compreensão desse cenário, o autor elaborou o seguinte mapa onde constam os atlas já publicados, em andamento, os iniciados e os estados sem atlas:

Figura 2: Situação atual dos atlas linguísticos regionais no Brasil

Fonte: Romano, 2020, p. 16.

De acordo com a Figura 2, é possível verificar que apenas três estados – Roraima, Tocantins e Alagoas – permanecem sem atlas. Já o atlas de São Paulo estava em processo de produção, mas sem conclusão até o momento⁵.

Apesar dos inúmeros avanços do método e das pesquisas dialetais no Brasil, o autor destaca que ainda há alguns desafios no cenário da Geolinguística, como a carência de atlas de pequeno domínio em alguns estados, a exemplo da Bahia e do Rio Grande do Sul. Outro desafio é o ensino de língua materna e a dificuldade dos geolinguistas em levarem os resultados dos atlas para os livros didáticos, contribuindo para o ensino da variação linguística e da língua para além das regras gramaticais, reforçando o caráter diversificado não apenas da língua em si mas também dos sujeitos que a falam.

⁵ Embora Romano (2020) tenha considerado o Rio de Janeiro como um estado com o atlas parcialmente concluído, é necessário salientar que, na verdade, esse atlas se refere ao Projeto do Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro e não a um projeto que descreve o falar geral dos informantes do estado.

3.2 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: BREVE PERCURSO NO MUNDO E NO BRASIL

De forma natural, é sempre comum nas ciências as diferentes percepções, concepções e atribuições feitas a um mesmo objeto, em que cada teoria, pesquisador ou área o examina sob sua própria ótica. Não diferentemente na história da linguística, o percurso geral desses estudos revela que a concepção de língua ao longo do tempo foi passando por modificações, que alteravam não apenas as teorias como também as metodologias utilizadas na busca por respostas sobre o funcionamento da faculdade da linguagem, do funcionamento das línguas e do seu processo de mudança ao longo do tempo. A Sociolinguística trouxe essa onda de inovações para os estudos linguísticos, rompendo com as teorias anteriores que, embora reconhecessem o caráter social e variável das línguas, não atribuíam a esses fatores tamanha significância dentro dos estudos do funcionamento da língua.

O termo “Sociolinguística” aparece pela primeira vez em um simpósio liderado pelo linguista William Bright, em 1966, que, na ocasião, definiu o seu principal objetivo: explicar a correlação entre as variações linguísticas e suas implicações sociais. Entretanto Mota e Silva (2019) destacam que, antes mesmo disso, embora de maneira diferente, a Dialetologia, que antecedeu a gênese da Sociolinguística, já se preocupava com as relações entre a realidade linguística e o espaço geográfico, ganhando novas nuances após a consolidação dos aspectos sociolinguísticos.

Durante esse simpósio de 1966, “Direções para a Linguística Histórica”, Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog retomaram os debates a respeito dos estudos da mudança linguística e suas motivações. Para esses estudiosos, a língua não era tida como um objeto homogêneo, conforme defendido pela teoria estruturalista, mas sim motivada por questões sociais. Com o objetivo de estabelecer novas metodologias no estudo da variação e da mudança, Weinreich, Labov e Herzog lançaram o livro *Empirical foundations for a theory of language change (Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística)*, publicado em 1968 e traduzido para o português em 2006.

A partir disso, novos estudos começaram a ser desenvolvidos partindo de uma concepção de língua enquanto uma estrutura heterogênea e, sobretudo, social. A noção de heterogeneidade linguística, como poderia parecer, não se refere a um caos desorganizado, em que cada um fala como quer, mas sim a um sistema de variações que pode ser organizado e sistematizado. A prova dessa sistematização é a capacidade dos falantes de uma comunidade de fala de se entenderem apesar das inúmeras variações linguísticas, não

ocasionando ruídos na comunicação. Logo se entende que a heterogeneidade das línguas não implica ausência de regras, mas sim regras variáveis.

Assim, William Labov firmou-se como o pai da Sociolinguística Variacionista, após publicar uma pesquisa sobre a comunidade da ilha de Martha's Vineyard, em que destaca o papel social enquanto decisivo no que concerne às variações linguísticas encontradas. Labov utilizou em suas pesquisas o método de análise através de gravações de falas de informantes, capazes de captar a realização da língua em seu uso real e, por isso, definiu a Sociolinguística como o estudo da língua falada atrelada ao seu contexto social. Por isso, a língua em seu contexto natural, dentro de uma comunidade de fala, isto é, um grupo de pessoas que compartilham dos mesmos traços linguísticos, tornou-se o objeto de pesquisa da área.

O autor ainda define a variação linguística como a existência de diferentes formas de uma língua para expressar o mesmo significado. Para o linguista, essa variação não ocorre de forma desordenada, mas sim de forma sistemática, obedecendo a regras e padrões. Já em relação à mudança linguística, o autor a define como um processo contínuo que interfere na estrutura da língua ao longo do tempo. Essas mudanças, de acordo com ele, ocorrem em padrões sistemáticos e estão diretamente associadas à variação.

Ainda nesse sentido, o processo de mudança ocorre quando uma variação se generaliza em um subgrupo de maneira sistêmica, assumindo, de acordo com Weinreich, Labov e Herzog (1996 [1996], p. 125), uma direção e um caráter de diferenciação ordenada. Nessa perspectiva, a mudança linguística partiria da variação, entretanto nem toda variação acarreta mudança, ocasionando a chamada variação estável, como também definido pelos autores ao afirmarem que “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade” (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p. 126).

Já no que se refere à propagação efetiva da mudança, também de acordo com os princípios da Sociolinguística, ocorre de forma contínua e gradual, acompanhando outras mudanças ao longo do tempo, especialmente sociais, como apontam os autores:

A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea; ela envolve a co-variação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico. (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p. 126)

Sobre essa relação língua-sociedade, um dos principais fundamentos da Sociolinguística é de que a mudança ocorre dentro de uma comunidade de fala. Nesse

sentido, entende-se que as mudanças não ocorrem na gramática individual, mas sim na gramática da comunidade de fala em que os falantes estão inseridos.

Para explicar melhor como ocorre esse processo interligado entre variação e mudança, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) elaboraram cinco problemas que devem ser observados na análise linguística: (1) o problema dos fatores condicionantes; (2) o problema do encaixamento; (3) o problema da avaliação; (4) o problema da transição; e (5) o problema da implementação.

O problema dos fatores condicionantes é central nesta pesquisa, visto que o seu objetivo é demonstrar que a variação ocorre de forma ordenada, condicionada por diversos fatores – linguísticos e sociais –, o que explicaria quais princípios foram fundamentais no processo de mudança das formas linguísticas. Desse modo, alguns fatores já são apontados como relevantes no caso da palatalização de /t, d/ diante de [i], a exemplo do sexo (Bulcão; Oliveira, 2018; Ribeiro, 2018; Assis, 2023; Mota; Oliveira, 2023), da faixa etária ((Dutra, 2007; Ribeiro, 2018; Assis, 2023; Mota; Oliveira, 2023), do fator diatópico (Carmo; Baia, 2014; Ribeiro, 2018; Sanches, 2019; Mota; Oliveira, 2023), da tonicidade da sílaba (Bisol, 1986; Dutra; 2007; Bulcão; Oliveira, 2018), da natureza da vogal (Ribeiro, 2018; Mota; Oliveira, 2023), da tonicidade da sílaba (Bisol, 1986; Pires, 2007, Bulcão; Oliveira, 2018), dentre outros. Por conta dessa visível relevância, esses fatores, com o acréscimo de alguns outros, foram também considerados como variáveis nesta pesquisa.

O problema do encaixamento está relacionado a como a mudança se encaixa na estrutura linguística e na estrutura social, o que permitiria entender quais fatores determinariam ou impediriam a concretização da mudança de fato. Sobre esse problema, Labov (2008 [1972]) aponta que:

O problema do encaixamento é encontrar a matriz contínua de comportamento social e linguístico em que a mudança linguística é levada a cabo. O principal caminho para a solução está na descoberta das correlações entre os elementos do sistema linguístico e entre esses elementos e o sistema não-linguístico de comportamento social. (Labov, 2008 [1972], p. 193)

Por sua vez, o problema da avaliação refere-se à identificação de como os membros de determinada comunidade avaliam determinada mudança, visto que a avaliação desses grupos podem causar efeitos tanto de aceleração da mudança quanto de impedimento do seu progresso.

O quarto problema, o da transição, apregoa que a teoria deve ser capaz de observar e descrever os estágios pelos quais uma variante passa até ser, de fato, implementada no sistema linguístico, já que a mudança é lenta e gradual.

Por fim, o problema da implementação define que a teoria da mudança linguística deve ser capaz de explicar por quais motivos determinadas mudanças se instauram em determinados lugares, como definem os autores:

Sugere-se que uma mudança linguística começa quando um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala. [...] Uma vez que a mudança linguística está encaixada na estrutura linguística, ela é gradativamente generalizada a outros elementos do sistema. Tal generalização não tem nada de instantânea, e a mudança na estrutura social da comunidade normalmente intervém antes que o processo se complete. [...] Por fim, a compleição da mudança e a passagem da variável para o status de uma constante se fazem acompanhar da perda de qualquer significação social que o traço possuía. (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p. 121)

A partir desses problemas, os sociolinguistas podem ser capazes de explicar de fato o processo da variação e mudança linguística, enquanto, inclusive, ainda ocorrem, observando os estágios pelos quais uma variante passa e se estabelece na língua. Neste trabalho, nos ocupamos especialmente do problema dos fatores condicionantes, visto que observamos como determinados fatores linguísticos e sociais operam na produção da palatalização de /t, d/ diante de [i] no Brasil em um recorte sincrônico.

Weinreich, Herzog e Labov (2006 [1968]) definem que os dois princípios básicos da disciplina são conceber a língua como uma estrutura heterogênea e entender que as mudanças gramaticais que ocorrem na língua ocorrem, antes, na comunidade de fala, definida por Labov (2008 [1972], p. 188) como “um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”. Ainda de acordo com o autor, “os membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real” (Labov, 2008 [1972], p. 225). Desse modo, compreende-se que a definição de comunidade de fala está associada à uniformidade dos traços linguísticos encontrados nos falantes de uma comunidade, que, mesmo na variação, que é inerente a qualquer língua, compartilham das mesmas marcas sociais.

Nesta pesquisa, consideramos cada uma das 16 localidades como uma comunidade de fala, visto que pesquisas anteriores já mencionadas demonstram que, embora situadas na mesma região, elas compartilham de traços linguísticos diferentes devido a fatores históricos

e diatópicos. Assim, cada localidade é concebida como uma comunidade de fala por acreditarmos que os informantes encontrados dentro da mesma localidade, ainda que suscetíveis à variação, comungam das mesmas marcas sociais, culturais e históricas.

Ao observar esse desenvolvimento, Eckert (2012) define três ondas que marcam o avanço dos estudos da Sociolinguística Variacionista e que, segundo Mota e Silva (2019, p. 20), “não se sobrepõem ou são sucessivas: representam tendências diferentes nas pesquisas realizadas em âmbito mundial”. A primeira onda é marcada pelos estudos iniciais de Labov (2006 [1966]), que estabeleceram métodos e procedimentos para diversas pesquisas posteriores, introduzindo e afirmando um empirismo quantitativo aos estudos linguísticos e que, segundo a autora, sustentariam as questões teóricas. Nessa onda, os estudos de Labov investigavam a variação de uma ótica socioeconômica, e a mudança linguística partiria das pressões internas da língua, afetando, primeiramente, aqueles falantes menos próximos à norma padrão e, portanto, mais suscetíveis à mudança.

Já a segunda onda da Sociolinguística Variacionista aproxima-se mais de questões etnográficas. As pesquisas que marcam essa onda buscaram compreender a variação em um escopo geográfico e, diante da língua falada, atribuíam às expressões as identidades locais ou de classe. Nesse cenário, havia uma maior aproximação do vernáculo de uma comunidade às suas práticas sociais, e as expressões utilizadas pelos falantes eram observadas não apenas com base em categorias mais amplas, como gênero ou idade, mas principalmente em suas ações enquanto indivíduos com identidades.

Na terceira onda, o conceito de comunidade de práticas aparece e, como definido por Freitag, Martins e Tavares (2012, p. 923), “a terceira onda, que se desenvolveu mais recentemente, centra o foco na variação vista não como o reflexo do lugar social num ponto da escala, mas como um recurso para a construção de significado social”. Essa metodologia visa entender os diferentes estilos que um mesmo falante assume, além da observação em situações reais de interação.

De acordo com Freitag (2016), no Brasil, a Sociolinguística é uma das áreas de pesquisa mais produtivas. Para Mota e Silva (2019), o marco precursor das pesquisas sociolinguísticas no país se deu com a implementação do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (Projeto NURC), pioneiro na implementação dos aspectos metodológicos da Sociolinguística, embora mantivesse maior interesse no aspecto diatópico. Já em relação ao avanço das pesquisas nessa linha, Mattos e Silva (1988) destaca a década de 1970 como crucial no processo, especialmente com as orientações de dissertações e teses realizadas por Anthony Naro, na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A partir de então, diversos projetos surgiram, cada um com o objetivo de investigar a variação de determinados fenômenos, em determinados locais, seguindo determinados perfis de informantes. Entre esses projetos, Oliveira (2016) destaca: NURC – Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta do Brasil (1969); Competências Básicas do Português (1977); PEUL – Programa de Estudos dos Usos da Língua (1980); Confluência Dialetoal na Nova Capital Brasileira (1984); VARSUL – Variação Linguística Urbana da Região Sul (1989); VALPB – Variação Linguística na Paraíba (1994); Dialetos Sociais Cearenses (1996); e LUAL – A Língua Usada em Alagoas (1997). Com base no desenvolvimento desses projetos, Freitag (2016) defende que:

A sociolinguística do Brasil se caracteriza por sua operacionalização em bancos de dados linguísticos. São amostras sistematizadas de língua, coletadas em um universo definido como comunidade de fala. O que mantém da sociolinguística pioneira de “The Social Stratification of English in New York City” é o fato de seguir uma estratificação de acordo com critérios sociodemográficos amplos coletadas pelo protocolo de entrevista sociolinguística. (Freitag, 2016, p. 452)

O conjunto desses bancos de dados é como uma fotografia da realidade linguística do Brasil, serve como base para a descrição do PB e, sobretudo, fornece subsídios para a comparação entre variedades e para a investigação sobre o funcionamento da língua e seu processo de mudança.

Sobre o terreno fértil que se encontrou no Brasil para a Sociolinguística, Oliveira (2016) também destaca que, até o período de publicação do seu trabalho, dos 59 cursos de pós-graduação *stricto sensu* na área da Linguística, a maioria tinha linha de pesquisa na área de Sociolinguística. Além disso, destaca o Grupo de Trabalho (GT) de Sociolinguística da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL), que se subdivide em diversos eixos, segue agenda de trabalho, se reúne anualmente e organiza publicações, fortalecendo ainda mais a área no país. Enfatiza ainda os diversos eventos realizados anualmente por todo o país, a existência de, até então, 48 grupos de pesquisa em diversas universidades e, por fim, mas não menos importante, o desenvolvimento do Projeto ALiB. Desse modo, a autora destaca que:

Esse campo de pesquisa tem se ampliado inclusive por áreas interdisciplinares, tais como a Sociolinguística Educacional, a Sociolinguística Interacional, a Sociolinguística Paramétrica, a Etnolinguística, o Sócio-Funcionalismo, a Sócio-História do Português Brasileiro, o Contato Dialetoal, a Política Linguística, além de trabalhos que

comparam, sociolinguisticamente, o português do Brasil com outras variedades, como a lusitana, a angolana, a moçambicana, a guineense, a são-tomeense etc., e de trabalhos que comparam o português com outras línguas, em estudos translinguísticos. Ou seja, está explicado o fato de o próprio Labov ter relatado a Anthony Naro a sua admiração pela Sociolinguística brasileira. E, segundo Carboni (2008 apud SALOMÃO 2011:192-193), a sociolinguística laboviana predomina hoje sobretudo nas Américas do Sul e do Norte, regiões onde tende a ser considerada como a Sociolinguística propriamente dita. (Oliveira, 2016, p. 486)

Portanto a consolidação da área no país é a prova de que, cada vez mais, mais pesquisas têm mostrado a importância dos estudos sociolinguísticos no país e, sobretudo, mais pesquisadores têm demonstrado interesse pela área.

4 METODOLOGIA

Nesta seção, procedemos ao detalhamento da metodologia adotada para esta pesquisa. Os materiais e métodos são descritos criteriosamente, desde a seleção do *corpus* – fornecido pelo Projeto ALiB – até a exploração dos contextos sociais e históricos das localidades selecionadas para constituí-lo. Desse modo, para além da metodologia de pesquisa em si, apresentamos o contexto sócio-histórico da Região Sul, além das variáveis levadas em consideração na análise.

4.1 O PROJETO ALiB E A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

A partir do século XX, dialetólogos e sociolinguistas começaram a verificar a necessidade da elaboração de um atlas linguístico nacional, haja vista as tentativas (ora consolidadas, ora não) dos atlas regionais. Essa necessidade foi discutida no Seminário “Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil”, que ocorreu em novembro de 1986, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), organizado pela professora Suzana Alice Cardoso (UFBA), que, retomando a ideia de um atlas nacional, incentivou colegas e levantou a bandeira para a constituição de um comitê nacional que regeria os trabalhos para a concretização do Projeto Atlas Linguístico do Brasil a partir de então. Nesse comitê, estavam grandes nomes de autores de atlas linguísticos e outros pesquisadores, além da própria Suzana Cardoso, que o presidiu até 2018: Jacyra Andrade Mota (UFBA), Maria do Socorro de Aragão (UFC), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL), Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFMG) e Walter Koch (UFRGS).

Após a constituição do comitê, foram determinados também os principais objetivos do projeto, dentre eles “fornecer dados empíricos, sistematicamente recolhidos e analisados, para o conhecimento do português do Brasil” (Comitê Nacional..., 2001, p. 16). Os objetivos específicos, por sua vez, podem ser resumidos em: descrever a realidade do português brasileiro com enfoque na variação diatópica; estabelecer isoglossas que permitam identificar as diferenças e marcas dialetais de cada região do país, de modo que os resultados possam ser cartografados em mapas linguísticos; observar os dados coletados através de uma perspectiva de interface com outras áreas do conhecimento, como história, sociologia, antropologia etc.; constituir e oferecer um grande número de dados para pesquisadores interessados em aprimorarem os dicionários, atualizarem a gramática com base na pesquisa empírica e na realidade da língua; ajudar na construção de materiais didáticos que valorizem

cada região e auxiliar os professores a aprofundar o conhecimento sobre a realidade linguística; e, por fim, auxiliar no entendimento da realidade linguística do Brasil sob uma perspectiva social, enquanto sistema de comunicação diversificado (Comitê Nacional..., 2001, p. 16).

Adotando os parâmetros da Geolinguística Pluridimensional, o Projeto ALiB tomava forma e estabelecia, assim, sua metodologia. Para atender à demanda principal, que era a diatopia, a rede de pontos do projeto foi constituída por 250 localidades, distribuídas por todo o território brasileiro. A seleção da rede de pontos também não ocorreu de forma aleatória, mas seguindo alguns parâmetros, a exemplo da densidade demográfica, dos dados da formação de cada localidade e seus limites interestaduais e internacionais. Dessa forma, tanto localidades do interior quanto as capitais foram selecionadas, com exceção de Brasília, no Distrito Federal, e de Palmas, no Tocantins, devido às suas recentes formações à época da coleta de dados. Foram entrevistados, desse modo, quatro informantes em cada localidade do interior e oito informantes nas capitais, totalizando 1.100 informantes em todo o país. Já seguindo a demanda social, os informantes foram estratificados por sexo (550 homens e 550 mulheres), por faixa etária (de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos) e, somente nas capitais, foram estratificados por nível de escolaridade (ensino fundamental e ensino universitário).

Para a coleta dos dados, foram aplicados questionários que se dividem de acordo com os objetivos de produção de dados conforme os níveis linguísticos. Essa divisão ocorreu de seguinte modo: Questionário Fonético-Fonológico (QFF), para obtenção de dados fônicos e de natureza prosódica; Questionário Semântico-Lexical (QSL), para obtenção de variantes lexicais; e Questionário Morfossintático (QMS), para obtenção de estruturas morfossintáticas da língua. Além disso, os inquéritos também envolveram questões de pragmática, questões metalinguísticas, temas para discurso semidirigido e um texto para leitura. Como consideramos os inquéritos integralmente, foram coletados dados de todas as partes citadas, à exceção do texto para leitura, como detalhado na subseção 4.2.

Atualmente, o projeto conta com três volumes publicados, sendo os dois primeiros publicados em 2014 (Cardoso et al., 2014a e b) e o terceiro em 2023 (Mota; Ribeiro; Oliveira, 2023). O primeiro volume é uma introdução e apresenta o projeto em linhas gerais, com a história do ALiB, a história da Geolinguística, a rede de pontos, os questionários, a metodologia e os dados sobre a cartografia. Já o segundo volume é composto pelas cartas linguísticas fonéticas, semântico-lexicais e morfossintáticas. Por fim, o volume três é composto pelos comentários às cartas linguísticas publicadas no segundo volume. Outros volumes estão em fase de organização para posterior publicação.

4.2 PROCEDIMENTOS ADOTADOS NA PESQUISA

Seguindo a metodologia do ALiB, esta pesquisa, de cunho descritivo e de natureza quali-quantitativa, ancorada na Dialetologia/Geolinguística Pluridimensional e na Sociolinguística Variacionista, considerou dados de 16 localidades do interior do Estado do Rio Grande do Sul⁶ que integram a rede de pontos do Projeto ALiB, perfazendo um total de 64 informantes (quatro em cada localidade). Os dados foram coletados dos inquéritos realizados previamente pela equipe do ALiB e disponibilizados para esta pesquisa. Os dados foram levantados das respostas aos questionários fonético-fonológico (QFF), semântico-lexical (QSL) e morfossintático (QMS) bem como das outras partes do inquérito, com exceção do texto para leitura. Essa coleta foi feita a partir da audição e da transcrição fonética de todas as palavras que continham o contexto /t, d/ diante de [i]. Apresentam-se a seguir as localidades do interior do Rio Grande do Sul que integram a rede de pontos do ALiB e que foram consideradas nesta pesquisa:

Quadro 2: Rede de pontos do ALiB (Rio Grande do Sul)

Ponto da rede	Localidade	Ponto da rede	Localidade
234	Três Passos	242	Santa Maria
235	Erechim	244	Osório
236	Passo Fundo	245	Uruguaiana
237	Vacaria	246	Caçapava do Sul
238	Ijuí	247	Santana do Livramento
239	São Borja	248	Bagé
240	Flores da Cunha	249	São José do Norte
241	Santa Cruz do Sul	250	Chuí

Fonte: Elaboração própria.

O primeiro passo foi transferir todas as entrevistas para os computadores próprios do Projeto ALiB – UEFS. Posteriormente, iniciou-se o processo de coleta de dados, através da audição e transcrição fonética das realizações de /t, d/ diante de [i]. Precedeu-se com a codificação dos dados, a partir de uma lista de códigos elaborada com base nas variáveis utilizadas na pesquisa. Após codificados, os dados foram submetidos ao programa de análise estatística GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), que realiza os cálculos de

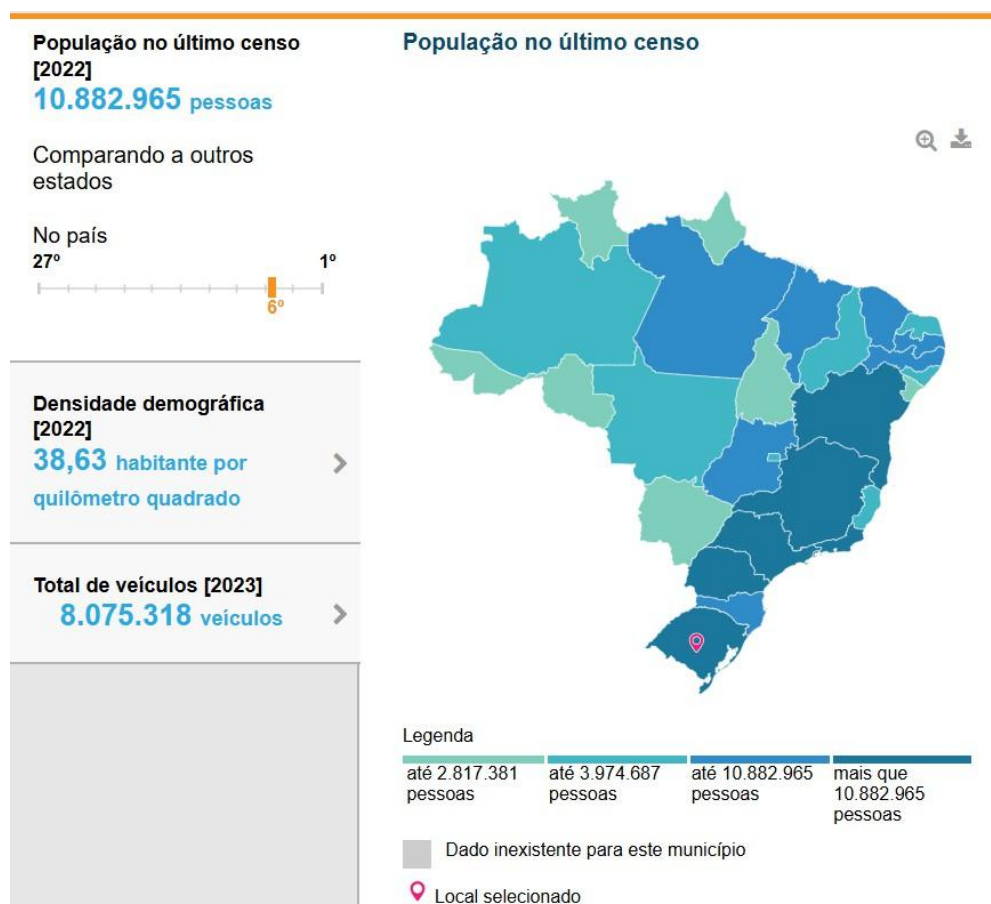
⁶ Os dados da capital Porto Alegre foram levantados e analisados anteriormente, com os resultados publicados em cartas no segundo volume e comentados no terceiro volume do ALiB (cf. Mota; Oliveira, 2023).

probabilidade, peso relativo, nível de significância e seleção das variáveis relevantes para o fenômeno estudado.

4.2.1 As comunidades investigadas

A Região Sul é a menor região do Brasil, composta por apenas três estados: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O Rio Grande do Sul possui uma área territorial de 281.707,150 km² e, de acordo com o último censo do IBGE, tem a população estimada em 10.882.965 pessoas, com densidade demográfica de 38,63 hab/km², como se observa na Figura 3, a seguir:

Figura 3: População geral da Região Sul no último censo



Fonte: IBGE (2022).

Sobre a formação sócio-histórica do estado, Luvizotto (2009) destaca que a ocupação e povoamento do Rio Grande do Sul estão totalmente associada às questões fronteiriças,

visto que no século XVII era região-limite entre dois impérios: o espanhol, com sede em Buenos Aires, e o português, com sede no Rio de Janeiro. Segundo a autora,

O Rio Grande do Sul foi, desde o início, uma “fronteira quente”, isto é, local de disputa militar, de guerras e de arranjos diplomáticos, área conflituosa que se estendeu dos finais do século XVII até o XIX, quer dizer, por quase dois séculos. (Luvizotto, 2009, p. 16)

Apesar disso, a história da povoação da região se deu antes mesmo da chegada dos portugueses ao Brasil, visto que a região era povoada por diferentes povos indígenas. De acordo com o *Atlas socioeconômico do Rio Grande do Sul* (Secretaria..., s/d), a ocupação do território é marcada pela população indígena e pela chegada dos jesuítas, a partir de 1626. Nesse cenário, destaca-se a organização da estrutura comunitária dos Sete Povos da Missão, que se consolidou como grande nome da economia do estado, na produção de erva-mate, extração de couro e criadouros de animais.

No século XVIII, com a já presença da coroa portuguesa no Brasil, a corte utilizou como estratégia na defesa do território a instalação de acampamentos militares e a criação de presídios. Ainda de acordo com o atlas, até a metade do século XIX, a economia se fortaleceu devido à pecuária, especialmente da produção de charque nas cidades de Bagé, Pelotas, Rio Grande, dentre outras. A partir de 1752, os açorianos ocuparam as terras rio-grandenses e iniciaram a criação de propriedades rurais menores a partir da produção de trigo. Além disso, o Rio Grande do Sul recebeu grande número de imigrantes, principalmente alemães e italianos, o que diversificou as produções do local.

Como critérios para seleção da rede de pontos, o Projeto ALiB considerou não apenas as capitais mas também localidades com importância histórica. Na Região Sul, essa importância histórica também é evidenciada pelas fronteiras, fato que influencia diretamente nos falares locais. No Rio Grande do Sul, a rede de pontos do ALiB contempla as seguintes cidades fronteiriças: São Borja (ponto 239) e Uruguaiana (ponto 245), na fronteira com a Argentina; e Santana do Livramento (ponto 247) e Chuí (ponto 250), na fronteira com o Uruguai. Cardoso et al. (2014a, p. 54) destacam que “os fenômenos do bilinguismo e da diglossia aproximam, do ponto de vista linguístico, na Região Sul, essas cidades fronteiriças com países hispano-americanos, onde o português convive com o espanhol e com línguas indígenas, gerando um panorama linguístico bastante peculiar”.

Nas subseções a seguir, trazemos um breve contexto sócio-histórico das 16 localidades do Rio Grande do Sul que compõem a rede de pontos do Projeto ALiB e que

contituiram o *corpus* desta pesquisa: Três Passos, Erechim, Passo Fundo, Vacaria, Ijuí, São Borja, Flores da Cunha, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Osório, Uruguai, Caçapava do Sul, Santana do Livramento, Bagé, São José do Norte e Chuí. A Figura 4, a seguir, ilustra os pontos da Região do Sul do ALiB.

Figura 4: Rede de pontos da Região Sul (Projeto ALiB)



Fonte: <https://alib.ufba.br/content/rede-de-pontos>.

4.2.1.1 Três Passos

A história da cidade de Três Passos inicia-se a partir da criação da Colônia Militar do Alto Uruguai, em 1879, criada com o objetivo de garantir a permanência do império brasileiro em disputa com a Argentina. De acordo com o IBGE (2022), essa colônia sofreu depredações devido aos movimentos revolucionários do Rio Grande do Sul: a primeira vez em 1893 e a segunda em 1924. Em 1882 foi construída uma casa de guarda avançada com o objetivo de vigiar a Picada Geral, uma estrada que ligava o Alto Uruguai a Palmeira das Missões, município da colônia. O local logo atraiu colonos devido aos seus três córregos de água potável, terra fértil e localização.

Inicialmente chamada de “Pouso dos Três Passos”, tornou-se município em 28 de dezembro de 1944, durante a segunda guerra mundial, sob o Decreto Lei nº 716, passando a chamar-se Três Passos.

Localizada próxima à cidade de Ijuí, atualmente atrai muitos visitantes devido ao comércio de vestuário. Além disso, é o 1º município mais populoso da pequena região de Três Passos, com 25,4 mil habitantes. Sua economia é fortalecida, além do comércio de vestuário, pela agropecuária, pela indústria e pela administração pública. Em relação à escolarização do município, de acordo com o IBGE (2023), no ano de 2010 a taxa de escolarização de 6 a 14 anos era de 98,9%. Em relação ao IDEB para os anos iniciais da rede pública, em 2023, a nota era 6,5 e para os anos finais, 5,1.

4.2.1.2 Erechim

Erechim surgiu por volta do ano de 1908, às margens da estrada de ferro que ligava o Rio Grande do Sul a São Paulo e, ao longo da sua história, recebeu diversos nomes, a exemplo de Paiol Grande, Boa Vista, Boa Vista de Erechim e José Bonifácio, até se fixar como Erechim. Sua colonização se deu principalmente por imigrantes poloneses, italianos e alemães. Antes conhecida como Capital do Trigo, sua economia foi fortalecida especialmente pela agricultura, pela pecuária e pelo comércio. Tornou-se um município em 1908, através do Decreto nº 2343 de 30 de abril. De acordo com o censo do IBGE de 2022, tem uma população estimada em 105.705 habitantes.

Em 2010, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos era de 97,9%. Em relação ao IDEB de 2023, apresentou uma nota de 6,6 para os anos iniciais e 5,3 para os anos finais.

4.2.1.3 Passo Fundo

Antes pertencente ao município de Rio Pardo, a região de Passo Fundo foi primeiramente povoada por indígenas tupi-guaranis e jês. Além desses povos, havia, ainda, os chamados caiagangues, apelidados assim pelos colonizadores, que sobreviviam na região através do cultivo de milho, erva-mate, feijão, mandioca e batata. O primeiro morador branco da área foi o militar Manoel José das Neves, que recebeu terras para morar por lá e garantir o território. Logo após, novas fazendas foram surgindo, povoando a região.

Após algum tempo e atraídos pelo solo fértil, Passo Fundo recebeu imigrantes alemães, italianos, judeus, dentre outros. Em 1834, o povoado passou a constituir o 4º distrito

de Cruz Alta. Durante a Revolução Farroupilha, o município sofreu com a perda de habitantes, que só foi restabelecida após o fim da guerra. Em 1891, Passo Fundo passou à categoria de cidade, período em que contava com 16.000 habitantes. Sua economia passou a ser fortalecida pelo comércio de erva-mate, fumo, couro, crinas, além da agricultura. A partir daí, o crescimento da cidade foi exponencial.

Em 2010, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos era de 97,3%. Em relação ao IDEB de 2023, a nota para os anos iniciais foi de 5,6 e de 4,5 para os anos finais.

4.2.1.4 Vacaria

De acordo com o IBGE (2022), Vacaria é a maior cidade dos Campos de Cima da Serra. Seu povoamento começou por volta do ano de 1700, quando os missionários jesuítas chegaram e passaram a criar gados soltos trazidos das missões, atraídos pela vasta área de campos naturais. Além disso, o município também serviu como passagem para os tropeiros da época, que buscavam terra e gado. Na primeira divisão do Estado do Rio Grande do Sul, o município era integrado a Santo Antônio da Patrulha. Em 1850, foi elevado à categoria de cidade.

Sua principal atividade econômica é a fruticultura, já que o município é o maior produtor de maçãs do Rio Grande do Sul e segundo maior do Brasil. Além disso, destaca-se também pela produção de grãos, pela pecuária, pelo comércio e pelo setor de serviços.

Em 2010, a taxa de escolarização entre 6 a 14 anos era de 97,1%. A nota do IDEB (2023) para anos iniciais foi de 5,9 e para os anos finais, 4,9.

4.2.1.5 Ijuí

A colônia de Ijuhy, que em guarani significa “Rio das Águas Divinas”, foi fundada em 1890 e recebeu imigrantes de diversos países. Seu período de crescimento ocorreu em 1899, a partir do assentamento de colonos e da prática de agricultura. Localiza-se no Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Sua economia é fortalecida através da agropecuária, do comércio, da indústria e dos demais serviços. Além disso, destaca-se por reunir grupos étnicos variados, recebendo o apelido de “Terra das Culturas Diversificadas”, a exemplo de indígenas, afro-brasileiros, italianos, portugueses, franceses, alemães, poloneses, espanhóis, austríacos, dentre outros. Foi emancipada politicamente do município de Cruz Alta em 1912, de acordo com o Decreto nº 1840.

As principais atividades econômicas são as culturas anuais, como soja, trigo e milho. Destaca-se também pela pecuária, principalmente com a criação de gado de corte e gado leiteiro.

Em 2010, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade era de 98,9%. Em relação ao IDEB, no ano de 2023, os anos iniciais do ensino fundamental na rede pública receberam a nota de 6,6 e para os anos finais, de 5,5.

4.2.1.6 São Borja

São Borja nasceu a partir do desmembramento do município de Rio Pardo, no ano de 1887. Antes disso, os jesuítas que habitavam o local implementaram a pecuária, o artesanato e o cultivo da terra. Ainda no século XIX, a chegada de imigrantes europeus intensificou a pecuária e expandiu as lavouras. Já em meados do século XX, foi a lavoura de arroz que ocupou grandes áreas de terra da região. É conhecida como “a terra dos presidentes”, devido aos nascimentos de Getúlio Vargas e João Goulart. Atualmente, destaca-se pelo agronegócio, pelo turismo e pelas rotas comerciais do Mercosul.

Em 2010, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade era de 97,5%. O IDEB para os anos iniciais do ensino fundamental na rede pública no ano de 2023 era 6,1 e para os anos finais, 4,6.

4.2.1.7 Flores da Cunha

Flores da Cunha é uma região que foi, a priori, ocupada pelo povo kaingang, antes da chegada e ocupação dos italianos a partir do ano de 1876. À medida que esses novos imigrantes chegavam, especialmente entre os anos de 1878 e 1892, foram fundados os povoados de São Pedro e São José. Somente alguns anos depois os dois povoados foram unidos e formaram a Vila de Nova Trento. O nome “Flores da Cunha” só foi concedido anos depois, em 1935.

A cidade atualmente destaca-se pela gastronomia, por suas vinícolas, pelo cultivo de videiras, pela horticultura e pela fruticultura, além da língua ‘talian’, considerada cooficial da região desde 2015.

Em 2010, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade era de 97,4%. Em relação ao IDEB, no ano de 2023, a nota para os anos iniciais do ensino fundamental na rede pública era 6,8 e para os anos finais, 5,5.

4.2.1.8 Santa Cruz do Sul

A localidade se originou da antiga colônia de Santa Cruz, criada em 1847, no município de Rio Pardo, com a finalidade de estabelecer comunicação entre a região e a zona serrana da Província, objetivando atrair o comércio para a região. Posteriormente, muitos imigrantes alemães ocuparam a área, tornando-a uma das maiores colônias do Sul. Foi elevada à categoria de cidade em 1905. Na economia, destaca-se pelo setor de turismo, pelo comércio e por outros serviços. A indústria de tabaco também é um grande diferencial.

Em 2010, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade era de 98,3%. No ano de 2023, o IDEB para os anos iniciais do ensino fundamental na rede pública era 6,4 e para os anos finais, 5,1.

4.2.1.9 Santa Maria

De acordo com a história, Santa Maria nasceu dos acampamentos que demarcaram e dividiram terras entre Portugal e Espanha, resultado de um convênio realizado em 1777 entre as duas coroas, cujo objetivo era a demarcação entre os limites da Espanha e do Sul do Brasil. Ali, além dos acampamentos, também foram criados um quartel, escritórios para a comissão, ranchos e capela religiosa. Essa expedição permaneceu em trabalho em Santa Maria até o fim de setembro de 1801, elaborando mapas e outros documentos para serem apresentados ao reino português. A partir desse ano, a expedição seguiu viagem para outras localidades e Santa Maria passou a ser considerado um povoado. Foi elevado à condição de cidade em 1876. Atualmente, sua economia se destaca principalmente pelo setor varejista.

Em 2010, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade era de 98,1%. No ano de 2023, o IDEB para os anos iniciais do ensino fundamental na rede pública era 5,8 e para os anos finais, 4,6.

4.2.1.10 Osório

A região, antes chamada de Conceição do Arroio, foi inicialmente ocupada por povos indígenas, principalmente os Carijós. Posteriormente, a chegada de açorianos, especialmente entre os anos de 1737 e 1750, marcou o período de povoamento da localidade. Sua emancipação política foi decretada em 1857 e somente em 1934 passou a se chamar Osório.

Sua economia destaca-se pela agricultura, pela pecuária, pela energia renovável e pelo turismo.

Em 2010, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade era de 97,1%. No ano de 2023, o IDEB para os anos iniciais do ensino fundamental na rede pública era 5,8 e para os anos finais, 4,6.

4.2.1.11 Uruguaiana

A formação da cidade de Uruguaiana ocorreu a partir da mistura dos povos indígenas com imigrantes italianos, portugueses e africanos. Nesse período, as terras integravam a Capitania de São Paulo. Depois de alguns anos, o brigadeiro José da Silva Pais ordenou a construção de uma fortificação na entrada do canal que ligava a lagoa dos patos ao Atlântico, o que possibilitou o desligamento da província da Capitania de São Paulo e passou a pertencer a Santa Catarina, sob a Capitania do Rio de Janeiro. Em 1760, com a nomeação de Inácio Eloi de Madureira para o governo do Rio Grande de São Pedro, as terras saíram da jurisdição de Santa Catarina e formaram uma província autônoma. Uruguaiana surgiu, então, das terras de Alegrete. Foi elevada à condição de cidade em 1874. A economia da região se destaca pelo turismo, pelo comércio, pela agropecuária e pela agricultura, sendo considerada, ainda, a capital do arroz, pois é a maior cidade produtora do grão na América Latina.

Em 2010, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade era de 97,6%. No ano de 2023, o IDEB para os anos iniciais do ensino fundamental na rede pública era 5,3 e para os anos finais, 4,4.

4.2.1.12 Caçapava do Sul

De acordo com o IBGE, Caçapava do Sul, antes chamada de Paragem de Caçapava, nasceu em 1777, fruto de um acampamento militar localizado no antigo aldeamento dos charruas. O território foi cenário de guerras e revoluções e teve grande importância durante a Revolução Farroupilha, sendo considerada a “Segunda Capital Farroupilha”. Caçapava do Sul foi elevada à categoria de vila em 1831 e à categoria de cidade em 1885. Entre 1940 e 1990 foi considerada a “Capital Brasileira do Cobre”, devido a sua grande produção do metal.

Sua economia é baseada principalmente nos setores de mineração, agricultura e pecuária, além das plantações de oliveiras que produzem azeite em grande quantidade.

Em 2010, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade era de 99%. No ano de 2023, o IDEB para os anos iniciais do ensino fundamental na rede pública era 5,7 e para os anos finais, 4,7.

4.2.1.13 Santana do Livramento

Santana do Livramento foi inicialmente habitada pelos povos indígenas minuanos e charruas. Sua história é marcada pela guerra entre forças portuguesas e espanholas no ano de 1810, com vitória das forças portuguesas, quando os primeiros núcleos de habitantes da região foram formados pelos oficiais. Já no ano de 1834, Ana Ilha de Vargas, fazendeira da localidade, doou uma imagem de santa à igreja, com a condição de que a localidade levasse seu nome. Dessa forma, o município passou a ser chamado Santana do Livramento. O setor agropecuário é, atualmente, o maior destaque para a economia, seguido das agroindústrias e do setor de turismo.

Em 2010, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade era de 97,6%. No ano de 2023, o IDEB para os anos iniciais do ensino fundamental na rede pública era 5,3 e para os anos finais, 4,2.

4.2.1.14 Bagé

A região onde atualmente fica a cidade de Bagé antes foi a Redução de São André dos Guenoas, fundada pelos jesuítas em 1683. Posteriormente, após o Tratado de Madrid de 1750, a área passou a ser disputada por Portugal e Espanha. Em 1773, foi construído o Forte de Santa Tecla, que serviria como marco definitivo da Espanha naquelas terras. Alguns anos depois, a posse foi tomada pelos portugueses. A data oficial de fundação de Bagé é 17 de julho de 1811, a partir de um acampamento militar liderado pelo Marechal de Campo Dom Diogo de Souza, que resolveu deixar parte da sua tropa na região ao ir embora. Atualmente, sua economia é fortalecida pela agropecuária, pela indústria e pelo comércio.

Em 2010, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade era de 97,6%. No ano de 2023, o IDEB para os anos iniciais do ensino fundamental na rede pública era 5,7 e para os anos finais, 4,6.

4.2.1.15 São José do Norte

A trajetória de São José do Norte é marcada pela colonização da região, que se intensificou no século XVIII com a chegada dos açorianos. Devido à sua localização, entre a Lagoa dos Patos e o oceano Atlântico, teve grande importância militar. Foi elevada à categoria de vila em 1831, desmembrada do município de Rio Grande. Em 1939, foi elevada à categoria de cidade. A região foi palco de disputas e guerras, a exemplo da Revolução Farroupilha. Sua economia é fortemente marcada pela pesca, pela agricultura e pela silvicultura, além de ser um município conhecido pela sua grande produção de cebolas.

Em 2010, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade era de 96,6%. No ano de 2023, o IDEB para os anos iniciais do ensino fundamental na rede pública era 5,4 e para os anos finais, 4,1.

4.2.1.16 Chuí

Localizada na fronteira com o Uruguai, a localidade de Chuí foi emancipada da cidade de Santa Vitória do Palmar em 1995. Entretanto sua história é bem mais antiga, começando pela disputa entre Portugal e Espanha nos séculos XVIII e XIX pela posse da região sul. Inicialmente, a área foi dominada pelos portugueses, que desejavam explorar o comércio de gado. Já no século XIX, durante a ocupação da Banda Oriental do Uruguai pelo exército português e transformada em província Cisplatina, que, na época, pertencia ao Brasil, ocorreu uma grande guerra na região de fronteira, resultando na independência do Uruguai. No entanto a fronteira entre Brasil e Uruguai só foi, de fato, demarcada a partir do Tratado de 1851, quando o Uruguai reconheceu a incorporação dos campos neutrais, que incluíam o Chuí, pelo território brasileiro. De acordo com o IBGE, o território do Chuí foi, ao longo do tempo, destruído e reconstruído inúmeras vezes. Seus principais setores de desenvolvimento econômico são o comércio e a plantação de arroz.

Em 2010, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade era de 97,7%. No ano de 2023, o IDEB para os anos iniciais do ensino fundamental na rede pública era 5,8 e para os anos finais, 4,5.

O Quadro 3, a seguir, sintetiza alguns dados das localidades da rede de pontos do ALiB no interior do Rio Grande do Sul, que constituem o *locus* desta pesquisa.

Quadro 3: Dados das localidades do Rio Grande do Sul (Rede de pontos da Região Sul – ALiB)

Localidade	Formação	Ano do censo ⁷	População	População alfabetizada	Renda <i>per capita</i>
Três Passos	Emancipada em 1944	2022	25.426 habitantes	-	R\$43.406,37
		2010	23.965 habitantes	98,9%	R\$15.898,00
Erechim	Emancipada em 1918	2022	105.705 habitantes	-	R\$64.103,00
		2010	96.087 habitantes	97,9%	R\$24.946,00
Passo Fundo	Emancipada em 1857	2022	206.215 habitantes	-	R\$60.905,63
		2010	179.630 habitantes	97,3%	R\$21.141,00
Vacaria	Emancipada em 1850	2022	64.197 habitantes	-	R\$48.503,58
		2010	61.342 habitantes	97,1%	R\$19.816,00
Ijuí	Emancipada em 1840	2022	84.780 habitantes	-	R\$61.760,07
		2010	78.915 habitantes	98,9%	R\$20.637,00
São Borja	Emancipada em 1887	2022	59.676 habitantes	-	R\$43.012,23
		2010	62.808 habitantes	97,5%	R\$15.928,00
Flores da Cunha	Emancipada em 1924	2022	30.892 habitantes	-	R\$80.956,10
		2010	27.126 habitantes	97,4%	R\$27.508,00
Santa Cruz do Sul	Formada em 1847	2022	133.230 habitantes	-	R\$74.205,00
		2010	102.891 habitantes	98,3%	R\$35.325,00
Santa Maria	Emancipada em 1857	2022	271.735 habitantes	-	R\$33.532,26
		2010	261.031 habitantes	98,1%	R\$15.352,00
Osório	Emancipada em 1857	2022	47.396 habitantes	-	R\$38.855,58
		2010	40.907 habitantes	97,1%	R\$30.338,00
Uruguaiana	Emancipada em 1846	2022	117.210 habitantes	-	R\$29.322,46
		2010	125.435 habitantes	97,6%	R\$12.108,00
Caçapava do Sul	Emancipada em 1831	2022	35.515 habitantes	-	R\$33.536,47
		2010	33.690 habitantes	99%	R\$12.075,00
Santana do Livramento	Emancipada em 1857	2022	84.421 habitantes	-	R\$37.330,14
		2010	82.464 habitantes	97,6%	R\$10.618,00
Bagé	Emancipada em 1811	2022	117.938 habitantes	-	R\$30.846,53
		2010	116.794 habitantes	97,6%	R\$12.523,00
São José do Norte	Emancipada em 1831	2022	25.443 habitantes	-	R\$28.446,79
		2010	25.503 habitantes	96,6%	R\$8.030,00
Chuí	Emancipada em 1995	2022	6.262 habitantes	-	R\$54.200,93
		2010	5.917 habitantes	97,7%	R\$13.114,00

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do IBGE (2010; 2022).

⁷ Visto que a coleta de dados do Projeto ALiB ocorreu até a primeira década do século XXI, optou-se por apresentar os dados populacionais das localidades em dois períodos: no senso do IBGE de 2010 e no senso de 2022, para facilitar a compreensão sócio-histórica do período de coleta de dados e atualmente.

4.2.2 Variáveis controladas na pesquisa

Mollica (2004a, p. 11) ao tratar dos conceitos de variantes e variáveis, denomina variantes como “as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente”. Nesse caso, a palatalização de /t, d/ diante de [i] é um fenômeno variável, pois pode se realizar através de duas variantes igualmente possíveis e equivalentes: a forma palatal ou a forma dentoalveolar. Mais adiante, a autora destaca que uma variável é considerada dependente pois não é empregada de forma aleatória, mas depende de outros fatores, os quais chamamos de variáveis independentes e, portanto, “as variáveis independentes ou grupo de fatores podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressões sobre os usos” (Mollica, 2004a, p. 11).

Desse modo, partimos de grupos de fatores, com base em trabalhos anteriores já realizados no âmbito do ALiB (Bulcão; Oliveira, 2018; Ribeiro, 2018; Assis, 2023; Mota; Oliveira, 2023), para examinar quais variáveis condicionam ou inibem o fenômeno investigado. Fatores sociais como sexo e faixa etária são fortes hipóteses de variáveis estatisticamente relevantes para nossos resultados, pois a revisão de literatura sobre o fenômeno indica um movimento de mudança linguística e expansão da articulação palatal no Brasil, o que acreditamos se repetir no interior do Rio Grande do Sul. Variáveis linguísticas também são grandes hipóteses enquanto condicionadoras da palatalização, pois é comum que a tonicidade da sílaba, por exemplo, bem como a posição da sílaba em causa influenciem e sofram influência dos sons anteriores e/ou posteriores. A variável estilística também é de grande relevância para verificarmos se o monitoramento da fala influencia na produção da variante mais prestigiada socialmente. Portanto as variáveis controladas nesta pesquisa encontram-se dispostas no Quadro 4, a seguir:

Quadro 4: Variáveis controladas na pesquisa

Variáveis linguísticas
Sonoridade da consoante: surda /t/ ou sonora /d/
Natureza da vogal: fonológica ou derivada
Posição da sílaba: inicial, medial ou final
Tonicidade da sílaba: tônica ou átona
Vogal antecedente: [a, ã], [ɛ, e, ê], [i, ĩ], [ɔ, o, ô], [u, ũ], semivogal anterior [y] ou semivogal posterior [w]
Consoante antecedente: constrictiva alveolar, constrictiva palatal ou rótico
Nasalidade da vogal: oral ou nasal
Classe de palavras: substantivo, adjetivo, verbo, pronome, numeral, advérbio, preposição
Variáveis sociais
Sexo: masculino ou feminino
Faixa etária: I (18 a 30 anos) ou II (50 a 65 anos)
Variável estilística
Tipo de registro: mais monitorado (QFF, QSL) ou menos monitorado (demais partes)
Variável diatópica
Localidade: Três Passos, Erechim, Passo Fundo, Vacaria, Ijuí, São Borja, Flores da Cunha, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Osório, Uruguaiana, Caçapava do Sul, Santana do Livramento, Bagé, São José do Norte ou Chuí

Fonte: Elaboração própria.

Em relação à primeira variável, referente à ‘Sonoridade da consoante’ – /t/ surda (1) e /d/ sonora (2) – Hora (1990), Bulcão e Oliveira (2018) e Ribeiro (2018) concluem que a consoante surda ou desvozeada favorece a palatalização.

- (1) /t/io, lei/t/e, fei/t/iço
- (2) /d/ia, ben/d/ito, bal/d/e

De acordo com Silva (2012), a articulação de uma consoante sonora requer mais esforço do que a articulação de uma consoante surda, que, por sua vez, resiste menos ao

processo de palatalização, embora alguns outros trabalhos demonstrem percentuais irrelevantes de diferença entre as duas, como é o caso Souza e Mota (2008) com os dados do Projeto ALiB nas capitais da Região Nordeste. Portanto cabe a investigação se esse padrão favorecedor da consoante surda vem se aplicando como regra ou se a consoante sonora também tende a se palatalizar igualmente.

Acerca da variável ‘Natureza da vogal’, temos dois fatores: a vogal fonológica (3), caracterizada pela natural vogal alta [i] como única forma possível de produção, e a vogal derivada [4], caracterizada pelo alteamento da vogal média /E/.

- (3) Quando o sol ‘tá’ vermelho, o outro **d[i]a** vai ser bom. (Homem, faixa etária 1, Chuí, QFF)
- (4) Tu prefere **leit[i]** ou café? (Mulher, faixa etária 1, Erechim, questões de prosódia)

Nesse contexto, Almeida (2000), ao observar a palatalização de /t/ e /d/ seguidas de [i] ou da glide [j] no município de Flores da Cunha – RS, concluiu que a vogal derivada favorecia o fenômeno. Por outro lado, Pires (2007), investigando a comunidade de São Borja – RS, mostrou que a vogal fonológica influenciou em maior peso a palatalização das oclusivas dentais. Abaurre e Paggoto (2002), por sua vez, concluíram que em quatro capitais investigadas a palatalização se comportou de maneiras distintas entre as surdas e as sonoras: em Recife e Porto Alegre, a vogal fonológica /i/ condicionou a palatalização; em Salvador, não houve diferença evidente, logo ambos os contextos favoreceram a palatalização na cidade; já em São Paulo, a vogal derivada favoreceu o fenômeno.

Com o grupo de fatores ‘Posição de sílaba’ investigamos se as sílabas que mais favorecem a aplicação da regra estão no início (5), no meio (6) ou no fim (7) das palavras.

- (5) Daí aqui chove, por exemplo, quinze **[di]as**. (Homem, faixa etária 2, Vacaria, QSL)
- (6) É estante ou **par[ti]leira**? (Mulher, faixa etária 2, Ijuí, QFF)
- (7) Eu fiz **transplan[ti]** de fígado em Porto Alegre. (Homem, faixa etária 1, Bagé, QMS)

O estudo de Hora (1990) concluiu que na cidade de Alagoinhas – BA a sílaba inicial favoreceu a palatalização de /t, d/ diante de [i]. Apesar disso, na grande maioria dos trabalhos, como os de Bulcão e Oliveira (2018) e Mota e Oliveira (2023), essa variável não

é selecionada pelo programa como estatisticamente relevante; a tonicidade da sílaba parece influenciar mais o favorecimento ou a inibição do fenômeno do que a sua posição na palavra.

Desse modo, a variável ‘Tonicidade da sílaba’ já é mais frequentemente selecionada pelos programas estatísticos como relevante no processo de palatalização. Bisol (1991) confirma que, em uma amostra do Rio Grande do Sul, a sílaba tônica tendia a favorecer a aplicação da regra. Entretanto, nas regiões de colonização alemã e italiana, as posições átonas da sílaba influenciaram mais o fenômeno.

Almeida (2000), ao investigar a cidade de Flores da Cunha – RS, verificou que a maior influência na palatalização de /t, d/ diante de [i] vinha das sílabas em posição postônica final e pretônica inicial. Kamianecy (2002), observando dados de Porto Alegre e Florianópolis, concluiu que as sílabas em posição postônica não final e final favoreceram a palatalização, enquanto a posição tônica apresentou comportamento neutro. Bulcão e Oliveira (2018), por sua vez, concluíram que as sílabas em posição átona favorecem a aplicação da regra e atribuem isso ao fato de as sílabas tônicas requererem maior tensão articulatória e, portanto, “requerem a realização de fones considerados padrão em determinada comunidade de fala” (Bulcão; Oliveira, 2018, p. 5).

O controle da ‘Vogal antecedente’, por sua vez, elucida a atuação da zona articulatória que precede a realização das consoantes /t, d/ diante de [i], considerando que alguns estudiosos presumem que quanto mais posterior a vogal antecedente, maior seria a palatalização por um processo de assimilação (Bulcão; Oliveira, 2018). Desse modo, consideram-se os seguintes contextos: a vogal antecedente ‘a’, em casos como ‘cidade’ e ‘hepática’; vogal antecedente ‘e’, como em ‘sabonete’ e ‘ingredientes’; vogal ‘i’, em casos como ‘dividir’ e ‘pitíbull’; vogal ‘o’, como em ‘notebook’ e ‘chicotinho’; vogal ‘u’, como em ‘sutiã’ e ‘futebol’; semivogal ‘y’, como em ‘leite’; e semivogal ‘w’, como em ‘autista’.

Além das vogais, também é controlada a ‘Consoante antecedente’, que aparece em sílabas travadas: fricativa alveolar (‘e[s]tilingue’), fricativa palatal (‘e[ʃ]tilingue’, e os róticos (‘pa[R]te’). Isso porque, segundo hipóteses levantadas em pesquisas anteriores, a zona de articulação palatal favoreceria a palatalização devido ao processo de assimilação (Mota; Oliveira, 2023). Desse modo, busca-se compreender se essa hipótese se confirma também nesse trabalho.

Quanto à ‘Nasalidade da vogal’, temos a ocorrência de casos como ‘ponte’ e ‘dívida’, em que a vogal da sílaba em causa é oral, e casos como ‘cacetinho’ e ‘dinheiro’, em que a vogal da sílaba em causa é nasal. Algumas investigações observam esse fenômeno analisando a nasalização em sílabas anteriores ou posteriores, como Almeida (2000), que

verificou que o fator nasal no contexto precedente motivou a regra de palatalização na localidade de Chuí – RS. Já Pagotto (2001), ao levantar dados das regiões de Florianópolis, concluiu que as vogais posteriores nasalizadas no contexto seguinte favorecem o fenômeno. Neste trabalho, verificamos a influência ou não da nasalidade da vogal na sílaba em causa.

O grupo de fatores ‘Classe de palavras’ é utilizado para elucidar em quais classes de palavras podemos verificar a maior ocorrência da palatalização. Nesse sentido, as classes de palavras consideradas são: substantivo (8), verbo (9), adjetivo (10), advérbio (11), preposição (12), pronome (13) e numeral (14). Bulcão e Oliveira (2018) identificaram os verbos e as preposições como classes de palavras de maior favorecimento do fenômeno, enquanto Assis (2023) identificou os substantivos como favorecedores da regra de palatalização.

- (8) O **[d]ia** depois de hoje. (Homem, faixa etária 1, Três Passos, QFF)
- (9) Todo mundo **[t]inha** que ter cavalo. (Mulher, faixa etária 1, Erechim, QFF)
- (10) A outra casa é bem mais **gran[d]i**. (Mulher, faixa etária 1, Vacaria, QMS)
- (11) Isso **an[t]is** de eu casar, né. (Homem, faixa etária 1, Vacaria, discurso semidirigido)
- (12) Nascia dia dez **[di]** julho. (Mulher, faixa etária 2, Chuí, tema livre)
- (13) Pode deixar que eu vou **[ti]** dar alta hoje. (Homem, faixa etária 1, Vacaria, questões de prosódia)
- (14) Dia **vin[t]i** e quatro do oito de noventa e três. (Homem, faixa etária 1, Três Passos, tema livre)

As variáveis sociais também são de importância fundamental para a compreensão dos fenômenos linguísticos, visto que toda língua está inserida em uma comunidade de fala. Sobre essas variáveis, Mollica (2004b) faz a seguinte observação:

Das variáveis externas ou não-linguísticas, registram-se os marcadores regionais predominantes em comunidades facilmente identificadas geograficamente, em simultaneidade a indicadores de estratificação estilístico-social, de forma que a variação projeta-se num contínuo em que se podem descrever tendências de uso linguístico de comunidades de fala caracterizadas diferentemente quanto ao perfil sociolinguístico. (Mollica, 2004b, p. 27)

Nesse sentido, o objetivo de uma análise sociolinguística é identificar não somente como um fenômeno variável ocorre na língua na perspectiva estrutural, mas sobretudo como ela se comporta e é significada socialmente. O desenvolvimento de pesquisas dessa natureza já indicam alguns comportamentos aparentemente padrões na língua em relação à sua representação social, mas esses padrões só podem ser confirmados com o desenvolvimento de um maior número de trabalhos. Por isso, urge a necessidade da investigação de fatores sociais sobre os fenômenos, que, às vezes, podem dizer mais sobre o funcionamento linguístico do que as próprias implicações internas à língua. Portanto foram selecionadas duas variáveis sociais – sexo e faixa etária – além das variáveis estilística e geográfica – que também estão englobadas no guarda-chuva social.

A variável ‘Sexo’ é de grande importância nesse cenário social em conjunto com a linguística. A primeira relação atribuída à variação linguística e ao sexo dos falantes foi realizada por Fischer (1958 apud Paiva, 2012, p. 34), em seu estudo intitulado “Influências sociais na escola de variantes linguísticas”, em que observou a pronúncia variável do sufixo *-ing* na língua inglesa. Na ocasião, concluiu que a pronúncia velar desse sufixo era preferida pelas mulheres. A partir disso, uma contribuição muito interessante surge para os estudos de variação: essa preferência não se dava por motivações aleatórias ou propriamente linguísticas, mas por uma motivação também social, a forma prestigiada em contraste com a forma não prestigiada. Constatou, por fim, que as mulheres são mais adeptas à norma prestigiada e, portanto, aderem mais ao uso da norma padrão.

Diante disso, este trabalho utilizou dados de 64 informantes no total, dos quais 32 foram mulheres estratificadas em duas faixas etárias. Em cada localidade do interior, o Projeto ALiB inquiriu quatro informantes, logo, duas mulheres em cada. A partir dos resultados dessas informantes, será possível mais uma elucidação acerca do papel dos sexos no processo de variação e mudança.

A segunda variável social analisada nesta pesquisa é a ‘Faixa etária’, composta por dois fatores: faixa etária 1, que abrange informante dos 18 aos 30 anos; e faixa etária 2, que compreende os informantes de 50 a 65 anos, de acordo com a metodologia do Projeto ALiB. Essa variável é essencial em pesquisas de tempo aparente (cf. Labov, 2008 [1972]), pois permite elucidar a que passos caminha determinado fenômeno variável, indicando se há mudança em progresso ou variação estável.

Pesquisas como as de Dutra (2007), Ribeiro (2018), Assis (2023) e Mota e Oliveira (2023) revelam que a palatalização tem sido mais realizada na fala dos informantes mais jovens. Sobre isso, Mota e Oliveira (2023) afirmam que o fato de as variantes palatais

prevalecerem na faixa etária 1 caracteriza mudança em progresso, pressuposto teórico defendido por Labov (2008 [1972]). Portanto se pressupõe que os informantes mais jovens liderem o processo de mudança e implementação de novas formas na língua, enquanto os de idade mais avançada tendam ao conservadorismo.

A variação estilística diz respeito ao ‘Tipo de registro’. Nesse caso, refere-se a qual parte do questionário tais respostas foram dadas e ao tipo de fala utilizado no momento. O inquérito do ALiB tem algumas partes, a saber: Questionário Fonético-Fonológico (QFF), Questionário Semântico-Lexical (QSL) e Questionário morfossintático (QMS). A isso, somam-se também questões de pragmática, temas para discursos semidirigidos, questões metalinguísticas e um texto para leitura (desconsiderado nesta pesquisa). Nesse sentido, as respostas atribuídas ao QFF e ao QSL são considerados registros mais monitorados, com respostas mais objetivas, enquanto as respostas dadas nas demais partes são consideradas mais livres, menos monitoradas.

O controle dessa variável é de grande valor para entender se os informantes adaptam suas escolhas linguísticas a depender do contexto ou da situação. Nesse caso, cabe observar se o contexto de entrevista ou a parte do questionário – considerando que nas partes mais monitoradas, o informante tende a uma maior tensão, desconforto ou nervosismo, enquanto nas partes menos monitoradas, tende a estar mais relaxado e à vontade – interfere ou desperta alguma flutuação no comportamento linguístico. Sabe-se que os seres humanos são dotados da capacidade de refletir e atribuir valores às formas linguísticas, ainda que de maneira nem sempre tão consciente. Assim, os conceitos de “certo” e “errado” ou “bonito” e “feio” são associados quase que de maneira natural pelos falantes às formas que eles mesmos utilizam bem como às dos demais. Essa avaliação sobre a língua, seja ela negativa ou positiva, pode também interferir no momento em que se escolhe dizer algo, especialmente quando se está em contextos mais formais. Todos esses fatores podem determinar as escolhas linguísticas dos informantes, além de apontar questões interessantes sobre a própria percepção de língua e norma.

Por fim, a última variável analisada diz respeito à diatopia. Como já mencionado, 16 localidades do interior do Rio Grande do Sul compõem o *locus* desta pesquisa. Essa variável é a mais tradicional dentro dos estudos da Dialectologia, que objetiva mapear geograficamente as variações linguísticas. Cardoso (2010) define bem a importância desse fator:

O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação geográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história. (Cardoso, 2010, p. 15)

A respeito da pronúncia do /t, d/ diante de [i], por exemplo, sabe-se que é um fenômeno bastante caracterizado pela diatopia no Brasil: as regiões se dividem entre a pronúncia dentoalveolar e a palatal, dando especificidades a seus povos. No caso do Rio Grande do Sul, Mota e Oliveira (2023) concluíram que a palatalização se dá de forma categórica em Porto Alegre, capital do estado. Entretanto outras pesquisas indicam que há variação no interior do estado, especialmente em regiões fronteiriças e de contato linguístico, como afirmado por Margotti (2004), ao verificar que falantes bilíngues ítalo/brasileiro não realizam a variação de /t, d/ dentoalveolar ou palatal no mesmo contexto, pois entendem, com base na língua italiana, que se trata de representações mentais diferentes. Portanto, ao observar o fenômeno nas 16 localidades selecionadas, é possível chegar a um panorama de como ele se comporta no estado, se o resultado da capital também se reflete no interior e se a influência das demais línguas realmente apresenta alguma correlação.

Definidas as variáveis controladas nesta pesquisa, a análise dos dados está apresentada na seção seguinte.

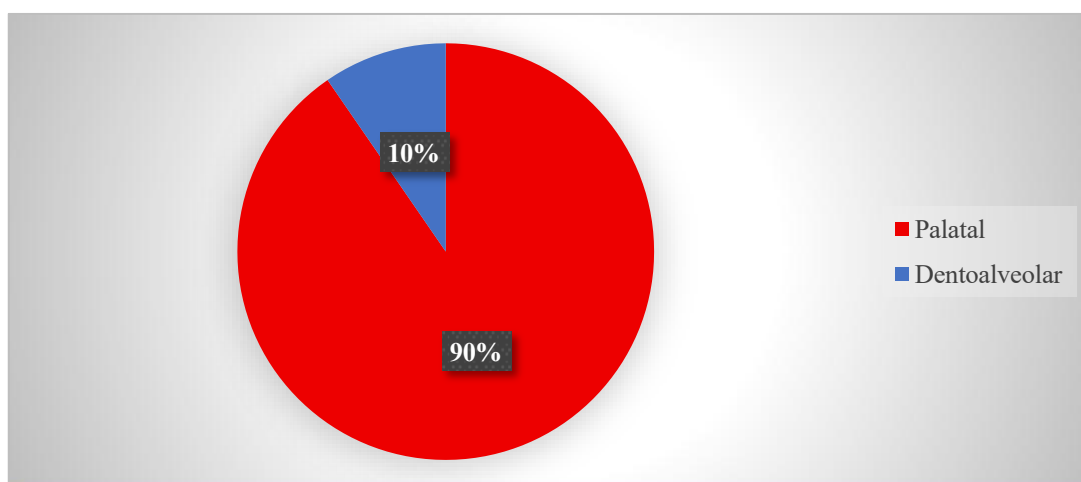
5 ANÁLISE DOS DADOS

A palatalização das consoantes /t, d/ diante de [i] pode ocorrer em dois contextos diferentes, ambos levados em consideração nesta pesquisa: /t, d/ diante de /i/ vogal fonológica – como em *artigo* e *diadema* – e /t, d/ diante de [i] vogal derivada – como em *dente* e *desvio*, contexto derivado do alçamento da vogal /e/ em posição átona.

Para esta pesquisa, foram consideradas 16 localidades do interior do Rio Grande do Sul, a saber: Três Passos, Erechim, Passo Fundo, Vacaria, Ijuí, São Borja, Flores da Cunha, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Osório, Uruguaiana, Caçapava do Sul, Santana do Livramento, Bagé, São José do Norte e Chuí.

Após audição dos inquéritos realizados nas localidades mencionadas, foram levantados 9.188 dados de /t, d/ diante de [i]. Desse total, 8.303 (90%) foram de realização palatal, enquanto apenas 885 (10%) foram de realização dentoalveolar, como é possível observar no Gráfico 1, a seguir:

Gráfico 1: Distribuição geral dos dados de /t, d/ diante de [i] no interior do Rio Grande do Sul



Fonte: Elaboração própria.

Os resultados apontam o favorecimento da palatalização de /t, d/ diante de [i] nessas localidades, mas os 10% de realização dentoalveolar revelam que esse não é um fenômeno categórico, como ocorre na capital Porto Alegre (cf. Mota; Oliveira, 2023). Essa variação no interior do estado já era esperada, visto que especialmente os resultados do ALERS já indicavam que, nas localidades coincidentes entre as duas pesquisas, algumas delas inibiam a palatalização, como é o caso de Erechim, Uruguaiana e Vacaria. Essa variação no interior do estado revela as nuances de um povo marcado pelo contato dialetal e reforça o papel das

variáveis, sobretudo sociais, no favorecimento do fenômeno. Dessa forma, procedeu-se à análise variacionista, a fim de entender quais variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas na pesquisa condicionam ou não a produção da palatalização.

A partir desse resultado preliminar, levando em consideração a variável palatal como regra de aplicação, o GoldVarb X selecionou como estatisticamente relevantes os seguintes grupos de fatores, nesta ordem: ‘Localidade’, ‘Faixa etária’, ‘Sexo’, ‘Natureza da vogal’, ‘Posição da Sílabas’, ‘Sonoridade da consoante’, ‘Tipo de registro’, ‘Classe de palavras’ e ‘Consoante antecedente’, evidenciando que, inicialmente, a palatalização de /t, d/ diante de [i] nas cidades pesquisadas é condicionada tanto por fatores linguísticos quanto extralinguísticos.

Foram realizadas duas rodadas com todos os dados⁸, pois a primeira apresentou *knockouts*⁹. Assim, após a eliminação desses casos, procedemos a uma nova rodada para a obtenção dos pesos relativos, como exposto a seguir.

5.1 PRIMEIRA RODADA: OS CASOS DE *KNOCKOUTS*

Após submeter os dados à primeira rodada, houve alguns casos de *knockouts* e, diante disso, alguns procedimentos precisaram ser adotados para dar prosseguimento à rodada de pesos relativos. Esses casos foram referentes à variável ‘Classe de palavras’ e ocorreram nos dados da conjunção “tipo” (= “como”), que apareceu apenas nove vezes, todas elas com a variante palatal. Essas ocorrências estão listadas a seguir, em (15), (16), (17), (18), (19), (20), (21), (22) e (23):

(15) É **tipo** carro de boi. (Homem, faixa etária 1, Bagé, QSL)

(16) Faz comentários, **tipo** dos animais... (Homem, faixa etária 1, Bagé, questões de pragmática)

(17) **Tipo?** [no sentido de: como?] (Homem, faixa etária 1, Bagé, questões de pragmática)

(18) É aquela **tipo** um pente. (Homem, faixa etária 2, Bagé, QSL)

(19) É **tipo** tecido. (Mulher, faixa etária 2, Bagé, QSL)

⁸ Como se pode ver no decorrer na análise, outras rodadas foram feitas com os dados só de algumas localidades para melhor se compreender a variação local.

⁹ O *knockout* acontece nos casos em que não há variação, ou seja, a aplicação da regra é categórica (atinge 100% dos dados) ou não se aplica a nenhum dado (0%).

- (20) É **tipo** curau. (Mulher, faixa etária 2, Bagé, QSL)
 (21) É **tipo** o Enarte. (Homem, faixa etária 1, Osório, discurso semidirigido)
 (22) O cal é **tipo** uma farinha. (Homem, faixa etária 1, São José do Norte, QMS)
 (23) Ah, **tipo** um cesto, né? (Homem, faixa etária 2, Passo Fundo, QSL)

Além disso, também houve casos de *knockouts* em relação à variável ‘Localidade’. A cidade de São José do Norte (ponto 249) apresentou comportamento categórico em relação à palatalização de /t, d/ diante de [i]. Ao todo, foram 876 dados na localidade, todos de realização palatal. Esse fato levanta curiosidade, visto que a localidade foi habitada inicialmente por açorianos, que têm como característica geral a não palatalização de /t, d/ diante de [i]. Uma hipótese explicativa para tal resultado é o fato de São José do Norte ser uma região de turismo, com mais de 100km de praias ao longo do Oceano Atlântico, o que atrai muitos turistas de diversas regiões do Brasil. O contato dialetal pode ter levado a comunidade a aderir à variante palatal, que é considerada de prestígio no Brasil e, inclusive, caracteriza o falar da capital, Porto Alegre, como apontaram Mota e Oliveira (2023).

A rodada de dados no GoldVarb X consiste em duas etapas: a rodada de percentuais e, posteriormente, a rodada de pesos relativos (medida estatística com valores entre 0 e 1). Quando ocorrem casos de *knockouts* na rodada de percentuais, isto é, quando uma ou mais categorias não apresentam variação (100% de dados ou nenhum dado de determinada variável), o programa não permite que a rodada de pesos relativos seja feita. Para resolver isso, é necessário retirar o(s) fator(es)/grupo(s) em que não há variação ou uni-los a outro(s) fator(es)/grupo(s), quando possível. No nosso caso, o grupo de conjunções apresentou *knockout* e, por apresentar um pequeno número de ocorrência, optamos por retirar a classe de palavras ‘Conjunções’ da análise. O mesmo ocorreu com a localidade de São José do Norte, que apresentou comportamento categórico para a variante palatal, ou seja, sem variação. Foi gerada, então, uma segunda rodada, desta vez sem *knockouts* (sem as conjunções e sem São José do Norte), para a obtenção dos pesos relativos.

5.2 SEGUNDA RODADA RODADA: AS VARIÁVEIS SELECIONADAS

Na segunda rodada, as variáveis selecionadas, ou seja, aquelas que, de acordo com o programa estatístico, apresentam correlação com a palatalização de /t, d/ diante de [i] no interior do Rio Grande do Sul, foram, nesta ordem: a variável diatópica (‘Localidade’), as duas variáveis sociais (‘Faixa etária’ e ‘Sexo’), duas variáveis linguísticas (‘Natureza da

vogal’ e ‘Posição da sílaba’), a variável estilística (‘Tipo de registro’) e mais duas variáveis linguísticas (‘Classe de palavras’ e ‘Consoante antecedente’). O *input* final (que indica o percentual total de aplicação da regra) foi de 0,989, o *log likelihood* (o logaritmo de verossimilhança, que mede a aproximação entre o modelo e os dados observados) foi de -1389.962 e o nível de significância¹⁰ (que mede o nível de confiabilidade dos resultados) foi de 0,045.

A seguir, apresentam-se e discutem-se os resultados encontrados para cada variável selecionada pelo GoldVarb X como estatisticamente relevante. De acordo com o modelo estatístico adotado, os fatores que apresentam peso relativo acima de 0,5 favorecem a regra e os que apresentam peso relativo abaixo de 0,5 a inibem.

5.2.1 Localidade

A variável ‘Localidade’ foi a primeira selecionada pelo GoldVarb X, revelando o caráter diatópico da variação de /t, d/ diante de [i] no interior do Rio Grande do Sul, em conformidade com os estudos de Bisol (1986) e Dutra (2007). Das quinze cidades analisadas (após a exclusão de São José do Norte), oito favorecerem a realização palatal, enquanto as outras sete a inibiram. O alto *range*¹¹ obtido revela a importância dessa variável.

Os resultados obtidos para essa variável, considerando como regra de aplicação a variante palatal, encontram-se na Tabela 1, a seguir:

¹⁰ Nas ciências humanas, considera-se como aceitável a significância de até 0,5.

¹¹ O *range* é a diferença entre o maior e o menor peso relativo registrados. Quanto mais alto seu valor, maior a significância da variável, pois que maior a diferença entre o(s) fator(es) que favorece(m) e o(s) que inibe(m) a regra de aplicação.

Tabela 1: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no interior do Rio Grande do Sul e
'Localidade'

Localidade	Ocorrências/total	Percentual	Peso relativo
São José do Norte	876/876	100%	-
Osório	1.317/1.378	99,6%	0,923
Caçapava do Sul	713/716	99,6%	0,885
Santa Cruz do Sul	776/779	99,6%	0,879
Bagé	420/423	99,3%	0,816
Uruguaiana	312/319	97,8%	0,651
Ijuí	399/408	97,8%	0,649
São Borja	322/330	97,6%	0,528
Passo Fundo	353/363	97,2%	0,505
Santa Maria	371/382	97,1%	0,424
Santana do Livramento	537/573	93,7%	0,328
Vacaria	504/534	94,4%	0,287
Três Passos	393/418	94,0%	0,251
Flores da Cunha	256/363	70,5%	0,046
Erechim	272/401	67,8%	0,034
Chuí	427/926	46,1%	0,019

Input: 0,989
Significância: 0,045

Range: 0,904

Fonte: Elaboração própria.

Na perspectiva das pesquisas sociolinguísticas, a variável diatópica, quando selecionada como estatisticamente relevante para o fenômeno investigado, instiga sempre um grande leque de informações sociais e históricas sobre as localidades. Nesse caso, a rodada de pesos relativos demonstrou que algumas localidades do interior apresentam comportamento conservador em relação à produção de /t, d/ diante de [i], com baixo peso relativo para a palatalização, favorecendo a variante dentoalveolar. No entanto a maioria das localidades favoreceu a variante palatal.

Diferentemente do que propôs Bisol (1986), algumas localidades de fronteira com países que falam espanhol, como Bagé, Uruguiana e São Borja apresentaram alto peso relativo para a palatalização, revelando que, apesar do contato linguístico, outros fatores estão contribuindo para a expansão e o uso da variante palatal, como discutido posteriormente. Por outro lado, o Chuí, na fronteira com o Uruguai, foi a localidade que mais inibiu a palatalização, como já apontado por Dutra (2007).

Em destaque, a cidade de Osório apresentou um comportamento semicategórico para a palatalização de /t, d/ diante de [i], além de um número expressivo de dados. Ao todo, foram 1.378 dados de produção de /t, d/ diante de [i], dos quais 1.317 foram de realização palatal, representando um peso relativo de 0,923. Em comparação ao ALERS, houve uma curva de crescimento em relação ao índice de palatalização, já que, embora os informantes de Osório tenham palatalizado em boa parte dos dados do ALERS, eles inibiram o fenômeno na palavra [d]ia.

Um elemento que chama a atenção nessa análise é o *range* de 0,904, que demonstra a alta variação para o fenômeno no interior do estado. A constituição histórica, social, cultural, dentre outros fatores, como, por exemplo, o turismo e a localização dos municípios, podem dar indícios das motivações para a preferência da variante palatal ou dentoalveolar. Osório (ponto 244), por exemplo, localidade que lidera o *ranking* de palatalização no interior do Rio Grande do Sul, está localizada na encosta da serra gaúcha, mas também próxima à região litorânea (cf. Figura 5). Desse modo, destaca-se por reunir serra, lagoas e mar, sendo ladeada pelo Oceano Atlântico.

Figura 5: Localização de Osório



Fonte: Wikipédia.

A variante palatal, além de considerada inovadora na língua portuguesa, é também a variante de prestígio. Nesse sentido, uma hipótese explicativa para o alto nível de palatalização em Osório é seu desenvolvimento social e econômico, além da sua importância no contexto da região. De acordo com Ramos (2024), até 1965 mais da metade dos 21 municípios do Litoral Norte do Rio Grande do Sul pertenciam a Osório e isso constituiu, durante muito tempo, a força política necessária para transformar o município em um grande centro logístico para o comércio e o turismo. Posteriormente, esses municípios foram emancipados e Osório perdeu parte dessa força, sendo, inclusive, ultrapassada no número de habitantes, entretanto manteve o maior número de eleitores, o maior consumo de energia e a maior frota de veículos da região.

Além disso, a chegada da indústria eólica em Osório no ano de 2005 atraiu à região profissionais de diversas áreas e fortaleceu a economia, não apenas considerando a prestação de serviços mas também o turismo, já que trabalhadores de diversas regiões do país passaram a frequentar a localidade. Destaca-se ainda sua localização estratégica entre Porto Alegre, a capital do estado, e Torres, por onde, de acordo com o *site* da prefeitura de Osório, passam milhares de turistas uruguaios, argentinos e gaúchos, utilizando as BR 290, BR 101 e RS 389. Além disso, também é considerado um centro educacional, dispondo, no âmbito universitário, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), da Universidade Cenecista (UNICNEC) e da Universidade Leonardo da Vinci – Uniasselvi.

A partir dessas informações, é perceptível que Osório pode ser caracterizado como um polo econômico e turístico do interior do Estado do Rio Grande do Sul, motivo pelo qual atrai muitos visitantes. Esse contato com falantes de diversas áreas do país bem como de turistas uruguaios e argentinos, é um potencial fator para o estabelecimento da variante palatal na localidade. Além disso, a proximidade entre Osório e Porto Alegre, distanciados por apenas 104km, e sendo Porto Alegre a capital do estado, que, como já mencionado, apresentou comportamento categórico para a palatalização, pode ser outro fator importante para a consolidação da variante palatal em Osório. Uma cidade em situação de contato dialetal apresenta maiores condições de incremento de uso de formas inovadoras, acelerando processos de mudança em curso (Thomason; Kaufman, 1991; Thomason, 2003).

A segunda localidade que apresentou maior peso relativo em relação à palatalização de /t, d/ diante de [i] foi Caçapava do Sul (ponto 246), com peso relativo de 0,885. O nome Caçapava tem origem indígena, advindo do Tupi-Guarani “CAA-ÇA-PAABAA”, traduzido ao português como “clareira na mata”. Os primeiros habitantes da região foram indígenas

Charruas, que, posteriormente, passaram a disputar o território com os indígenas Minuanos (Abrão, 1992, p. 13).

Ainda de acordo com o autor, a atual Caçapava do Sul (cf. Figura 6) nasceu no período de lutas entre a Espanha e Portugal, este último com domínio sobre a América com limites ao Sul, no Estado de Santa Catarina, enquanto os espanhóis dominavam a parte oeste do Continente. Já o que antes era chamado de “terra-de-ninguém” era uma faixa territorial entre os rios Jacuí (hoje Guaíba) e Camaquã. É exatamente nesse território que Caçapava do Sul está localizada. Após o período de guerra, a maior parte dessa região foi revertida ao domínio luso-brasileiro.

Figura 6: Localização de Caçapava do Sul



Fonte: Wikipédia.

Entretanto, antes mesmo do seu povoamento, o território de Caçapava do Sul já era conhecido como “Paragem ou Povo de Cassapava”, pois por lá passavam muitos tropeiros e bandeirantes paulistas, com o principal objetivo de arrebatam o gado que pastava pelos pampas.

Considerando esse cenário histórico, uma hipótese explicativa para a forte produção da variante palatal na localidade é o contato com os tropeiros que iam e viam de São Paulo. De acordo com Mota e Oliveira (2023), a partir dos dados do ALiB, a capital São Paulo apresentou comportamento categórico para a palatalização. Em uma retrospectiva à formação histórica de Caçapava do Sul, registra-se um grande movimento, a partir de 1730, no caminho de terra entre o Continente do Rio Grande São Pedro (atual Rio Grande do Sul) e a Capitania de São Paulo, dando início ao Ciclo dos Tropeiros (século XVIII e parte do século XIX) e, posteriormente, ao Ciclo das Bandeiras. De acordo com Abrão (1992, p. 4),

Esses tropeiros tiveram uma atuação marcante de pioneirismo no desenvolvimento do sul do Brasil. Ao longo dos ínvios caminhos que iam desbravando, ficava marcada sua passagem e, quando abandonavam o pouso, não destruíam os ranchos erguidos para seu abrigo, para que outros tropeiros, vindos após eles, ocupassem também as habitações. Esses lugares tornaram-se conhecidos e buscados pelos viajantes. Mais ranchos foram surgindo, porque novos colonizadores ali se aglutinavam. Mais tarde, surgiu uma venda, uma rústica capelinha e, pouco a pouco, foi-se formando um povoado. (Abrão, 1992, p. 4)

Fica perceptível, então, que boa parte da construção de Caçapava do Sul teve influência das pousadas dos tropeiros paulistas, assim como algumas outras localidades do Sul. Essa relação antiga entre os estados pode ser, de fato, um grande condicionador para a prevalência da variante palatal na localidade. Segundo Giles (1973), Coupland (1984) e Trudgill (1986), não só nos casos de línguas em contato mas também nos casos de dialetos em contato há uma tendência à aceleração de processos de mudança.

Santa Cruz do Sul (ponto 241) foi a terceira cidade com maior peso relativo para o fenômeno no interior do Rio Grande do Sul. Sua história está diretamente relacionada com a imigração alemã, especialmente no século XIX. Em 1849, o governo provincial, por meio de uma política de imigração, promoveu a colonização de Santa Cruz do Sul (cf. Figura 7), chegando, assim, as primeiras famílias alemãs na região.

Figura 7: Localização de Santa Cruz do Sul



Fonte: Wikipédia.

De acordo com Roche (1969, p. 109), Santa Cruz do Sul “destinava-se a servir de porta, numa estrada iniciada em 1847, entre Rio Pardo e Cruz Alta [...]”; além disso, “[...] seu solo era fértil, e a colônia prosperou graças à cultura do fumo. Emancipou-se em 1872”.

Pensando nesse cenário, sendo Santa Cruz do Sul antiga colônia alemã, soa um tanto contraditório a forte palatalização na região, visto que, de acordo com Šileikaitė-Kaishauri (2015), esse processo não costuma ocorrer no alemão, salvo algumas exceções relacionadas às consoantes [k], [g] e [ŋ] quando seguem vogais anteriores. Por conta disso, foi necessária uma análise mais rigorosa para entender por quais motivos a palatalização apareceu com forte peso relativo em nossa pesquisa.

Bisol (1991) pesquisou o processo de palatalização de /t, d/ diante de [i] no português falado no Rio Grande do Sul e dividiu as regiões em três: metropolitana, fronteira e colônias (italianas e alemãs). Por meio dos resultados obtidos, concluiu que nas regiões de colônia os informantes mais jovens palatalizavam com mais frequência. Além disso, nos grupos étnicos das colônias alemã e italiana o fenômeno foi mais aplicado na posição átona das palavras. Pensando nisso, foi realizada uma rodada de percentuais considerando apenas os dados de Santa Cruz do Sul, para verificar, por meio da quantidade de dados e dos percentuais, se esses resultados convergem com os obtidos por Bisol.

Nessa rodada de percentuais, foram obtidos os seguintes resultados: a faixa etária 1 apresentou comportamento categórico para a palatalização, com um total de 329 dados, todos palatais. A faixa 2, por sua vez, apresentou uma pequena variação, alcançando um percentual de 99,3% de palatalização. Quanto à tonicidade da sílaba, foram obtidos um total de 538 dados de /t, d/ palatal em posição átona, enquanto apenas 238 apareceram em posição tônica. Ambos os resultados estão de acordo com os obtidos por Bisol e indicam, por meio da faixa etária, uma possível mudança em curso, além de demonstrarem que o fator linguístico ‘tonicidade da sílaba’ influencia o fenômeno, justificando o favorecimento da palatalização mesmo em região de colonização alemã.

Bagé (ponto 248), por sua vez, foi a quarta cidade com maior peso relativo em relação à palatalização. A localidade foi dominada inicialmente pelos espanhóis e a construção do Forte de Santa Tecla, em 1773, pelas tropas espanholas, foi um importante marco na fundação da cidade. A região foi colonizada especialmente por espanhóis, portugueses, alemães, italianos, árabes e japoneses e localiza-se a cerca de 381,8 km de Porto Alegre, fazendo fronteira com o Uruguai (cf. Figura 8), o que revela que os falantes de Bagé têm forte contato dialetal com o espanhol.

Figura 8: Localização de Bagé

Fonte: Wikipédia.

Embora seja comum a crença de que, especialmente no português utilizado na Campanha – que envolve as áreas fronteiriças –, a língua espanhola exerça influência sobre algumas variedades e que, nesse caso, a variante dentoalveolar deveria prevalecer assim como no Espanhol, tanto o ALERS quanto os resultados desta pesquisa evidenciam que nessas regiões há grandes índices de palatalização. Lafin (2011), sobre esses altos números de dados palatais, supõe que isso, provavelmente, poderia ser um indício de marcação do pertencimento à comunidade de fala do português. Além disso, a autora reforça que:

No Brasil, há um caminho em direção à homogeneidade da ocorrência de palatalização, enquanto no Uruguai, por outro lado, evidencia-se o aumento da heterogeneidade, o que nos faz pensar em uma mudança em curso – da realização conservadora à de maior prestígio. (Lafin, 2011, p. 32)

Essa tendência à palatalização no Brasil e à heterogeneidade no Uruguai pode ser a explicação para o aumento dos pesos relativos para a palatalização nas áreas de fronteira.

Uruguaiana (ponto 245) foi a quinta cidade a apresentar maior peso relativo e favorecer a palatalização. Fundada pela Revolução Farroupilha e emancipada da cidade de Alegrete, faz fronteira com o Uruguai e com a Argentina (cf. Figura 9), mas, apesar desse forte contato com a língua espanhola, seus habitantes também mantiveram como regra a pronúncia palatal, em contraste com os dados do ALERS, que indicaram que os informantes de Uruguaiana não palatalizam nas palavras *men[t]ira* e *[d]ia*.

Figura 9: Localização de Uruguaiana

Fonte: Wikipédia.

Aventam-se algumas hipóteses explicativas o favorecimento da palatalização nessa localidade: Uruguaiana é considerada uma cidade turística e possui uma localização estratégica que fortalece o comércio internacional, tendo em vista que está equidistante de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, Montevideo, Buenos Aires e Assunção. Possui uma importante Ponte Internacional Rodoferroviária, que passa sobre o Rio Uruguai e liga Uruguaiana à cidade de Paso de los Libres, na Argentina, o que favorece o fluxo de turistas a passeio bem como o turismo de compras. Além disso, em Uruguaiana também reside um *campus* da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), o qual recebe muitos estudantes de diversas áreas do país. Desse modo, esse fluxo de pessoas pode favorecer a ampliação da variante palatal na localidade.

A sexta cidade de maior peso relativo para a palatalização foi Ijuí (ponto 238), com peso relativo de 0,649. Localizada no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (cf. Figura 10), Ijuí passou por uma colonização tardia, no final do século XIX e início do século XX. A “Colônia de Ijuhy” era habitada especialmente por fazendeiros de São Paulo e do Paraná. Nesse cenário, desenvolveu-se a ideia de que os brasileiros pobres não contribuíam para o desenvolvimento local e, por isso, instalou-se um projeto cujo objetivo era incentivar a ida de migrantes de velhas colônias e de imigrantes europeus.

Figura 10: Localização de Ijuí

Fonte: Wikipédia.

Nas cartas do ALiB referentes à palatalização de /t, d/ nas capitais, observa-se que a capital de São Paulo apresentou comportamento categórico para a palatalização, enquanto a capital do Paraná apresentou comportamento semicategórico. Esses fatos podem ter influenciado a formação dialetal dos falantes de Ijuí, que favorecem a variante palatal.

A sétima cidade com maior aplicação da regra de palatalização (também de forma semicategórica) foi São Borja (ponto 239), com peso relativo de 0,776. O resultado converge com os achados de Pires (2007), que identificou que a regra de palatalização na localidade era favorecida pelas variáveis ‘tipo de vogal alta’, ‘tonicidade da sílaba’, ‘contexto seguinte’, ‘sonoridade da oclusiva’, ‘sexo’, ‘idade’ e ‘escolaridade’, apesar de a não aplicação ter sido percentualmente maior.

É importante destacar que São Borja faz fronteira com a Argentina (cf. Figura 11) e, por isso, o contato com a língua espanhola gera essa divisão dialetal entre as duas realizações.

Figura 11: Localização de São Borja

Fonte: Wikipédia.

No *Atlas linguístico-etnográfico do Região Sul do Brasil* (2011), em relação à realização da consoante na palavra *tia*, os informantes de São Borja favorecerem a variante dentoalveolar. Nesta pesquisa, todavia, a localidade aparece como favorecedora da regra de aplicação, demonstrando que a palatalização está em expansão.

Passo Fundo (ponto 236) foi a oitava e última localidade a favorecer a palatalização, com peso relativo de 0,505, muito próximo ao ponto neutro (0,5). Sua fundação é considerada a partir da chegada de Manuel José das Neves, nascido em São José dos Pinhais (PR), um militar e tropeiro que, após a Guerra Cisplatina, solicitou ao Imperador D. Pedro I um local para se estabelecer, sendo-lhe concedida a doação de uma sesmaria que se estendia das barrancas do Rio Passo Fundo ao Rio Pinheiro Torto. Foi, assim, o primeiro morador daquelas terras. Está localizada no norte do Estado do Rio Grande do Sul, como se pode ver na Figura 12, a seguir:

Figura 12: Localização de Passo Fundo

Fonte: Wikipédia.

Quanto aos índices de palatalização na região, podem ser levantadas algumas hipóteses pautadas na história e no desenvolvimento de Passo Fundo. Seu peso de 0,505 indica que há, na região, variação quanto ao fenômeno, mas alguns fatores podem favorecer a preferência pela articulação palatal. Soares e Ueda (2007, p. 380) classificam Passo Fundo como uma das principais cidades médias gaúchas que “articula a ordem próxima e a ordem distante [...] no território e funciona como centro de referência para os núcleos situados no entorno mais ou menos imediato”. Além disso, Sobarzo (2010) caracteriza os papéis de intermediação exercidos por Passo Fundo (cf. Figura 12) em escala regional e global, visto sua condição de centro regional, que oferta comércio e serviços especializados, e sua função de apoio ao agronegócio. Com isso, é possível perceber que Passo Fundo exerce certa influência regional e nacional, podendo, por isso, receber um grande fluxo de visitantes dos mais diversos estados brasileiros, influenciando na forma de falar dos seus habitantes.

Além disso, segundo os dados de 2010 do IBGE, Passo Fundo era a 2ª cidade do estado com maior número de instituições de ensino superior, 7ª em relação aos números de matrícula e 6ª com maior número de cursos superiores, sendo o maior centro universitário da porção norte do Rio Grande do Sul. Estudos sociolinguísticos já demonstram que a palatalização é um fator que se relaciona com o nível de escolarização, aparecendo com mais frequência em falantes com ensino superior, o que pode ter influenciado seu favorecimento em Passo Fundo como um todo, mesmo tendo os informantes do ALiB apenas o nível fundamental de escolaridade.

Das 16 localidades investigadas, sete delas inibiram a palatalização, apresentando peso relativo menor que 0,500. Foram elas, nesta ordem: Santa Maria (ponto 242), Santana do Livramento (ponto 247), Vacaria (ponto 237), Três Passos (ponto 234), Flores da Cunha (ponto 240), Erechim (235) e Chuí (ponto 250). Assim, com o objetivo de verificar possíveis motivações para o baixo peso relativo para a palatalização nessas localidades bem como identificar o comportamento da variação de /t, d/ diante de [i] de forma mais acentuada, procedemos a novas rodadas com cruzamentos de algumas variáveis, o que possibilitou um olhar mais detalhado para cada contexto.

Santa Maria, que na rodada de pesos geral apresentou peso relativo de 0,424, é situada na zona central do Rio Grande do Sul (cf. Figura 13) e, historicamente, nasceu dos acampamentos que vieram a dividir terras entre Portugal e Espanha, países que falam línguas em que a palatalização não ocorre de forma abrangente.

Figura 13: Localização de Santa Maria



Fonte: Wikipédia.

A rodada individual de percentuais demonstrou alguns pontos interessantes sobre a produção de /t, d/ diante de [i] em Santa Maria. A faixa etária 1 (mais jovens) apresentou comportamento categórico para a palatalização. No total, foram 229 dados, todos palatais. A faixa 2, por sua vez, apresentou um percentual de 92,8% de palatalização, revelando que há variação entre os mais velhos. Esse fato indica que, embora Santa Maria tenha inibido a palatalização, o fenômeno está avançando na localidade, indicando mudança em curso por meio dos falantes mais jovens.

Já em relação às classes de palavras, apenas os substantivos e os adjetivos apresentaram variação, enquanto as demais classes (numeral, advérbio, verbo, preposição e

pronome) apresentaram realização palatal categórica. O mesmo ocorreu com a consoante antecedente palatal e a vogal precedente [u].

Após os necessários ajustes desses *knockouts*, a rodada de pesos relativos da localidade selecionou como estatisticamente relevantes os grupos de fatores ‘sexo’ e ‘classe de palavras’. Os adjetivos apresentaram peso relativo de 0,507, enquanto os substantivos, 0,498. Mas um fator que chama atenção é o grupo ‘sexo’: os homens favoreceram a palatalização, com peso relativo de 0,772, enquanto as mulheres a inibiram, com peso relativo de 0,269, contrariando a tendência de mudança, que tem sido, no geral, liderada pelas mulheres.

É possível, portanto, inferir que, embora Santa Maria tenha inibido a palatalização na rodada de pesos geral, há em andamento um processo de mudança que caminha para a expansão da variante palatal, liderada especialmente pelos homens mais jovens da localidade, provavelmente por terem maior contato com falantes de outros dialetos em que predomina a realização palatal de /t, d/ diante de [i].

Santana do Livramento (ponto 247) foi a segunda cidade a apresentar menor peso relativo e inibir a palatalização. Situada na fronteira com o Uruguai (cf. Figura 14), sua localização pode ser um fator relevante para esse resultado, visto que, no espanhol, língua falada no Uruguai, a palatalização de /t, d/ diante de [i] não é comum. Embora algumas pesquisas, a exemplo de Carvalho (2004), Dutra (2007) e Battisti (2011), já demonstrem que a palatalização está em processo de expansão no português de campanha, algumas regiões podem ainda se mostrar mais conservadoras nesse aspecto.

Figura 14: Localização de Santana do Livramento



Fonte: Wikipédia.

Na rodada de percentuais individual de Santana do Livramento, a vogal precedente /O/, a classe gramatical das preposições e a consoante antecedente alveolar apresentaram *knockout*, com comportamento categórico em relação à palatalização. Já na rodada de pesos relativos, um fato chama atenção: apenas fatores linguísticos foram selecionados como estatisticamente relevantes, a saber, a natureza da vogal e a posição da sílaba. Quanto à natureza da vogal, a vogal fonológica apresentou peso relativo de 0,672, enquanto a derivada inibiu a palatalização, com peso de 0,176. Já a posição da sílaba medial apresentou peso relativo de 0,735, favorecendo a aplicação da regra, enquanto a posição final ficou com peso de 0,451 e a inicial com 0,331.

Isso revela, portanto, que não há indícios de mudança na localidade, visto que fatores sociais, como sexo e faixa etária, não exerceram influência sobre a palatalização ou a não palatalização. No geral, por ser uma área fronteiriça, a tendência é, de fato, manter a variação entre a forma mais comum do português e a forma mais comum do espanhol, fruto do contato linguístico entre as duas línguas, o que se configura como variação estável.

Vacaria (ponto 237) foi a quarta cidade a inibir a palatalização, com peso relativo de 0,287, convergindo com os resultados encontrados no *Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil* (2011), visto que lá os informantes da localidade produziram mais realizações dentoalveolares nas palavras *desde* e *tio*. É importante destacar que Vacaria faz divisa com o Estado de Santa Catarina (cf. Figura 15), que ainda recebe muita influência da língua italiana, de acordo com Marchesan, Rocha e Margotti (2007), o que pode contribuir para a inibição da variante palatal.

Figura 15: Localização de Vacaria



Fonte: Wikipédia.

Na rodada individual da localidade, a posição medial da sílaba apresentou comportamento categórico para a palatalização bem como a realização de /t, d/ diante de [i] em sílabas tônicas, com a vogal nasal e nas classes gramaticais numeral e pronome. Na rodada de pesos relativos, foram selecionados dois grupos estatisticamente relevantes: natureza da vogal e posição da sílaba. Em relação ao primeiro, a vogal fonológica favoreceu a aplicação da regra, com peso relativo de 0,702, enquanto a derivada a inibiu, com peso relativo de 0,191. Já em relação à posição da sílaba, a final favoreceu, com peso relativo de 0,609, enquanto a inicial inibiu, com peso de 0,423, a palatalização.

Com esses resultados, e assim como ocorreu com Santana do Livramento, observa-se que, em geral, o índice de palatalização dessas regiões que inibiram o fenômeno aparece mais relacionado aos fatores linguísticos do que aos sociais.

Três Passos (ponto 234) também inibiu a palatalização. O município está localizado próximo à fronteira com a Argentina (cf. Figura 16), o que pode indicar talvez uma influência da língua espanhola, que não palataliza /t, d/ diante de [i].

Figura 16: Localização de Três Passos



Fonte: Wikipédia.

No *Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil* (2011), Três Passos já demonstrava comportamento favorável à realização dentoalveolar, especificamente na palavra dia. Já nas palavras com [i] derivado, como *desde*, os informantes da localidade não açavam a vogal média, portanto não palatalizavam a consoante.

Na primeira rodada individual, a posição medial da sílaba apresentou comportamento categórico para a palatalização, além da vogal antecedente /O/, das consoantes antecedentes palatal e sibilante, da vogal nasal e da classe gramatical dos numerais. A classe dos pronomes também apresentou comportamento categórico, mas para a realização dentoalveolar. Na

rodada de pesos relativos, os grupos que favoreceram a aplicação da palatalização foram, nesta ordem: natureza da vogal (a fonológica favoreceu com peso relativo de 0,582 e derivada inibiu, com peso de 0,255, o que pode ser fruto dos poucos casos de alçamento da vogal média), sexo (com as mulheres favorecendo a palatalização com peso relativo de 0,762, o que confirma a tendência de que, mesmo em localidades que inibem a variante palatal, as mulheres tendem a usá-la em maior número) e, por fim, a posição da sílaba (com a inicial favorecendo com peso relativo de 0,582, enquanto a final inibindo, com peso relativo de 0,308).

Flores da Cunha (ponto 240), por sua vez, não está situada na proximidade das fronteiras hispânicas (cf. Figura 17), mas certamente recebe influência da língua italiana, pois foi fundada por imigrantes italianos no final do século XIX. Isso provavelmente justifica o seu comportamento conservador, inibindo a palatalização, com baixo peso relativo de 0,046.

Figura 17: Localização de Flores da Cunha



Fonte: Wikipédia.

De acordo com os resultados do Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha, em entrevistas realizadas entre 2008 e 2009, o percentual de palatalização na região foi de apenas 29%, demonstrando a preferência pela realização dentoalveolar. Além disso, a localidade preserva o não alçamento da vogal média, que poderia desencadear um maior índice de palatalização. Ademais, a preservação da variante dentoalveolar pode aparecer como reforço de identidade, especialmente dos grupos mais interioranos, em contraste com as grandes cidades. Sobre isso, Battisti e Dornelles Filho (2015) destacam que:

A variante palatalizada é inovadora em comunidades da RCI-RS como Flores da Cunha. Na realização de entrevistas sociolinguísticas nesse município e em atividades de observação participante, não se percebeu qualquer associação da variante palatalizada com valores positivos como bonito, moderno, correto. Tampouco negativos. O que se percebeu foi uma identificação dessa variante com o “de fora”, com o que não é local, isto é, com o não florense. Em interação com alguns informantes ou outros habitantes do município, era nítido o esforço de, num primeiro momento, produzir algumas formas palatalizadas, muitas das quais abandonadas ao longo da conversa. Outros, principalmente os mais velhos, não palatalizavam. Mas conseguiam sugerir, ou mesmo afirmar claramente, que “aqui não se fala assim”, mesmo que, inconscientemente, tivessem palatalizado vez ou outra. Isso mostra que a variante palatalizada, saliente aos membros da comunidade, pode ser usada como um recurso identitário, para aproximá-los dos forasteiros ou, fora dos limites da comunidade, no âmbito aqui denominado global, para encobrir sua identidade. (Battisti; Dornelles Filho, 2015, p. 117)

Essa preferência pela não palatalização foi reafirmada nos resultados deste trabalho. Apesar disso, algo interessante pôde ser observado na rodada de pesos individual da localidade, pois as duas variáveis sociais foram selecionadas pelo GoldVarb X como estatisticamente relevantes: sexo e faixa etária.

A variável sexo foi a primeira, confirmando de forma contundente o que já antes fora afirmado por Fischer (1958 apud Paiva, 2012) e tantas outras pesquisas, o fato de as mulheres liderarem o processo de mudança e preferência pela forma inovadora. Em Flores da Cunha, apesar do baixo peso relativo, a rodada individual revela que as mulheres palatalizam muito mais que os homens, com peso relativo de 0,914, enquanto os homens ficaram com 0,066. Além disso, a faixa etária 1 apresentou peso relativo de 0,938, enquanto a faixa etária 2 ficou com apenas 0,164.

Essas informações evidenciam que, embora a variante dentoalveolar ainda prevaleça na localidade, é possível observar o processo de mudança que está ocorrendo por meio dos falantes mais jovens e das mulheres, sujeitos cruciais no processo de mudança linguística.

A localidade de Erechim (ponto 235) também apresentou baixo peso relativo, inibindo a palatalização (0,034). Está situada ao norte do estado e também longe das fronteiras com o Uruguai e com a Argentina, como ilustra a Figura 18.

Figura 18: Localização de Erechim

Fonte: Wikipédia.

Em um breve contexto histórico, Erechim surgiu à margem da estrada de ferro que ligava o Rio Grande do Sul a São Paulo e foi colonizada principalmente por imigrantes poloneses, italianos e alemães. A inibição da regra de palatalização na comunidade pode apresentar relação com a língua italiana, com a qual faz contato. Isso demonstra que os ítalo-brasileiros ainda resistem à propagação da palatalização de /t/ e /d/ diante de [i] devido ao fato de na língua italiana as realizações dentoalveolar e palatal de /t, d/ serem opositivas.

De acordo com Battisti e Guzzo (2009, p. 114), “em comunidades onde o contato português-italiano se fez ou ainda se faz presente, os índices de palatalização são modestos e o processo é interpretado como variação na mudança em progresso”. Isso explica o baixo peso relativo apresentado, demonstrando que o fenômeno ainda se encontra em variação na localidade.

Na rodada de pesos relativos de Erechim, as duas variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes foram, na ordem de importância, faixa etária e sexo. Novamente, a tendência de ampliação da palatalização e da mudança linguística foi confirmada: A faixa etária 1 apresentou peso relativo de 0,843, enquanto a faixa etária 2 ficou com peso relativo de 0,172. Por sua vez, as mulheres obtiveram peso relativo de 0,780, enquanto os homens ficaram com apenas 0,242, inibindo a palatalização. Desse modo, é possível concluir que, embora o peso relativo para o fenômeno tenha sido baixo na rodada geral de todas as localidades, a variação no município tem sido protagonizada pelos falantes mais jovens e pelas mulheres, indicando mudança em curso no sistema linguístico.

Por fim, a localidade de Chuí (ponto 250) foi a que mais inibiu a palatalização, com peso relativo de 0,019. Esse município está localizado no extremo sul do Brasil, em fronteira com o Uruguai, como ilustrado na Figura 19.

Do outro lado, encontra-se o Chuy uruguaio, que surgiu antes do município brasileiro. Este, por sua vez, é até hoje constituído especialmente por brasileiros, uruguaios e palestinos. De acordo com Azambuja (1978), as duas cidades, unidas por uma avenida, compartilham um cotidiano e uma identidade que transcendem a divisão política. A rotina dos habitantes, que convivem com diferentes línguas e nacionalidades, solidifica a ideia de uma comunidade unida na prática. Os dois lados formam uma comunidade identificada, com supremacia idiomática do espanhol.

Figura 19: Localização de Chuí



Fonte: Wikipédia.

Dutra (2007), que também investigou o fenômeno da palatalização no Chuí, concluiu que a realização oclusiva de [t, d] predominou na fala dos informantes, com percentual de 73%. Quanto à aplicação das palatais, que alcançaram 26%, foram os falantes mais jovens, estudantes e comerciantes, do sexo masculino e com ensino fundamental que favoreceram a regra. Esses resultados, em concordância com os encontrados nesta pesquisa, revelam a forte influência do espanhol diante do português nas regiões de contato, como ressalta Bisol (1986):

O contato do dialeto gaúcho com línguas que não possuem a palatalização das oclusivas ou que não seguem os cânones da língua portuguesa (espanhol, italiano, alemão) vem embargando o caminho da expansão da regra, reforçando-lhe a restrição peculiar nas comunidades bilíngues e acentuando

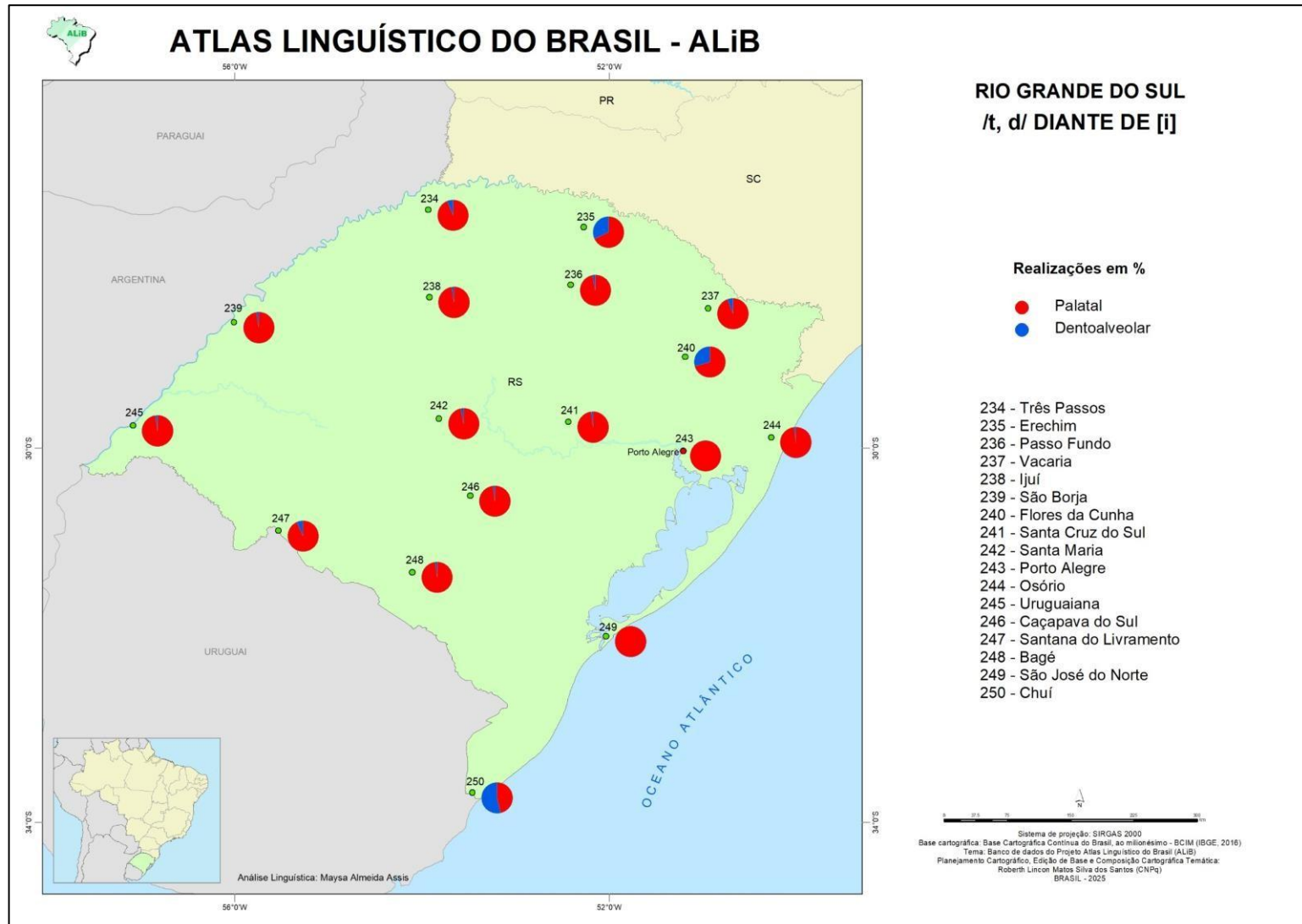
lhe o caráter de regra adquirido nas comunidades bilíngues. (Bisol, 1986, p. 170)

Na rodada de pesos relativos dessa localidade, seis variáveis foram selecionadas como estatisticamente relevantes: faixa etária, consoante antecedente, natureza da vogal, sonoridade da consoante, nasalidade da vogal e tipo de registro. Como esperado, a faixa etária 1 favoreceu a aplicação da regra palatal, com peso relativo de 0,976. A faixa etária 2, por outro lado, inibiu a regra, com peso relativo de 0,094, indicando que, embora tenha apresentado o menor peso relativo, os falantes mais jovens do Chuí favorecem a forma inovadora.

Quanto à consoante antecedente, apenas a palatal favoreceu a regra, com peso relativo de 0,784. A vogal fonológica também favoreceu a aplicação da regra, com peso relativo de 0,661, enquanto a derivada a inibiu, com peso relativo de 0,370. A consoante surda /t/ também favoreceu a variante palatal, com peso de 0,601, enquanto a sonora /d/ a inibiu, com peso relativo de 0,417. Quanto à nasalidade da vogal, a vogal oral favoreceu a palatalização, com peso relativo de 0,519, enquanto a nasal a inibiu, com peso de 0,310. Por fim, o tipo de registro demonstrou que, no contexto menos monitorado, os falantes do Chuí tendem a favorecer a palatalização, com peso relativo de 0,522, enquanto no contexto mais monitorado ocorre a inibição do fenômeno, com peso relativo de 0,301.

Esses resultados apontam que a variação de /t, d/ diante de [i] no interior do Rio Grande do Sul é, especialmente, diatópica, muito influenciada pelas áreas fronteiriças ou de colonização italiana. O contato dialetal com outros idiomas e o fluxo de imigrantes contribuem para a preservação da realização dentoalveolar ou para a expansão da variante palatal, com algumas localidades se mostrando mais inovadoras e outras mais conservadoras, como se pode ver na Figura 20.

Figura 20: Carta da realização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul



Fonte: Elaborada por Roberth Limcon Matos Silva dos Santos, cartógrafo.

Como se pode ver na carta apresentada na Figura 20, com exceção de Porto Alegre (ponto 243) e de São José do Norte (ponto 249), todas as localidades que integram a rede de pontos do ALiB no estado apresentaram variação, condicionada não apenas pela diatopia mas também por outras variáveis, comentadas nas subseções a seguir.

5.2.2 Faixa etária

Seguindo a metodologia do ALiB, considerou-se nesta pesquisa a variável ‘Faixa etária’ do informante, com o objetivo de verificar como esse fator atua na produção das variantes linguísticas, a partir de um recorte sincrônico que permite identificar possíveis mudanças em curso considerando o tempo aparente (cf. Labov, 2008 [1972]).

Foram estabelecidas duas faixas etárias: a faixa 1, referente aos mais jovens (18 a 30 anos); e a faixa 2, referente aos mais velhos (50 a 65 anos). Em total acordo com os resultados obtidos por Mota e Santos (2012), constata-se a preferência pela realização palatal pela faixa etária 1, com peso relativo de 0,795. A faixa etária 2 inibiu a variante, com peso relativo de 0,225. Os resultados para esta variável – também bastante significativo conforme aponta o *range* obtido – encontram-se na Tabela 2, a seguir:

Tabela 2: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul e ‘Faixa etária’

Faixa etária	Ocorrências/total	Percentual	Peso relativo
Faixa 1 (18 a 30 anos)	4.278/4.381	97,6%	0,795
Faixa 2 (50 a 65 anos)	4.026/4.808	83,7%	0,225

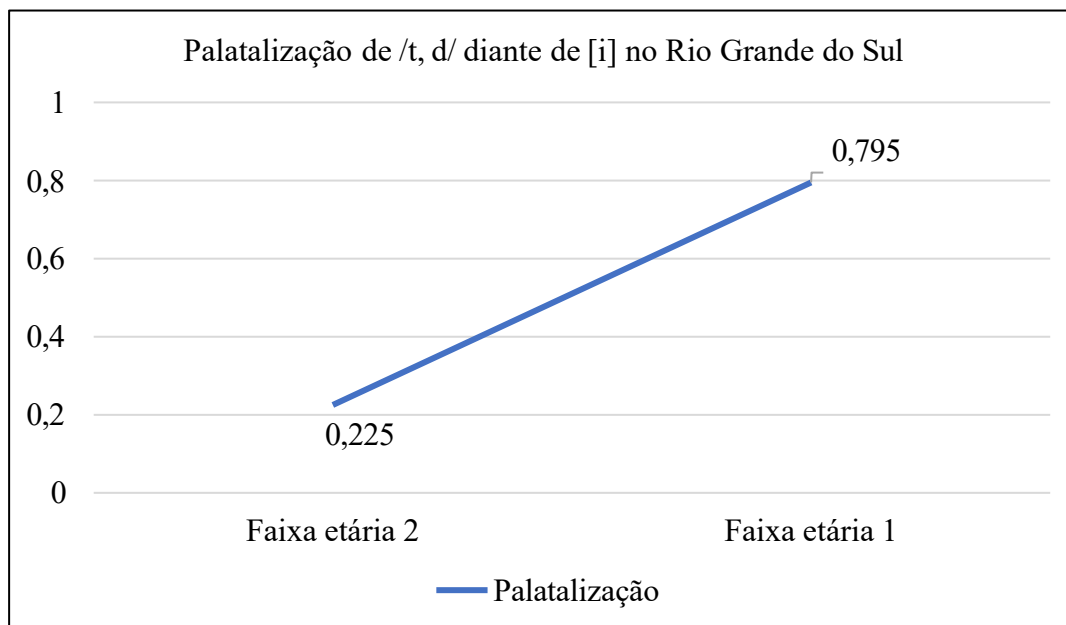
Input: 0,989 *Range:* 0,570
Significância: 0,045

Fonte: Elaboração própria.

Esses resultados convergem com aqueles obtidos por Dutra (2007), Ribeiro (2018), Assis (2023) e Mota e Oliveira (2023), que apontam a preferência dos jovens pela variante inovadora e confirmam a hipótese inicial de que a faixa etária 1 lidera o processo de mudança linguística. De acordo com Oliveira e Silva e Paiva (1996, p. 350), “o estudo da correlação entre idade e variação linguística aponta para duas direções básicas: a relação de estabilidade entre variantes linguísticas – um fenômeno varia, mas não muda – ou a existência de

mudanças na língua”. O Gráfico 2, a seguir, evidencia claramente um movimento de mudança linguística nas comunidades estudadas:

Gráfico 2: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul e ‘Faixa etária’



Fonte: Elaboração própria.

Como se pode ver, há um salto bem grande no índice de palatalização nos falantes da faixa etária 1 (18 a 30 anos). Nesse caso, quando os mais jovens passam a favorecer determinadas variantes, enquanto os mais velhos a inibem, pode-se considerar que essa variante tende a ser difundida e a mudança consolidada. Com os resultados discutidos na subseção 5.2.1, é possível verificar que os falantes mais jovens exercem um papel significativo na produção da palatalização no interior do Rio Grande do Sul, favorecendo o fenômeno até mesmo nas localidades que o inibiram. Com isso, é possível pensar que a variação entre a variante palatal e a dentoalveolar nessa região está bem dividida entre as faixas etárias, com tendência à mudança.

5.2.3 Sexo

A terceira variável selecionada pelo GoldVarb X foi o ‘Sexo’ dos informantes. Atendendo à hipótese inicial, as mulheres favoreceram a palatalização, com peso relativo de 0,654, enquanto os homens a inibiram, com peso relativo de 0,355, conforme se pode ver na Tabela 3, a seguir:

Tabela 3: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul e ‘Sexo’

Sexo	Ocorrências/total	Percentual	Peso relativo
Mulher	4.245/4.448	95,4%	0,654
Homem	4.059/4.741	85,6%	0,355

Input: 0,989 *Range:* 0,299
Significância: 0,045

Fonte: Elaboração própria.

Pelos resultados encontrados, parece que a variante palatalizada vem ganhando prestígio no Estado do Rio Grande do Sul, embora a articulação dos segmentos consonânticos aqui sob exame não seja objeto (pelo menos explícito) do ensino escolar. A variante palatal, por ser a predominante no PB, parece ser a norma considerada padrão no Brasil.

Os estudos desenvolvidos ao longo dos anos demonstram que, de fato, as mulheres tendem à utilização da norma padrão e parecem mais sensíveis ao uso das variáveis menos estigmatizadas socialmente, demonstrando um maior conservadorismo. Entretanto, em relação ao processo de mudança, Labov (2001) identificou aquilo que chamou de ‘paradoxo do gênero’ (*gender paradox*): a contradição de que as mulheres são geralmente mais conformistas com as normas sociais prescritas (preferem variantes de prestígio), mas também são mais inovadoras em processos de mudança linguística sem consciência social; enquanto os homens tendem a ser mais conservadores nessas mesmas mudanças. Esse paradoxo se reflete no que ocorre com a palatalização: embora seja a variante inovadora, é também a de maior prestígio social. Logo a tendência é a e que as mulheres se mantenham conservadores na utilização da norma socialmente prestigiada, mas também liderem o processo de mudança.

No entanto, em processos de variação linguística com prestígio social, as mulheres tendem a ser mais inovadoras, acentuando ainda mais a diferença entre os dois sexos. O autor sugere ainda que há uma relação entre gênero e classe social, concluindo que as mulheres de classe média se esforçam mais para utilizar as variantes de prestígio do que as mulheres das classes baixa e alta. E as informantes do ALiB, por terem nível fundamental de escolaridade, parecem integrar a classe média baixa.

Há, ainda, algumas outras questões que podem explicar essa diferença entre os sexos no plano da variação linguística, a exemplo da mobilidade social, dos papéis de gênero na sociedade e do *status* social. A atitude mais conservadora ou inclinada à norma padrão por parte das mulheres pode ser o reflexo de uma sociedade que assegura mais o direito ao homem de agir como quiser e restringe a mulher a um papel de seriedade e formalismo. Nesse sentido, Paiva (2012, p. 40) destaca que “muitos dos papéis tradicionalmente atribuídos à mulher lhe exigem uma conduta irrepreensível. Um exemplo emblemático é a sua responsabilidade de educação dos filhos”. Atribuído esse papel às mães, as mulheres sentem-se responsáveis por transmitir aos filhos as normas que socialmente parecem mais aceitas, inclusive as normas linguísticas. Todos esses fatores podem contribuir para o avanço do uso da variante de prestígio entre as mulheres.

5.2.4 Natureza da vogal

A quarta variável selecionada como estatisticamente relevante, e a primeira linguística, foi a ‘Natureza da vogal’. Os resultados indicam que a vogal fonológica – a exemplo de *tiara* e *diabo* – favorece a palatalização, com peso relativo de 0,601. A vogal derivada – a exemplo de *prateleira* e *desvio* –, por sua vez, inibe a regra, com peso relativo de 0,371, como exposto na Tabela 4, a seguir:

Tabela 4: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul e ‘Natureza da vogal’

Natureza da vogal	Ocorrências/total	Percentual	Peso relativo
Fonológica	4.729/5.177	91,3%	0,601
Derivada	3.575/4.012	89,1%	0,371

Input: 0,989

Significância: 0,045

Range: 0,230

Fonte: Elaboração própria.

Esses resultados convergem com os de Bisol (1986) e Pires (2007), que concluíram que, em áreas de fronteira e em municípios de colonização italiana, a vogal fonológica favorece a palatalização. Embora a vogal fonológica favoreça a regra e a vogal derivada a iniba, o índice baixo do *range* parece indicar já um espraiamento da regra pelos dois contextos nas comunidades investigadas.

De acordo com Câmara Jr. (1977, p. 243), “o sistema fonológico do português possui vogais altas /i/ e /u/ e vogais altas derivadas de vogais médias por neutralização (/e/ -> [i]; /o/ -> [u])”. Entretanto cumpre destacar a menor quantidade de dados com a vogal derivada (em relação ao total de dados com a vogal fonológica). Nas localidades do interior do Rio Grande do Sul, foi perceptível a grande presença do não alteamento da vogal, tendo sido mantida a vogal média /e/. Segundo Bisol (1981), essa é uma característica do dialeto gaúcho, que revela a particularidade de manter a vogal média pretônica e postônica, por ser uma região de contato com o italiano, o alemão e o espanhol.

5.2.5 Posição da sílaba

A quinta variável selecionada pelo GoldVarb X foi a ‘Posição da sílaba’ em que há a produção de /t, d/ diante de [i], que pode ser inicial – como em *tia* e *diabo* –, medial – como em *prateleira* e *atitude* – ou final – como em *dente* e *jabuti*. Os resultados apontaram que a posição medial favoreceu a palatalização, com peso relativo de 0,515, assim como a posição final, que apresentou quase o mesmo peso, 0,512. A posição inicial inibiu, com peso relativo de 0,479, como exposto na Tabela 5, a seguir:

Tabela 5: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul e ‘Posição da sílaba’

Posição da sílaba	Ocorrências/total	Percentual	Peso relativo
Posição medial	2.107/2.275	92,6%	0,515
Posição final	2.953/3.272	90,3%	0,512
Posição inicial	3.244/3.642	89,1%	0,479

Input: 0,989

Significância: 0,045

Range: 0,036

Fonte: Elaboração própria.

Esses resultados convergem com os achados de Matté (2009), que identificou o fator medial como o que mais favorece a palatalização, bem como os de Hora (1990), que identificou a posição inicial como a que mais favoreceu a regra da palatalização, já que, nesta pesquisa, ambas favoreceram a regra com pesos relativos extremamente próximos. Isso, provavelmente, se justifica pelo processo de assimilação de sons palatais vizinhos às sílabas medias e finais, favorecendo o processo.

5.2.6 Sonoridade da consoante

A quinta variável selecionada pelo GoldVarb X foi a ‘Sonoridade da consoante’. Na Tabela 6, a seguir, observa-se que a consoante surda /t/ favorece a palatalização, enquanto a sua homorgânica sonora /d/ a inibe.

Tabela 6: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul e ‘Sonoridade da consoante’

Sonoridade da consoante	Ocorrências/total	Percentual	Peso relativo
Surda	4.440/4.838	91,8%	0,536
Sonora	3.863/4.350	88,8%	0,460

Input: 0,989

Significância: 0,045

Range: 0,076

Fonte: Elaboração própria.

Segundo Abaurre e Pagotto (2002, p. 574), é possível levantar a hipótese de que a palatalização no sistema da língua portuguesa seja implementada pela consoante surda, alcançando, posteriormente, a consoante sonora. Além disso, de acordo com Silva (2012), a articulação da consoante sonora requer mais esforço. Logo a produção da consoante surda, que exige menos esforços do aparelho fonador, oferece menos resistência à palatalização. Esta foi a hipótese aventada nesta pesquisa, confirmada pelos resultados obtidos, embora o *range* de 0,076 aponte para uma possível neutralização dos dois contextos com o avanço da implementação da mudança em favor da palatalização de /t, d/ diante de [i] no Estado do Rio Grande do Sul.

5.2.7 Tipo de registro

A variável ‘Tipo de registro’ também foi selecionada como estatisticamente relevante para a palatalização de /t, d/ diante de [i] no interior do Rio Grande do Sul. Como esperado, a parte mais monitorada do inquérito – QFF e QSL – apresentou maior índice de palatalização, com peso relativo de 0,522; já o QMS, as questões de pragmática, os discursos

livres e as questões metalinguísticas, que são as partes menos monitoradas, foram as que mais inibiram a regra, com peso relativo de 0,460, como se pode ver na Tabela 7, exposta a seguir.

Tabela 7: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul e ‘Tipo de registro’

Tipo de registro	Ocorrências/total	Percentual	Peso relativo
Mais monitorado	5.278/5.886	89,7%	0,522
Menos monitorado	3.025/3.302	91,6%	0,460

Input: 0,989 *Range:* 0,062
Significância: 0,045

Fonte: Elaboração própria.

O grau de monitoramento da fala é um fator que, em geral, exerce grande influência nas escolhas linguísticas dos falantes. A consciência linguística não está restrita apenas aos estudiosos das línguas, mas todos os falantes possuem, em algum nível, um julgamento a respeito da própria fala e da fala do outro. Conceitos como “certo” e “errado”, “bonito” e “feio”, ainda que linguisticamente desconstruídos, ainda fazem parte do imaginário dos indivíduos que não estão a par dessas discussões, pois são constructos sociais há muito tempo difundidos, especialmente pelas escolas e pela mídia.

Nesse sentido, essa construção social acerca do ensino de línguas, principalmente, além de outros marcadores sociais, como a classe social e a região onde determinadas formas linguísticas são usadas, gerou o que conhecemos como normas estigmatizadas e normas de prestígio. É necessário enfatizar, novamente, que são marcadores sociais, pois o julgamento ou o prestígio associado a determinadas formas não é unicamente direcionado à língua em si, mas ao indivíduo que as utiliza.

Desse modo, considerando o autoconhecimento linguístico dos falantes, é comum a tentativa de monitoramento da fala e a busca pela utilização das formas mais prestigiadas, especialmente em situações formais de fala, logo, como destacado por Freitas (2025, p. 33), “a escolha pela palatalização pode ser interpretada não apenas como um traço fonético, mas como um marcador de adequação sociolinguística à variedade prestigiada”. Portanto, ao realizar uma análise a partir da Sociolinguística, é preciso levar em consideração os vários aspectos sociais que influenciam diretamente na escolha entre uma ou outra regra, pois isso pode influenciar diretamente nos resultados.

Assim, embora com um *range* bem baixo entre os fatores considerados nesta pesquisa – o que indica um avanço da implementação da variante inovadora –, no registro mais monitorado (neste caso, no QFF e no QSL, aplicados no início da entrevista), os falantes palatalizam mais do que no registro menos monitorado. No entanto é importante ressaltar que a articulação de todos (ou de quase todos) os inquiridores que realizaram as entrevistas do Projeto ALiB no Rio Grande do Sul era palatal no que se refere a /t, d/ diante de [i], o que pode também ter influenciado a realização desses fonemas pelos informantes.

5.2.8 Classe de palavras

A penúltima variável selecionada foi a ‘Classe de palavras’, com as preposições favorecendo a palatalização, com o maior peso relativo, de 0,630. Em seguida, os numerais, com peso relativo de 0,609, os pronomes, com peso de 0,568, e os adjetivos, com peso de 0,519. As demais classes inibiram o processo de palatalização, como é possível observar na Tabela 8, adiante.

O valor do *range* (0,200), embora não muito alto, evidencia uma variação considerável entre os fatores do grupo, revelando que o contexto morfológico influencia a aplicação da regra de palatalização.

Tabela 8: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul e ‘Classe de palavras’

Classe de palavras	Ocorrências/total	Percentual	Peso relativo
Preposição	659/752	87,6%	0,630
Numeral	201/220	91,4%	0,609
Pronome	409/430	95,1%	0,568
Adjetivo	1.017/1.100	92,5%	0,519
Substantivo	3.703/4.067	91%	0,492
Advérbio	653/717	91,1%	0,488
Verbo	1.653/1.894	87,3%	0,430

Input: 0,989
 Significância: 0,045

Range: 0,200

Fonte: Elaboração própria.

Assim como os resultados obtidos por Bulcão e Oliveira (2018), a preposição ‘de’ apresentou favorecimento à aplicação da regra palatal, embora tenha aparecido em menor número que outras classes gramaticais, revelando que nem sempre o peso relativo está associado ao maior número de ocorrências no *corpus*. Esse fato é observado também nos numerais (*sete*, *dezesesseis*, *dezesete*, *dezoito* e *vinte*), que, embora tenham aparecido apenas 220 vezes, alcançaram um total de 201 produções palatais. Os pronomes (especialmente ‘*a gente*’) também favoreceram a palatalização de /t, d/ diante de [i] bem como os adjetivos, que alcançaram mais de 100 ocorrências.

Chama atenção o fato de os substantivos, classe gramatical com maior número de ocorrências, os advérbios e os verbos, ou seja, as classes gramaticais mais frequentes no discurso cotidiano, terem inibido a palatalização. Uma hipótese explicativa para esse fato pode estar relacionada à variável anteriormente selecionada (‘Tipo de registro’), visto que é justamente na fala mais livre, menos monitorada, que a maioria desses substantivos, verbos e advérbios são produzidos em maior quantidade, favorecendo a realização da variante dentoalveolar devido à espontaneidade da produção linguística.

5.2.9 Consoante antecedente

Por fim, a última variável selecionada foi a ‘Consoante antecedente’. Nesse caso, tanto os róticos /R/ favoreceram a aplicação da regra palatal (com peso relativo de 0,522), quanto a consoante palatal /ʃ, ʒ/ (com peso relativo de 0,507). Alguns exemplos de dados que ilustram essas ocorrências são *tarde* e *destino* (com /S/ palatal). O segmento sibilante /s, z/, por sua vez, inibiu o processo de palatalização, com peso relativo de 0,283, conforme mostra a Tabela 9, a seguir:

Tabela 9: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul e ‘Consoante antecedente’

Consoante antecedente	Ocorrências/total	Percentual	Peso relativo
Rótico /R/	492/541	90,9%	0,522
Palatal /ʃ, ʒ/	489/540	90,6%	0,507
Sibilante /s, z/	40/68	58,8%	0,283

Input: 0,989 *Range:* 0,239
Significância: 0,045

Fonte: Elaboração própria.

Esse resultado se justifica por um processo linguístico assimilatório, que ocorre de forma bastante produtiva nas línguas naturais.

5.3 CRUZAMENTOS DE VARIÁVEIS

Com o objetivo de aprofundar ainda mais a análise de como as variáveis se comportam no favorecimento da palatalização, após a primeira e a segunda rodadas do GoldVarb X, procedeu-se a novas rodadas, desta vez realizando o cruzamento entre variáveis, objetivando entender se e de qual forma estas atuam sobre a palatalização quando observadas juntas. As primeiras variáveis cruzadas foram ‘Sexo’ e ‘Faixa etária’ e, posteriormente, ‘Localidade’ e ‘Faixa etária’ e ‘Localidade’ e ‘Sexo’.

5.3.1 Cruzamento entre ‘Sexo’ e ‘Faixa etária’

Na rodada de cruzamento entre as variáveis ‘Sexo’ e ‘Faixa etária’, os pesos relativos indicaram que é, principalmente, a faixa etária que comanda o favorecimento da aplicação da regra palatal, visto que tanto os homens quanto as mulheres da faixa etária 1 ficaram com peso relativo acima de 0,500, enquanto os homens e as mulheres da faixa 2 inibiram a variante, conforme ilustrado na Tabela 10, a seguir:

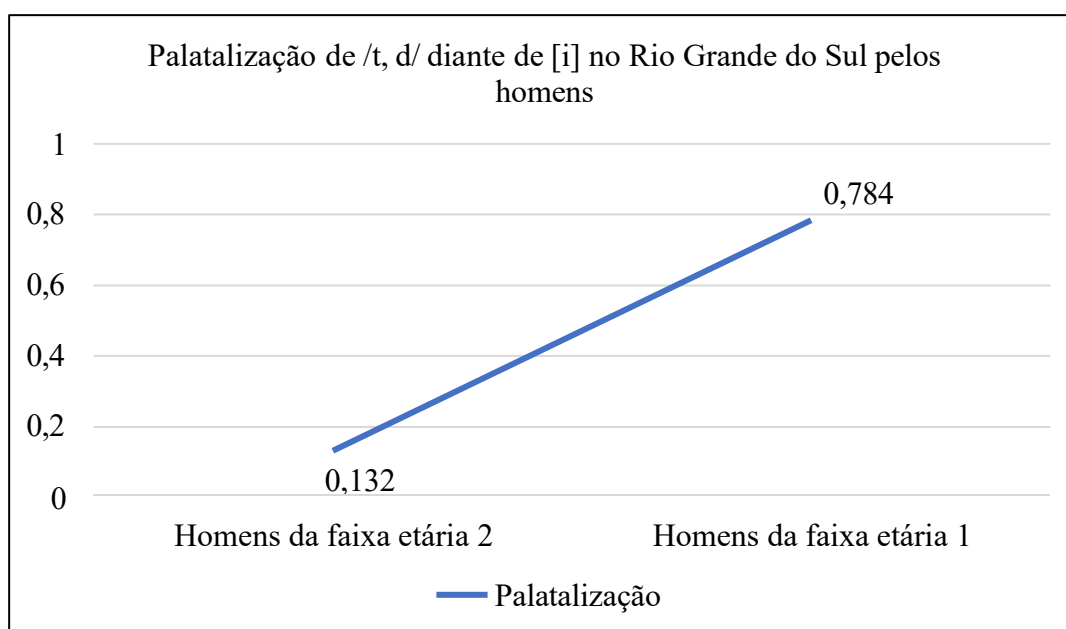
Tabela 10: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul e ‘Sexo e faixa etária’

Sexo e faixa etária	Ocorrências/total	Percentual	Peso relativo
Mulheres da faixa etária 1	2.316/2.362	98,1%	0,788
Homens da faixa etária 1	1.962/2.019	97,2%	0,784
Mulheres da faixa etária 2	1.929/2.086	92,5%	0,431
Homens da faixa etária 2	2.091/2.722	77%	0,132

Input: 0,989 *Range:* 0,656
Significância: 0,042

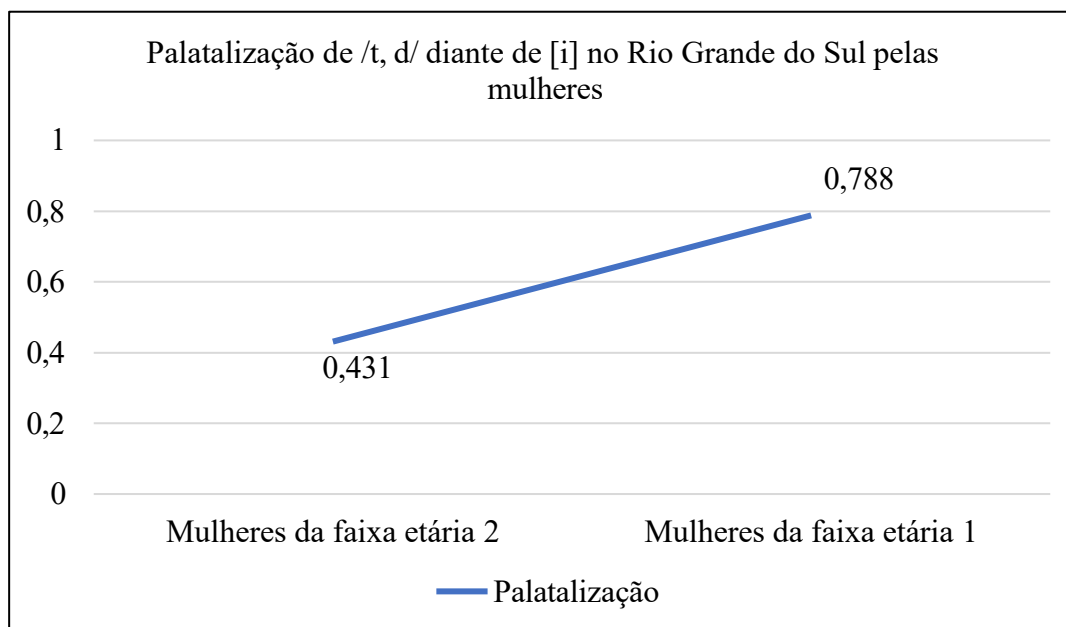
Fonte: Elaboração própria.

O alto *range* (0,656) revela que está havendo, ao longo dos anos, considerando o tempo aparente, um processo de mudança com a consolidação da variante palatal, liderada pelos falantes mais jovens, que tendem a preferir a variante inovadora. Os gráficos 3 e 4, a seguir, ilustram esse crescimento:

Gráfico 3: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul pelos homens e ‘Faixa etária’

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 4: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul pelas mulheres e ‘Faixa etária’



Fonte: Elaboração própria.

A partir dos gráficos, observa-se que entre os homens de faixas etárias diferentes houve um maior crescimento no uso da variante palatal, com um *range* de 0,652, o que evidencia o fato de que houve um índice baixo de palatalização por parte dos falantes homens mais velhos, enquanto os mais jovens já aplicam a regra de forma mais expansiva. Entre as mulheres também houve um crescimento notável, com *range* de 0,357, o que significa que, embora as mulheres mais jovens palatalizem mais, essa regra já era aplicada de forma considerável entre as mulheres da faixa etária 2.

Esse resultado confirma a hipótese de que os falantes mais jovens lideram as mudanças linguísticas e a implementação das variáveis inovadoras. É importante ressaltar que alguns fatores podem contribuir para essa expansão da variante palatal entre os mais jovens: o fato de estes estarem em maior contato com as mídias, por exemplo, onde, por diversos fatores sociais e geográficos, é a variante palatal a variante de maior uso. Além disso, os falantes mais velhos tendem a ter uma menor preocupação em relação ao seu desempenho linguístico, com menor necessidade de autoafirmação perante seus grupos sociais e, portanto, mantendo-se mais conservadores.

5.3.2 Cruzamento entre ‘Localidade’ e ‘Faixa etária’

O segundo cruzamento de variáveis foi ‘Localidade’ e ‘Faixa etária’ e foi também selecionado pelo GoldVarb X como estatisticamente relevante. Na primeira rodada, houve alguns casos de *knockout*, a saber: os falantes de Bagé da faixa etária 1 alcançaram 100% de palatalização, revelando que entre os jovens da localidade a regra é categórica; o mesmo ocorreu com os falantes da faixa etária 1 de Santa Cruz do Sul e de Santa Maria.

Retirados esses fatores, procedeu-se à rodada de pesos relativos, com os seguintes resultados (Tabela 11):

Tabela 11: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul e ‘Localidade e Faixa etária’¹²

Localidade e faixa etária	Ocorrências/total	Percentual	Peso relativo
Três Passos/Faixa 1	185/197	93,9%	0,311
Três Passos/Faixa 2	208/221	94,1%	0,247
Erechim/Faixa 1	177/194	91,2%	0,275
Erechim/Faixa 2	95/207	45,9%	0,016
Passo Fundo/Faixa 1	121/130	93,1%	0,303
Passo Fundo/Faixa 2	232/233	99,6%	0,845
Vacaria/Faixa 1	277/296	93,6%	0,275
Vacaria/Faixa 2	227/238	95,4%	0,391
Ijuí/Faixa 1	165/170	97,1%	0,381
Ijuí/Faixa 2	234/238	98,3%	0,688
São Borja/Faixa 1	139/142	97,9%	0,526
São Borja/Faixa 2	183/188	97,3%	0,484
Flores da Cunha/Faixa 1	130/136	95,6%	0,331

¹² Diferentemente das tabelas anteriores, em que apresentamos os fatores em ordem decrescente dos pesos relativos, optamos por exibir nesta tabela os resultados por localidade, seguindo a ordem dos pontos da rede do ALiB, para uma melhor visualização do comportamento em cada localidade dos falantes estratificados por faixa etária.

Flores da Cunha/Faixa 2	126/227	55,5%	0,022
Santa Cruz do Sul/Faixa 1	329/329	100%	-
Santa Cruz do Sul/Faixa 2	447/450	99,3%	0,792
Santa Maria/Faixa 1	229/229	100%	-
Santa Maria/Faixa 2	142/153	92,8%	0,271
Osório/Faixa 1	639/643	99,4%	0,774
Osório/Faixa 2	734/735	99,9%	0,974
Uruguaiana/Faixa 1	115/118	97,5%	0,501
Uruguaiana/Faixa 2	197/201	98%	0,629
Caçapava do Sul/Faixa 1	360/361	99,7%	0,911
Caçapava do Sul/Faixa 2	353/355	99,4%	0,854
Santana do Livramento/Faixa 1	251/267	94%	0,279
Santana do Livramento/Faixa 2	286/306	93,5%	0,326
Bagé/Faixa 1	185/185	100%	-
Bagé/Faixa 2	235/238	98,7%	0,701
Chuí/Faixa 1	335/343	97,7%	0,625
Chuí/Faixa 2	92/583	15,8%	0,006

Input: 0,979
Significância: 0,009

Range: 0,968

Fonte: Elaboração própria.

Os informantes da faixa etária 2 da localidade de Osório, assim como na rodada inicial das localidades, apresentaram o maior peso relativo (0,974). Em seguida, vêm os falantes da faixa etária 1 da localidade de Caçapava do Sul (0,911) e os da faixa etária 2 da mesma localidade (0,854). Na sequência, vêm: a faixa etária 2 de Passo Fundo (0,845), a faixa etária 1 de Osório (0,774), a faixa etária 2 de Bagé (0,701), a faixa etária 2 de Ijuí

(0,688), a faixa etária 2 de Uruguaiana (0,629), a faixa etária 1 de Chuí (0,625), a faixa etária 2 de Uruguaiana (0,629) e a faixa etária 1 de São Borja (0,526). Já os informantes da faixa etária 2 do Chuí foram os que mais inibiram a palatalização, com peso relativo de 0,006, como já esperado.

Observa-se, a partir desses resultados, que em alguns casos a faixa etária é quem conduz o condicionamento ou a inibição da variante palatal, visto que se observa um padrão: uma mesma localidade condiciona e inibe, a depender da faixa etária, como é o caso de Passo Fundo, Ijuí, São Borja, Santa Maria e Chuí. As demais localidades favoreceram ou inibiram a palatalização independentemente da faixa etária, o que revela que, nesses casos, o condicionamento é mais diatópico.

Na rodada inicial das localidades, tanto Santa Maria quanto Chuí inibiram a palatalização, mas quando partimos para um cruzamento da variável diatópica com a faixa etária, observamos que ambas as localidades favoreceram a palatalização na faixa etária 1. Isso indica que, embora ainda seja um processo tímido, as duas localidades estão passando por um processo de mudança linguística, com os mais jovens aplicando a regra da palatalização.

5.3.3 Cruzamento entre ‘Localidade’ e ‘Sexo’

O último cruzamento realizado foi entre as variáveis ‘Localidade’ e ‘Sexo’, com o objetivo de verificar se há um comportamento diferente entre as mulheres e os homens de cada localidade. Na rodada de percentuais, as mulheres das localidades de Bagé e de Osório apresentaram comportamento categórico para a palatalização. Retirados esses fatores, procedemos à rodada de pesos relativos, cujos resultados estão apresentados na Tabela 12:

Tabela 12: Palatalização de /t, d/ diante de [i] no Rio Grande do Sul e ‘Localidade e Sexo’¹³

Localidade e sexo	Ocorrências/total	Percentual	Peso relativo
Três Passos/Mulheres	213/216	98,6%	0,736
Três Passos/Homens	180/202	89,1%	0,149
Erechim/Mulheres	160/191	83,8%	0,130

¹³ Nesta tabela, apresentamos os resultados por localidade, seguindo a ordem dos pontos da rede do ALiB, para uma melhor visualização do comportamento em cada localidade dos falantes estratificados por sexo.

Erechim/Homens	112/210	53,3%	0,015
Passo Fundo/Mulheres	168/171	98,2%	0,732
Passo Fundo/Homens	185/192	96,4%	0,462
Vacaria/Mulheres	255/267	95,5%	0,341
Vacaria/Homens	249/267	93,3%	0,320
Ijuí/Mulheres	107/112	95,5%	0,073
Ijuí/Homens	292/296	98,6%	0,770
São Borja/Mulheres	167/170	98,2%	0,695
São Borja/Homens	155/160	96,9%	0,504
Flores da Cunha/Mulheres	186/192	96,9%	0,553
Flores da Cunha/Homens	70/171	40,9%	0,011
Santa Cruz do Sul/Mulheres	509/510	99,8%	0,964
Santa Cruz do Sul/Homens	267/269	99,3%	0,846
Santa Maria/Mulheres	200/210	95,2%	0,362
Santa Maria/Homens	171/172	99,4%	0,843
Osório/Mulheres	712/712	100%	-
Osório/Homens	661/666	99,2%	0,909
Uruguaiana/Mulheres	96/98	98%	0,641
Uruguaiana/Homens	216/221	97,7%	0,658
Caçapava do Sul/Mulheres	405/406	99,8%	0,943
Caçapava do Sul/Homens	308/310	99,4%	0,880
Santana do Livramento/Mulheres	232/247	93,9%	0,278
Santana do Livramento/Homens	305/326	93,6%	0,383

Bagé/Mulheres	191/191	100%	-
Bagé/Homens	229/232	98,7%	0,739
Chuí/Mulheres	184/295	62,4%	0,024
Chuí/Homens	243/631	38,5%	0,021
<i>Input: 0,985</i>		<i>Range: 0,854</i>	
Significância: 0,006			

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados desse cruzamento revelaram que o favorecimento da palatalização está mais atrelado às localidades do que ao sexo dos informantes. Grande parte das localidades que favoreceram a regra na rodada de pesos geral, com exceção de Ijuí e Passo Fundo, continuam favorecendo tanto entre os homens quanto entre as mulheres. O mesmo ocorreu em relação às localidades que inibiram a palatalização de /t, d/ diante de [i].

Ijuí e Passo Fundo foram as únicas localidades que apresentaram um comportamento diferente: os homens de Ijuí favoreceram a palatalização, com peso relativo de 0,770, enquanto as mulheres a inibiram, com peso relativo de 0,073; em Passo Fundo, as mulheres favoreceram a regra, com peso relativo de 0,732, enquanto os homens a inibiram, com peso relativo de 0,462. No geral, as mulheres de Santa Cruz do Sul foram as que mais favoreceram a aplicação da regra de palatalização, com peso relativo de 0,964, enquanto os homens de Flores da Cunha foram os que mais a inibiram, com peso relativo de 0,011, confirmando a hipótese de que as mulheres são mais inovadoras em relação ao uso das variantes.

Novamente, percebemos que um novo cenário surge quando realizamos cruzamentos de variáveis: Santa Maria, que inibiu a palatalização inicialmente, passou a favorecer quando considerados apenas os homens, assim como em Três Passos. Flores da Cunha, que também inibiu inicialmente o processo, continuou inibindo entre os homens, mas passou a favorecer a palatalização entre as mulheres. Nesses casos, o sexo dos informantes foi mais relevante do que as localidades, revelando as diferenças de escolha de registros realizadas por homens e mulheres.

Apresentados e interpretados os resultados das variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes no processo de palatalização de /t, d/ diante de [i] no interior do Estado do Rio Grande do Sul, passamos a comentar os resultados das variáveis que foram descartadas pelo GoldVarb X na próxima subseção.

5.4 VARIÁVEIS DESCARTADAS

Das 12 variáveis controladas na pesquisa, o GoldVarb X descartou apenas três delas como estatisticamente irrelevantes: ‘Tonicidade da sílaba’ (tônica ou átona), ‘Vogal antecedente’ ([a, â], [ɛ, e, ê], [i, î], [ɔ, o, ô], [u, û], semivogal anterior [y] ou semivogal posterior [w]) e ‘Sonoridade da consoante’ (surda /t/ ou sonora /d/). Embora não seja possível obter os pesos relativos referentes aos fatores dessas variáveis, os resultados percentuais estão apresentados na Tabela 13, a seguir, a nível de informação e possível contribuição para ampliação do *corpus* e/ou para o refinamento da análise aqui apresentada.

Tabela 13: Percentual de palatalização nas variáveis descartadas

Variável	Fatores	Ocorrências/total	Percentual
Tonicidade da sílaba	Átona	5533/6129	90,3%
	Tônica	2771/3060	90,6%
Vogal antecedente	[a, â]	1843/2032	90,7%
	[ɛ, e, ê]	1931/2093	92,3%
	[i, î, y]	1363/1557	87,5%
	[ɔ, o, ô]	550/612	89,9%
	[u, û, w]	1288/1419	90,8%
Sonoridade da consoante	Consoante surda: /t/	4440/4838	91,8%
	Consoante sonora: /d/	3863/4350	88,8%

Fonte: Elaboração própria.

Considerando apenas os percentuais, é possível dizer que a palatalização de /t, d/ diante de [i] é levemente mais frequente em sílaba tônica – como em *tive* e *dia* –, com percentual de 90,6%; com a vogal antecedente [ɛ, e, ê] – como em *pente* –, com 92,3%, e, por fim, na consoante surda, isto é, na produção de /t/, com percentual de 91,8%.

Contudo é importante ressaltar que apenas uma análise mais aprofundada poderá investigar, de forma elucidativa, quais as influências dessas variáveis sobre a palatalização, visto que seu descarte indica que, nesta pesquisa, elas não apresentaram relevância estatística. Por ora, podemos constatar que os percentuais dos fatores de cada variável são bastante próximos, o que indica o espraiamento da palatalização em todos os contextos: em sílabas tônicas e átonas, após qualquer segmento vocálico antecedente e afetando ambas as oclusivas /t/ e /d/ diante de [i].

Como o índice geral de aplicação da regra no interior do Rio Grande do Sul atinge a casa dos 90%, conforme visto no Gráfico 1, é de se prever que o espriamento da palatalização de /t, d/ diante de [i] no estado atinja cada vez mais contextos, sobretudo linguísticos, visto que se trata de uma variação sem estigma.

Expostos e comentados os resultados da pesquisa ora realizada, na próxima seção tecemos as considerações finais desta dissertação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assumindo como base teórico-metodológica a Dialetologia (Ferreira; Cardoso, 1994; Cardoso, 2010; Thun, 2017) e a Sociolinguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]), esta dissertação de mestrado se voltou para a análise da palatalização de /t, d/ diante de [i] – vogal fonológica e vogal derivada – em 16 localidades do interior do Estado do Rio Grande do Sul, a partir de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Foram analisados dados de um total 64 informantes (quatro de cada localidade), estratificados por sexo e faixa etária, tendo sido consideradas variáveis linguísticas e sociais, além da diatopia e de uma variável estilística.

Em geral, o fenômeno da palatalização é um processo fonológico em que a língua se aproxima do palato durante a produção do som, geralmente por influência de uma vogal palatal, como [i]. No Brasil, a variante palatal é considerada inovadora, pois não foi herança do português lusitano, local onde predomina a articulação dentoalveolar. Essa palatalização distingue o português brasileiro das demais variedades, além de ser um fenômeno multifacetado, visto que pode ocorrer de diferentes formas e a partir de diferentes fatores linguísticos e sociais, a depender da localidade, caracterizando um caso de variação pluridimensional.

Nos inquéritos do ALiB, são realizadas algumas perguntas específicas que visam à produção da articulação de /t, d/ diante de [i], como a pergunta de número 55 (Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a __?), cuja resposta seria *noite*, e a pergunta 56 (E depois da noite, o que é que vem?), cuja resposta seria *dia*. Entretanto o *corpus* desta pesquisa foi constituído por meio da audição dos inquéritos de maneira integral (com exceção do texto para leitura), ou seja, foram consideradas e transcritas foneticamente todas as produções de /t, d/ diante de [i], vogal fonológica ou derivada, e não somente das perguntas específicas. Posteriormente, foi feita a codificação e a rodada dos dados pelo programa estatístico GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005) para análise qualitativa dos resultados.

Para responder à questão “Como se configura o fenômeno ora estudado nas localidades do interior do Rio Grande do Sul?”, esta pesquisa teve os seguintes objetivos: (1) descrever qual a realização predominante de /t, d/ diante da vogal [i] no Rio Grande do Sul; (2) verificar se há diferenças dialetais entre as localidades quanto a esse fenômeno variável; (3) identificar os condicionamentos linguísticos da variação analisada; (4) verificar

se variáveis extralinguísticas, como faixa etária e sexo do informante, apresentam correlação com a variação analisada.

Todos os objetivos foram cumpridos. Quanto ao objetivo (1), foram obtidos, no total, 9.188 dados. Destes, 8.303 (90%) foram de realização palatal, enquanto 885 (10%) foram de realização dentoalveolar. Logo a predominância para a realização de /t, d/ diante de [i] nas localidades investigadas no Rio Grande do Sul é a articulação palatal.

Respondendo ao objetivo (2), obteve-se, como primeira variável estatisticamente relevante, a localidade, ou seja, há, sim, diferenças dialetais entre as cidades consideradas. Na rodada de percentuais, a localidade de São José do Norte apresentou 100% de dados palatais, sendo excluída da análise posterior por não haver variação. Na rodada de pesos relativos, os dados apontaram Osório como a localidade de maior peso relativo para a palatalização, alcançando um percentual de 99,6% e um peso relativo de 0,923 para o fenômeno. Além dessa, outras localidades favoreceram a aplicação da palatalização, como Caçapava do Sul (0,885), Santa Cruz do Sul (0,879), Bagé (0,816), Uruguaiana (0,651), Ijuí (0,649), São Borja (0,528) e Passo Fundo (0,505). As demais localidades inibiram o processo, em especial o Chuí, que apresentou menor peso relativo (0,019) e apenas 46,1% de percentual para a regra de palatalização. Com isso, foi concluído que a variação é especialmente diatópica e que nas regiões, a depender da sua localização, influências de imigrantes e contatos linguísticos podem favorecer ou inibir esse processo.

Quanto ao objetivo (3), observou-se que há, de fato, influência de condicionamentos linguísticos para a palatalização nessas comunidades. Os grupos de fatores ‘Natureza da vogal’, ‘Posição da sílaba’, ‘Classe de palavras’ e ‘Consoante antecedente’ foram selecionados como estatisticamente relevantes, comprovando essa correlação. Quanto à ‘Natureza da vogal’, a vogal fonológica favoreceu a palatalização, com peso relativo de 0,601, enquanto a derivada, fruto do alçamento da vogal média em posição átona, a inibiu, com peso relativo de 0,371. Em relação à ‘Posição da sílaba’, a posição medial favoreceu a aplicação da regra, com peso relativo de 0,515. Quanto à variável ‘Classe de palavras’, foram as preposições que mais favoreceram a palatalização, com peso de 0,630, seguidas dos numerais (0,609), dos pronomes (0,568) e dos adjetivos (0,519). Por fim, quanto à ‘Consoante antecedente’, os róticos favoreceram a regra, com peso relativo de 0,522, seguidos da consoante palatal, que apresentou peso relativo de 0,507.

Já em relação ao último objetivo, também foi confirmada a influência dos fatores sociais ‘Faixa etária’ e ‘Sexo’, para além do fator diatópico. A faixa etária 1 (18 a 30 anos) favoreceu a aplicação da regra, como já esperado, com peso relativo de 0,795, enquanto a

faixa etária 2 (50 a 65 anos) a inibiu, com peso relativo de 0,225, dando indícios de uma mudança em curso, considerado o tempo aparente. Já em relação ao ‘Sexo’, também como esperado, as mulheres favoreceram a palatalização (com peso relativo de 0,654), enquanto os homens a inibiram (com peso relativo de 0,355), o que confirma a força feminina na expansão da palatalização, visto que as mulheres, em geral, tendem a preferir as variantes de maior prestígio social, o que parece ser o caso da realização palatalizada de /t, d/ diante de [i] no Brasil.

Além das citadas anteriormente, a variável ‘Tipo de registro’ também foi selecionada pelo GoldVarb X, demonstrando que as partes mais monitoradas dos inquiridos – QFF e QSL – favorecem a palatalização (com peso relativo de 0,522), enquanto as demais partes, menos monitoradas, a inibem (com peso relativo de 0,460). Isso revela que, em geral, as situações mais formais, como a entrevista, geram a tentativa de aproximação do informante à norma de prestígio, e é justamente nas partes mais monitoradas que essa adequação da fala é favorecida no Rio Grande do Sul.

Com os resultados desta pesquisa, espera-se contribuir para o avanço do mapeamento e da descrição do português brasileiro e com o desenvolvimento do Projeto ALiB, em busca de um maior entendimento dos fenômenos variáveis na língua portuguesa e seus condicionamentos linguísticos e sociais. Espera-se também que este trabalho possa auxiliar no desenvolvimento de futuros estudos sobre o tema e de outras pesquisas dialetais e sociolinguísticas.

Seria interessante, em trabalhos futuros, por exemplo, verificar o estágio da palatalização nessas mesmas localidades estudadas nesta pesquisa, visto que já se vai mais de uma década da coleta de dados do ALiB, bem como em outras localidades do Rio Grande do Sul. Também é importante a comparação dos resultados desse estado com os de Santa Catarina¹⁴, observando, sobretudo, a área fronteira. Outro possível rumo para o avanço do estudo desse fenômeno é observá-lo em falantes com nível universitário, pois o ALiB só entrevistou informante com o nível médio nas localidades do interior do Brasil.

Enfim, há muito ainda a ser feito, pois a pesquisa linguística, sobretudo em sua relação com a sociedade, nunca se esgota. Esgota-se um trabalho, pois que há prazos e limitações, mas a ciência continua. Deixamos aqui a nossa contribuição, para que inspire outros interessados pelo maravilhoso universo da linguagem humana em sua diversidade de usos!

¹⁴ No momento, a Profa. Juliana Scalier Gayer, da UFBA, que também integra a equipe de pesquisadores do ALiB, está analisando os dados desse estado e do Paraná.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Bernardete; PAGOTTO, Emílio. Palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: ABAURRE, Maria Bernardete; RODRIGUES, Ângela C. S. (org.). **Gramática do português falado**. v. 8: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. p. 557-601.
- ABRÃO, Nicolau da Silveira. **História do Município de Caçapava do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994. 2v.
- ALMEIDA, Marco Antônio Bomfoco. **A variação das oclusivas dentais na comunidade bilíngue de Flores da Cunha**: uma análise quantitativa. 2000. 106f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- ALTINO, Fabiane Cristina. **Atlas lingüístico do Paraná II**. 2007. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: O Livro, 1920.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva; BEZERRA DE MENEZES, Cleuza P. **Atlas lingüístico da Paraíba**. Brasília: UFPB/CNPq; Coordenação Editorial, 1984. 2v.
- ASSIS, Maysa Almeida. **A realização de /t, d/ diante de [i] no interior do Ceará**: análise de dados do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB). 2023. 37f. TCC (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2023.
- AZAMBUJA, Péricles. **História das terras e mares do Chuí**. Caxias do Sul: EDUCS, 1978.
- BALBI, Adriano. **Atlas ethnographique du globe**. Paris: Rey et Grav, 1826.
- BATTISTI, Elisa. Variação, mudança fônica e identidade: a implementação da palatalização de /t/ e /d/ em um falar de português brasileiro. **Diadorim**, v. 8, n. 1, Rio de Janeiro, p. 61-70, 2011.
- BATTISTI, Elisa; DORNELLES FILHO, Adalberto Ayjara. Análise em tempo real da palatalização de /t/ e /d/ no português falado em uma comunidade ítalo-brasileira. **Revista da ABRALIN**, v. 14, n. 1, p. 221-246, jan./jun. 2015.
- BATTISTI, Elisa; GUZZO, Natália. Palatalização das oclusivas alveolares: o caso de Chapecó-SC. In: BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela (org.). **Português do sul do Brasil**: variação fonológica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 114-140.
- BESSA, José Rogério Fontenelle (coord.). **Atlas lingüístico do Estado do Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 2010. 2v.
- BISOL, Leda. A palatalização e sua restrição variável. **Estudos Lingüísticos e Literários**, n. 5, Salvador, p. 163-177, 1986.
- BISOL, Leda. **Harmonização vocálica**: uma regra variável. 332p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.
- BISOL, Leda. Palatalization and its variable restriction. **International Journal of Sociology**

of Language, n. 89, p. 24-107, 1991.

BRASIL. Decreto n.º 30.643, de 20 de março de 1952. Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre seu funcionamento. **Diário Oficial da União**, seção 1, Rio de Janeiro, 1952, v. 2, p. 4665, 20 mar. 1952. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-30643-20-marco-1952-339719-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 10 fev. 2025.

BRIGHT, William (org.). Sociolinguistics. In: THE UCLA SOCIOLINGUISTICS CONFERENCE, 3, 1964. **Proceedings...** Mouton: The Hague, 1966.

BULCÃO, Caroline Lima; OLIVEIRA, Josane Moreira. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): A realização de /t, d/ diante de [i] em Caruaru e Garanhuns – PE**. 2018. Artigo inédito.

CALLOU, Dinah; BRANDÃO, Sílvia. O processo de palatalização no português do Brasil. **Linguística**, v. 18, Madrid, p. 57-73, 2006.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 20. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. **Atlas linguístico do Brasil**, v. 1: Introdução. Londrina: EDUEL, 2014a.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. **Atlas linguístico do Brasil**, v. 2: Cartas linguísticas 1. Londrina: EDUEL, 2014b.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? **Revista do GELNE**, v. 4, n. 2, p. 1-16, 2002.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Atlas linguístico de Sergipe II**. Salvador: EDUFBA, 2005.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Sobre a africada [tʃ] no português do Brasil. **Dialectologia et Geolinguística – Journal of the International Society for Dialectology and Geolinguistics**, v. 1, München, p. 92-111, 1993.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade. Projeto Atlas Linguístico do Brasil: antecedentes e estágio atual. **Alfa: Revista de Linguística**, v. 56, São José do Rio Preto, p. 855-870, 2012.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade. Percursos da geolinguística no Brasil. **Linguística**, v. 29, n. 1, Montevideo, p. 115-142, 2013.

CARMO, Paloma Maraisa Oliveira; BAIA, Maria de Fátima de Almeida. Palatalização no falar de Macaúbas – BA. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 7, Vitória da Conquista, 2014. **Anais...** Vitória da Conquista: UESB, 2014, p. 301-306.

CARVALHO, Ana Maria. “I speak like the guys on TV”: palatalization and the urbanization of Uruguayan Portuguese. **Language Variation and Change**, v. 16, n. 2, p. 127-141, 2004.

CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Peter. **La dialectología**. Madrid: Visor Libros, 1994.

- COMITÊ NACIONAL do Projeto ALiB. **Atlas linguístico do Brasil**. Questionários 2001. Londrina: EDUEL, 2001.
- COSERIU, Eugenio. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.
- COUPLAND, Nikolas. Accomodation at work. **International Journal of the Sociology of Language**, n. 4-6, p. 49-70, 1984.
- CUNHA, Celso. Conservação e inovação no português do Brasil. **O Eixo e a Roda**, v. 5, Belo Horizonte, p. 199-230, 1986.
- DUTRA, Eduardo. **A palatalização das oclusivas dentais /t, d/ no município do Chuí, Rio Grande do Sul**. 2007. 133f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Reviews**, v. 41, p. 87-100, jun. 2012.
- FERREIRA, Carlota. Atlas Prévio dos Falares Baianos. Alguns aspectos metodológicos. In: AGUILERA, Vanderci. **A Geolinguística no Brasil**. Caminhos e perspectivas. Londrina: EDUEL, 1998.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **A Dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.
- FERREIRA, Carlota et al. **Atlas lingüístico de Sergipe**. Salvador: UFBA/Fundação de Cultura de Sergipe, 1987.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística no/do Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 58, n. 3, p. 445-460, set./dez. 2016.
- FREITAG, Raquel Meister Ko; MARTINS, Marco Antônio; TAVARES, Maria Alice. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **Alfa: Revista de Linguística**, v. 56, São José do Rio Preto, p. 917-944, 2012.
- FREITAS, Beatriz Silva. **A realização de /t, d/ diante de [j] no interior do Piauí**: análise de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). 2025. 35f. TCC (Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2025.
- GILES, Howard. Accent mobility: a model and some data. **Anthropological Linguistics**, v. 15, p. 87-105, 1973.
- GILLIÉRON, Jules; EDMONT, Edmond. **Atlas linguistique de la France (ALF)**. Paris: Honoré Champion, 1902-1910.
- HORA, Demerval. **A palatalização das oclusivas dentais**: variação e representação não-linear. 1990. 292f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Bagé – RS**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/bage.html>. Acesso em: 30 mai. 2025.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Caçapava do Sul – RS**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/cacapava-do-sul.html>. Acesso em: 30 mai. 2025.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Chuí– RS**. Rio de

Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/chui.html>. Acesso em: 30 mai. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Erechim – RS**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/erechim.html>. Acesso em: 30 mai. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Flores da Cunha – RS**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/flores-da-cunha.html>. Acesso em: 30 mai. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Ijuí – RS**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/ijui.html>. Acesso em: 30 mai. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Osório – RS**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/osorio.html>. Acesso em: 30 mai. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Passo Fundo – RS**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/passo-fundo.html>. Acesso em: 30 mai. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Região Sul do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/sul-brasil.html>. Acesso em: 30 mai. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Santa Cruz do Sul – RS**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/santa-cruz-do-sul.html>. Acesso em: 30 mai. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Santa Maria – RS**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/santa-maria.html>. Acesso em: 30 mai. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Santana do Livramento – RS**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/santana-do-livramento.html>. Acesso em: 30 mai. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **São Borja – RS**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/sao-borja.html>. Acesso em: 30 mai. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **São José do Norte – RS**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/sao-jose-do-norte.html>. Acesso em: 30 mai. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Três Passos – RS**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/tres-passos.html>. Acesso em: 30 mai. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Uruguaiana – RS**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/uruguaiana.html>. Acesso em: 30 mai. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Vacaria – RS**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/vacaria.html>. Acesso em: 30 mai. 2025.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Capitais brasileiras: um olhar para a história da cidade e a história do nome. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. **Atlas linguístico do Brasil**, v. 1: Cartas linguísticas 1. Londrina: EDUEL, 2014.

KAMIANECKY, Fernanda. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades de Porto Alegre e Florianópolis**: uma análise quantitativa. 2002. 133f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

KOCH, Walter; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMANN, Silfredo (org.). **Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS**: cartas fonéticas e morfossintáticas. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

KURATH, Hans. **Linguistic atlas of New England**. Providence: Brown University Press, 1939.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, William. **Principles of linguistic change**: social factors. Cambridge: Blackwell Publishers, 2001.

LABOV, William. **The social stratification of English in New York City**. Washington: Center for Applied Linguistics, 2006 [1966].

LAFIN, Gabrielle Carvalho. **O contato linguístico português-espanhol na fronteira entre Brasil e Uruguai**: estado da pesquisa e perspectivas futuras. Monografia (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/39426/000824079.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 28 dez. 2025.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

MARCHESAN, Ani Carla; ROCHA, Patrícia Graciela; MARGOTTI, Felício Wessling. A palatalização das oclusivas coronais anteriores /t/ e /d/ no português de contato com o italiano em Santa Catarina. In: ENCONTRO DO CELSUL (Círculo de Estudos Linguísticos do Sul), 7, 2007, Pelotas. **Anais...** Pelotas: Universidade Católica de Pelotas, 2007.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. 2004. 330f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MATTÉ, G. D. A palatalização variável de /t,d/ em Caxias do Sul. **Cadernos do IL**, n. 38, Porto Alegre, p. 43-55, 2009.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Fluxo e refluxo: uma retrospectiva da Linguística Histórica no Brasil. **D.E.L.T.A.**, v. 4, n. 1, p. 85-113, 1988.

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004a. p. 9-14.

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004b. p. 27-31

MOTA, Jacyra Andrade.; OLIVEIRA, Josane Moreira. As consoantes oclusivas /t, d/ diante de [i]. In: MOTA, Jacyra Andrade; RIBEIRO, Silvana Soares Costa; OLIVEIRA, Josane Moreira (org.). **Atlas linguístico do Brasil**, v. 3: Comentários às cartas linguísticas 1. Londrina: EDUEL, 2023. p. 117-135.

MOTA, Jacyra Andrade; OLIVEIRA, Josane Moreira. Palatalização das consoantes oclusivas /t, d/ diante da vogal anterior alta nos dados do ALiB. In: MALCUORI, Marisa; ROSA, Juan Justino (org.). **La escuela uruguaya de lingüística: homenaje al Prof. Adolfo Elizaincín**. Montevideo: Academia Nacional de Letras, 2025. p. 127-133.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice. Sobre a dialetologia no Brasil. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (org.). **Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-34.

MOTA, Jacyra Andrade; RIBEIRO, Silvana Soares Costa; OLIVEIRA, Josane Moreira (org.). **Atlas linguístico do Brasil**, v. 3: Comentários às cartas linguísticas 1. Londrina: EDUEL, 2023.

MOTA, Jacyra Andrade; SANTOS, Amanda M. Onde estão as “africadas baianas”? In: ALTINO, Fabiane Cristina (org.). **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci Andrade Aguilera**. Londrina: Midiograf, 2012. p. 189-209.

MOTA, Jacyra Andrade; SILVA, Amanda dos Reis. Sociolinguística, uma disciplina histórica: retrospectiva, desenvolvimentos e aplicações. **Macabéa**, v. 8, n. 2, Fortaleza, p. 11-35, 2019.

NARO, Anthony Julius. The social and structural dimensions of a syntactic change. **Language**, v. 57, Washington, Linguistic Society of America, p. 63-98, 1981.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1922].

OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline; PAIVA, Maria da Conceição. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline; SCHERRE, Maria Marta Pereira (org.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 335-378.

OLIVEIRA, Josane Moreira. A sociolinguística laboviana: festejando o cinquentenário e planejando o futuro. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 58, n. 3, Campinas, p. 481-501, 2016.

OLIVEIRA, Mateus da Silva. **Palatalização de /t, d/ diante de /i/ no português brasileiro falado na comunidade quilombola Maria Ribeira (Garupá/PA)**. 2023. 21f. TCC (Licenciatura em Educação do Campo) – Universidade Federal do Pará, Altamira, 2023.

PAGOTTO, Emílio Gozze. **Variação e identidade**. 2001. 324f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

PAIM, Marcela Moura Torres. **Tudo é diverso no universo**. Salvador: Quarteto, 2019.

PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 33-42.

PALMA, Maria Luiza Canavarros. O falar cuiabano em Mato Grosso: estigma, status e atalhos. In: ALMEIDA, Manuel Mourivaldo Santiago; COX, Maria Inês Pagliarini (org.). **Voices cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso**. Cuiabá: Cathedral, 2005. p. 139-166.

PIRES, Lisiane Buchholz. A palatalização das oclusivas dentais em São Borja. **ReVEL** – Revista Virtual de Estudos da Linguagem, n. 1, p. 1-23, 2007.

RAMOS, Alexandre Costa. **Fatores de atração migratória no litoral norte do Rio Grande do Sul e o desenvolvimento regional**: um estudo a partir dos municípios de Capão da Canoa e de Osório. 2014. 122f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz, Santa Cruz do Sul, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/758/1/AlexandreCosta.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2025.

RIBEIRO, José et al. **Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

RIBEIRO, Marana de Almeida Moreira. **A palatalização das oclusivas dentoalveolares antes de [j] no interior baiano**. 2018. 111f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Trad. de Emery Ruas. Porto Alegre: Globo, 1969.

ROMANO, Valter Pereira. Balanço crítico da geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos**, n. 13, Londrina, p. 203-242, 2013.

ROMANO, Valter Pereira. Desdobramentos, desafios e perspectivas da geolinguística pluridimensional no Brasil. In: MOTA, Jacyra Andrade et al. (org.). **Contribuições de estudos geolinguísticos para o português brasileiro**: uma homenagem a Suzana Cardoso. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 11-39.

ROSSI, Nelson. **Atlas prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

SALES FILHO, Antônio César Bispo. **A realização de /t, d/ diante de [i] em Ipu e Tauá – CE**: análise de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). 2024. 37f. TCC (Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2024.

SANCHES, Romário Duarte. Palatalização de /d/ diante de /i/ e /e/ no falar amapaense. **Primeira Escrita**, v. 7, p. 74-82, 2019.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. **GoldVarb X**: a multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.

SANTOS, Leandro Almeida. **Pra eu e pra mim fazer**: traços sociodialetais nas capitais brasileiras. 2023. 285f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO DO RIO GRANDE DO SUL. **Atlas socioeconômico do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/inicial>. Acesso em: 20 mai. 2025.

ŠILEIKAITĖ-KAISHAURI, Diana. Einführung in die Phonetik und Phonologie des Deutschen. Lituania: Universität Vilnius Philologische Fakultät, 2015. Disponível em: http://web.vu.lt/flf/d.sileikaite/files/2015/06/SileikaiteKaishauri_2015_Phonetik_VU.pdf. Acesso em: 27 dez. 2025.

SILVA NETO, Serafim. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 5. ed. Rio

de Janeiro: Presença, 1986 [1950].

SILVA, Greize Alves; ROMANO, Valter Pereira. O atlas linguístico do Brasil e os atlas de pequeno domínio: complementações e propósitos. In: SILVA, Greize Alves; ROMANO, Valter Pereira. (org.). **Tendências da Geolinguística brasileira e a nova geração de atlas linguísticos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 17-46.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2012.

SIMÕES, Dayse de Sousa Lorenzo; ALTINO, Fabiane Cristina. A vogal média anterior /e/ postônica final no Rio Grande do Sul: um estudo diatópico com os dados Atlas Linguístico do Brasil. **Revista Primeira Escrita**, n. 6, Aquidauana, p. 20-32, 2019.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues; UEDA, Vanda. Cidades médias e modernização do território no Rio Grande do Sul. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **Cidades médias**: cidades em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 379-411.

SOBARZO, Oscar. O urbano e o rural em Henri Lefebvre. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITAKER, Arthur Magon (org.). **Cidade e campo**: relações e contradições entre urbano e rural. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 53-64.

SOUZA, Milena Pereira; MOTA, Jacyra Andrade. O que podi ou podji esta língua: as consoantes oclusivas /d, t/ diante da vogal alta /i/ em dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil. In: CONGRESSO DA ALFAL, 15, Montevideo, 2008. **Actas...** Montevideu: ALFAL, 2008, p. 1-7.

TELES, Ana Regina Ferreira. **Cartografia e georreferenciamento na Geolinguística**: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes. 2018. 483f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018).

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Trad. de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

THOMASON, Sarah Grey. Contact as a source of language change. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (ed.). **A handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 687-712.

THOMASON, Sarah Grey; KAUFMAN, Terrence. **Language contact, creolization and genetic linguistics**. Berkeley: University of California Press, 1991.

THUN, Harald. O velho e o novo na geolinguística. Trad. de Cláudia Pavan, Gabriel Schmitt, Eduardo Nunes e Viktorya Santos. **Cadernos de Tradução**, n. 40, Porto Alegre, p. 59-81, 2017.

THUN, Harald; ELIZAINCÍN, Adolfo. **Atlas lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay** (ADDU). Kiel: Westensee Verlag, 2000.

TRUDGILL, Peter. **Dialects in contact**. Oxford: Blackwell, 1986.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

WIKIPÉDIA. Bagé (Rio Grande do Sul). **Wikipédia**: a enciclopédia livre. San Francisco: Wikimedia Foundation, 2025. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bag%C3%A9>. Acesso em: 2 jul. 2025.

WIKIPÉDIA. Caçapava do Sul (Rio Grande do Sul). **Wikipédia**: a enciclopédia livre. San Francisco: Wikimedia 45 Foundation, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ca%C3%A7apava_do_Sul. Acesso em: 2 jul. 2025.

WIKIPÉDIA. Chuí (Rio Grande do Sul). **Wikipédia**: a enciclopédia livre. San Francisco: Wikimedia 45 Foundation, 2025. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Chu%C3%AD>. Acesso em: 2 jul. 2025.

WIKIPÉDIA. Erechim (Rio Grande do Sul). **Wikipédia**: a enciclopédia livre. San Francisco: Wikimedia 45 Foundation, 2025. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Erechim>. Acesso em: 2 jul. 2025.

WIKIPÉDIA. Flores da Cunha (Rio Grande do Sul). **Wikipédia**: a enciclopédia livre. San Francisco: Wikimedia 45 Foundation, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Flores_da_Cunha. Acesso em: 2 jul. 2025.

WIKIPÉDIA. Ijuí (Rio Grande do Sul). **Wikipédia**: a enciclopédia livre. San Francisco: Wikimedia 45 Foundation, 2025. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Iju%C3%AD>. Acesso em: 2 jul. 2025.

WIKIPÉDIA. Santana do Livramento (Rio Grande do Sul). **Wikipédia**: a enciclopédia livre. San Francisco: Wikimedia 45 Foundation, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sant%27Ana_do_Livramento. Acesso em: 2 jul. 2025.

WIKIPÉDIA. São Borja (Rio Grande do Sul). **Wikipédia**: a enciclopédia livre. San Francisco: Wikimedia 45 Foundation, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Borja. Acesso em: 2 jul. 2025.

WIKIPÉDIA. Três Passos (Rio Grande do Sul). **Wikipédia**: a enciclopédia livre. San Francisco: Wikimedia 45 Foundation, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tr%C3%AAs_Passos. Acesso em: 2 jul. 2025.

WIKIPÉDIA. Vacaria (Rio Grande do Sul). **Wikipédia**: a enciclopédia livre. San Francisco: Wikimedia 45 Foundation, 2025. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Vacaria>. Acesso em: 2 jul. 2025.